

William Alexander

O SEGREDO DOS GOBLINS



ROCCO
JOVENS LEITORES



William Alexander

O SEGREDO DOS GOBLINS

Tradução
Waldéa Barcellos

ROCCO
JOVENS LEITORES

para Liam

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PRIMEIRO ATO

Primeiro Ato, Cena I

Primeiro Ato, Cena II

Primeiro Ato, Cena III

Primeiro Ato, Cena IV

Primeiro Ato, Cena V

Primeiro Ato, Cena VI

Primeiro Ato, Cena VII

Primeiro Ato, Cena VIII

SEGUNDO ATO

Segundo Ato, Cena I

Segundo Ato, Cena II

Segundo Ato, Cena III

Segundo Ato, Cena IV

Segundo Ato, Cena V

Segundo Ato, Cena VI

Segundo Ato, Cena VII

Segundo Ato, Cena VIII

Segundo Ato, Cena IX

TERCEIRO ATO

Terceiro Ato, Cena I

Terceiro Ato, Cena II

Terceiro Ato, Cena III

Terceiro Ato, Cena IV

Terceiro Ato, Cena V

Terceiro Ato, Cena VI

Terceiro Ato, Cena VII

Terceiro Ato, Cena VIII

Terceiro Ato, Cena IX

Terceiro ato, Cena X

Agradecimentos

Créditos



PRIMEIRO
ATO

Primeiro Ato, Cena I



ROWNIE ACORDOU QUANDO GRABA, de lá de cima, bateu no teto. A poeira do estuque desceu flutuando no ar por causa das batidas. Ela bateu outra vez. Cestas estavam penduradas por correntes nas vigas, e elas balançaram com as batidas de Graba.

Rownie se sentou e piscou para tirar de um olho a areia do sono e a poeira do estuque. O chão inteiro estava coberto com uma cama feita de palha, cobertores costurados a partir de roupas roubadas e irmãos adormecidos. Dois dos seus irmãos, Borrão e Barbicha, engatinharam para fora da palha. Borrão tinha o cabelo laranja, sardas laranja e dentes laranja. Barbicha era o mais velho e o mais alto, e gostava de dizer que tinha barba. Não tinha. Tinha uns poucos pelos na ponta do queixo e nas bochechas perto das orelhas.

Sua irmã Vass entrou, vindo do quarto das meninas, que na verdade era o mesmo quarto, com um cobertor pendurado no meio de um lado a outro. Vass já era seu nome antes de ela vir morar com Graba. Às vezes os netos de Graba mantinham o nome que tinham antes. Às vezes eles criavam nomes para si mesmos. Borrão e Barbicha tinham inventado os próprios nomes.

— Depressa — disse Vass, irritada.

Rownie se levantou, penteou o cabelo com os dedos para tirar a palha e saiu cambaleando do meio do quarto. Ficou parado junto a Vass e Borrão, enquanto Barbicha puxava a corda que baixava a escada do teto. Junto com ela veio o cheiro embolorado do sótão de Graba.

Vass subiu. Os outros a seguiram. Rownie foi o último.

Havia aves por toda parte no sótão de Graba. A maioria era de pombos, cinzentos e sujos. Algumas eram galinhas. Umas aves maiores e mais estranhas estavam empoleiradas em cantos escuros, vigiando.

Graba estava empoleirada num banco perto do fogão de ferro, com as pernas escondidas por baixo do volume de sua saia cinza.

— Quatro netos — disse ela. — Hoje estou com quatro de vocês. O suficiente para o que estou planejando agora.

A palavra *avó* não significava “mãe da mãe” nem “mãe do pai” para Rownie, nem para as diversas outras crianças que às vezes moravam no barraco de Graba. Pais ou mães também não faziam parte daquela família, e a palavra *avó* queria dizer simplesmente “Graba”.

As quatro crianças se alinharam diante do banco, esperando. Duas galinhas ciscavam nas tábuas do assoalho ali perto, em busca de sementes.

— Preciso que levem ovos para a banca de Haggot na feira. — Ela apontou para Barbicha e Borrão, mas não disse seus nomes. Era provável que nem soubesse. — Hoje ele está na feira do Lado Norte. Troquem os ovos por grãos, a melhor ração para galinhas que conseguirem encontrar, e tragam para mim. Tratem de fazer isso agora.

— Sim, Graba. — Barbicha apanhou um caixote de madeira cheio de palha e ovos. Todos os quatro irmãos se voltaram para sair.

— Esperem um pouco — pediu Graba. Ela tirou uma bolsinha de couro que estava pendurada em seu pescoço e a entregou a Vass. — Pendure isso acima das correntes na porta da Torre do Relógio. Cante o feitiço que lhe ensinei ontem de noite, e fique afastada enquanto canta. Agora, tome cuidado com isso. É um presente de boas-vindas, de volta ao lar, e está quase maduro.

Vass pegou a bolsinha com cuidado.

— O que tem aqui dentro? — perguntou.

— Um crânio de ave recheado com outras coisas. Faça isso direito e pode ser que eu a ensine a preparar um.

— Sim, Graba — disse Vass.

— Podem ir — falou Graba. — Todos menos o nanico, o menorzinho. Rownie deve ficar esperando comigo.

Rownie esperou. Ele se perguntava por que Graba sabia *seu* nome. Ela sabia o nome daqueles que vigiava, e nem sempre era bom estar sob a mira de Graba.

Ele ficou escutando Vass, Barbicha e Borrão descenderem a escada vertical.

— Pois não, Graba? — perguntou Rownie.

— Os ossos da minha perna pararam — disse ela. — Dê corda neles para mim agora. — Ela estendeu uma perna mecânica que estava debaixo do banco. O formato era de um pé de ave, com três longos dedos-garras na parte da frente e um atrás, no calcanhar. O membro inteiro era feito de cobre e madeira.

Rownie desencaixou a manivela da canela de Graba e deu corda, olhando as engrenagens ali dentro girando contra as correntes e molas.



Graba sempre dizia que o sr. Scrud, o mecânico local, não tinha capacidade para fazer pernas com forma humana. Vass dizia aos cochichos que Graba precisava de pernas de galinha para sustentar sua enormidade toda, que nada menor do que aquilo daria conta do peso e que Graba hoje não conseguiria andar se não tivesse perdido as pernas normais com que tinha nascido.

Barbicha dizia que Graba tinha sido marinheira, ou bruxa de bordo, e que tinha perdido as pernas num ataque de piratas. Ele dizia que Graba matou alguns dos piratas com um olhar, uma risada e uma mecha de seu cabelo, antes que eles amputassem suas pernas com espadas enferrujadas. Ele sempre prolongava a palavra “enferrujadas” quando contava a história. “Espadas enferrrrrrrujadas! Ha!” E então batia em Rownie com um pau por trás do joelho para fazê-lo se curvar de dor.

Barbicha contava essa história a toda hora. Na primeira vez, Rownie tinha chorado, e os outros netos de Graba riram dele. Na segunda vez, já

caído no chão, Rownie tinha olhado com raiva para Barbicha. Na terceira vez em que Barbicha contou a história, Rownie caiu para trás de propósito, jogando as mãos para o alto e imitando a voz esganiçada de Graba: “Maldito seja, Rei dos Piratas!” (Àquela altura, a história tinha se desenvolvido, e os piratas comuns do Rio tinham se transformado numa barcaça cheia, comandada pelo Rei de Todos os Piratas.)

Todos riram. Barbicha o ajudou a se levantar e, depois disso, não batia em Rownie com tanta força enquanto contava a história dos piratas, porque Rownie não teria como dizer sua fala se estivesse arfando de dor e segurando a perna. Ainda doía, mas não tanto.

Agora a história era quase uma peça. Isso era perigoso. Apresentações teatrais eram proibidas por lei em Zombay.



Rownie acabou de girar a manivela da perna esquerda até o fim e a dobrou para se encaixar na canela. Graba recolheu a perna esquerda e então esticou a direita. Rownie puxou a manivela e deu uma volta. O treco deu um guincho forte e agudo. Graba agitou as mãos e amarrou a cara.

— Precisa de óleo — disse ela. Estendeu a mão para cima, por entre os caibros, até um dos ninhos. Apanhou um pequeno ovo castanho e o atirou dentro da boca. Ele foi esmigalhado. — Não sobrou nenhum óleo de máquina — disse ela, com a boca cheia da casca de ovo quebrada. — Vá agora à oficina de Scrud pegar um frasco pequeno. Paguei a mais pelo conserto da perna, e ele está me devendo. Não deixe que ele o convença de nenhuma outra coisa.

— Sim, Graba — disse Rownie. Ele encaixou a manivela de volta no lugar, desviou-se de uma galinha e desceu a escada correndo.

Pegou o casaco, apesar de lá fora estar quente demais para casacos, e tentou sair pela porta. A porta não quis se mexer. Rownie se lembrou de que ela não podia se mexer. De vez em quando, Graba mudava a casa de lugar. Mandava todo mundo sair, levantava o barraco do chão e ia para outro canto. Então, deixava que todos entrassem na casa novamente depois que a encontravam, se realmente a encontrassem. Na última vez que Graba

mudou a casa de lugar, ela pôs a porta da frente encostada numa parede vizinha.

— É só sair por uma janela — disse ela quando Vass se queixou. — Gosto mais da vista desse jeito.

Rownie passou pela janela e com um salto alcançou a rua.

Primeiro Ato, Cena II



O LADO SUL DA CIDADE era empoeirado. Rownie procurou não pisar em nenhuma das pilhas de poeira que estavam espalhadas pela rua. Todos os dias, de manhã, os varredores limpavam suas casas e deixavam grandes pilhas marrons diante da soleira das portas. Todos os dias, a poeira voltava lá para dentro devagar e cobria os pisos. Havia uma espécie de peixe que nadava na poeira do Lado Sul; e uma espécie de ave que pescava com seu bico comprido nas dunas de poeira. A vida dos varredores ficava interessante durante a estação de desova dos peixes da poeira.

Rownie vestiu o casaco, que era muito, mas muito grande para seu tamanho. O casaco era da cor da poeira, ou então estava tão coberto de poeira que não conseguia se lembrar de ter tido nenhuma outra cor. Bem que Rownie queria que Graba o tivesse mandado à feira com os outros, em vez de à oficina do sr. Scrud. Estava com fome. Graba nunca alimentava a família, mas ela costumava mandar as crianças cumprir tarefas relacionadas à comida. Os outros comprariam pão e doces para si, além da ração das galinhas, e os comeriam no caminho de volta para casa. Era provável que não guardassem nada para ele, e Rownie não podia bebericar óleo para

máquinas quando estivesse voltando para casa. Essa era uma tarefa que não o alimentaria.

Ele chutou uma pilha de poeira ao lado do portão enferrujado da antiga estação ferroviária e então tossiu e desejou não ter feito aquilo.

A rua pela qual Rownie seguia não tinha um trajeto reto. Ele andava à sombra de casas construídas umas em cima das outras, com novas casas e aposentos acrescentados sobre estacas ou se projetando de lado e sendo mantidos no lugar por grossas correntes. Telhados de zinco, de sapê e de telhas de madeira se inclinavam lá em cima, quase se tocando por sobre a largura da rua.

Rownie não era muito alto, mas outros na rua abriam caminho para ele. As pessoas sempre abriam caminho para os que pertenciam a Graba.

Ele chegou à Ponte do Caminho das Rabecas.

Dois rabequistas ficavam em pé de cada lado da entrada. Eles tocavam melodias desafiando um ao outro. Havia chapéus nas pedras diante deles, e os dois chapéus estavam cobertos de moedas até a metade.

Rownie pegou uma pedra do chão, como sempre fazia quando percorria o Caminho das Rabecas. Essa pedra era cinza com uma linha laranja que a atravessava pelo meio. Ele a carregou ao passar pela entrada, através do fogo cruzado do duelo musical, e ao longo da ponte.

O Caminho das Rabecas era largo e longo o suficiente para desaparecer em um dia enevoadado. A avenida central tinha sido pavimentada algumas vezes, com pedras velhas e ferragens novas. De ambos os lados da ponte, havia pequenas lojas e apartamentos, separados por becos que davam para a grande largura do rio Zombay.

Rownie passou por vários tipos de músicos, e também por chapéus vazios que estavam reservando o ponto para músicos ainda por chegar. Passou por montes de bosta de cavalo e de vaca, bem como de outros tipos de excrementos que ele não sabia identificar ao certo, mas o cheiro não era tão ruim como nas ruas do Lado Sul. Os ventos do Rio mantinham o ar limpo na ponte. Rownie cuidou para seu casaco não roçar em nenhum dos montes de bosta.

Alguns membros da Guarda vieram marchando na direção de Rownie, com o Capitão à frente. Rownie pôde ver que o Capitão da Guarda tinha decidido não notar sua presença, mas demorou um pouquinho mais do que deveria antes de chegar para o lado e dar passagem. Rownie sabia que não podiam prendê-lo no Caminho das Rabecas. A ponte era um refúgio. Ninguém jamais era preso enquanto ainda estivesse na ponte. Rownie imaginava que a maioria das casas ali tinha sido construída por contrabandistas e outros tipos de pessoas que não podiam pôr o pé na cidade, de um lado ou do outro da ponte.

O Capitão da Guarda tentou, ao mesmo tempo, deixar Rownie para lá e lhe lançar um olhar furioso. Seu olhar furioso era impressionante. Todos os membros da Guarda tinham pernas mecânicas de corda e alguns deles também possuíam braços mecânicos, mas só o Capitão tinha olhos feitos de minúsculas peças de vidro com íris de vitral escuro. Cada íris tinha o formato de uma engrenagem redonda e dentada. Elas giravam lentamente com o funcionamento de seus olhos.

As botas batiam na ponte com intervalos de uma regularidade perfeita enquanto eles marchavam. A Guarda sempre marchava. Do jeito que suas pernas eram construídas, eles não tinham outra opção a não ser a de marchar.

— Que vocês percam os pés — sussurrou Rownie para as costas deles, depois que todos tinham passado. — Que seu hálito tenha o cheiro de penas de pombos. — Ele tentou entoar as palavras para torná-las uma maldição de verdade, para valer. Rownie desejava saber rogar pragas com mais sucesso. Graba conhecia maldições excelentes, é claro, mas ela só dividia seus segredos com Vass.

Bem no centro da ponte ficava a Torre do Relógio de Zombay. Um vitral em formato de sol subia por um vitral em formato de céu no mostrador do relógio, bem alto, acima da silhueta do horizonte da cidade gravada no vidro. O mostrador cintilava, luminoso com a luz refletida do sol. Quando o sol verdadeiro se pusesse lá no céu, o sol de vidro no relógio também se poria atrás do horizonte de vidro. E então, ao anoitecer, lanternas se

acenderiam por trás do mostrador, e a lua de vidro em miniatura começaria a seguir lentamente seu percurso pelo céu.

Zombay inteira tinha muito orgulho de seu relógio, apesar de que se dizia que a torre era assombrada por espíritos de relojoeiros. As grandes portas da frente viviam fechadas e trancadas com o reforço de correntes. Ninguém nunca entrava ali.

Vass estava em pé perto das portas da torre, de costas para a rua, entoando o feitiço sobre a bolsinha de Graba. Rownie não a interrompeu, mas não deixou de se perguntar por que Graba ia querer amarrar um presente de boas-vindas de volta ao lar, logo na Torre do Relógio. Ninguém morava na Torre do Relógio.

Ele continuou seu caminho, procurando por um trecho especial da mureta de pedra, e lá encontrou Barbicha e Borrão, ainda com o caixote de ovos. Estavam sentados no lugar exato onde Rownie sempre jogava pedrinhas por cima da mureta. Rownie não queria que estivessem ali, mas era ali que estavam.

Eles o viram. Borrão pegou um ovo do caixote e o ofereceu a Rownie. Rownie estendeu a mão para pegá-lo porque estava com fome, mesmo sabendo que Borrão nunca dava nada a ninguém.

Borrão puxou o ovo de volta e o atirou no Rio.

Rownie deu um grito.

Barbicha deu um tabefe no alto da cabeça de Borrão.

— Não desperdice comida. Nunca. — Ele olhou para Rownie, que teve a esperança de que Barbicha lhe oferecesse outro ovo, mas isso não aconteceu. — Você deu corda no tornozelo dela? — perguntou Barbicha.

Rownie começou a responder, mas Borrão falou junto, mais alto que ele. Borrão tinha orelhas grandes, redondas e vigorosas, mas nunca as usava para muita coisa.

— Você perdeu os Goblins — disse Borrão.

— Que Goblins? — perguntou Rownie.

— Eles passaram num carroção de funileiro — comentou Barbicha.

— Uma Goblin tinha dentes compridos, de lata, espetados como espinhos — disse Borrão.

— Não tinha, não — disse Barbicha.

— Tinha, sim. Eu joguei um ovo nela.

— Ela pegou o ovo e o atirou de volta em você. E aquilo não eram dentes de lata. Eram pregos. Ela usou um para pendurar um cartaz.

— Não usou.

— Usou, sim. Ela só estava com os pregos na boca para ficar com as mãos livres.

— Vai ver que eles usam dentes de lata como pregos — sugeriu Borrão.

— Talvez os dentes cresçam de novo na mesma hora que arrancam eles.

— Você é um palerma — disse Barbicha.

— O que o cartaz dizia? — perguntou Rownie, mas foi ignorado. Eles provavelmente não sabiam.

— Vass já devia ter terminado com a porta agora — disse Barbicha, mudando de assunto, mas Rownie não queria mudar de assunto.

— Eu não sabia que Goblins podem sair durante o dia — disse Rownie.

— Se saírem, eles não podem parar — disse Borrão. — Os Goblins nunca têm casa, nenhum deles. É por isso que moram em carroções. O sol procura por eles e queima qualquer construção onde fiquem por mais de um dia e uma noite. É por isso que nunca são ourives também, porque o ouro é o metal do sol. Eles só trabalham com lata. E o ferro também os queima.

— Mentira — disse Barbicha. — Eles não trabalham com o ferro porque é muito duro e pesado. A lata é mais fácil.

— E eles roubam — disse Borrão, como se o outro tivesse acabado de concordar com ele.

— É claro que roubam — disse Barbicha.

— O que eles roubam? — perguntou Rownie.

— Tudo — respondeu Borrão.

— O caçula de cada família — acrescentou Barbicha. — É por isso que Graba só manda os mais velhos de nós quando precisa consertar painéis. Ninguém nunca manda uma criancinha às carroças, a não ser que queira que ela não volte. — Ele deu risinhos debochados, três bufos rápidos forçados saindo pelo nariz em vez de pela boca.

— Mentira — disse Rownie.

— É verdade — disse Barbicha. — E ainda comem as crianças que eles roubam.

Ele começou a cantar uma musiquinha sobre Goblins ladrões. Rownie virou de costas para eles e olhou para o seixo na mão.

— Olá — disse ele, falando muito baixo para que os outros dois não o ouvissem. E então atirou o seixo à maior distância que pôde. Ele provocou um pequeno esguicho quando bateu no Rio, mas as águas não mostraram nenhuma outra reação.

Barbicha parou de cantar e deu um sopapo na cabeça de Rownie.

— Não chame a atenção do Rio — disse ele. — A inundação vai vir atrás de você.

Rownie esfregou a cabeça com a mão. Não olhou para cima. Ficou observando o Rio. Ele era enorme, e Rownie não conseguia olhar por muito tempo para ele. Era muita coisa a absorver. Ficou olhando até não aguentar mais. Voltou-se então para as paredes dos barrancos de cada lado do Rio; e, depois disso, para as pedras à frente.

Rownie tinha um irmão, mais velho do que qualquer outro dos que compartilhavam com ele o barraco de Graba, um verdadeiro irmão de sangue. Eles eram parecidos, os dois morenos de olhos escuros — olhos cujo fundo era difícil de ver. Todos o chamavam de Rowan e Pequeno Rowan. Depois de um tempo, “Pequeno Rowan” foi abreviado para “Rownie”. Rownie nunca tinha tido um nome só seu. Sua mãe morreu afogada antes de ter a oportunidade de lhe dar um nome.

Ele também não sabia que idade tinha. Vass não parava de dizer que Rownie estava com oito anos. Ela se lembrava do aniversário de todos, mas nem sempre dizia a verdade sobre eles; e Rownie suspeitava que ela estava mentindo a respeito do seu. Ele tinha certeza de que devia estar mais perto dos dez anos.

Rownie e Rowan costumavam jogar seixos juntos, exatamente naquele lugar na Ponte do Caminho das Rabecas. Eles escutavam os músicos, e Rowan contava histórias sobre o Rio e sobre a mãe deles. Como estava pilotando uma barça e tinha afundado com ela bem debaixo do Caminho

das Rabecas. Só Rowan conseguiu nadar até a margem, levando Rownie junto.

Vass não acreditava nessa história. *Ninguém consegue nadar naquele trecho do Rio*, ela argumentava. *A correnteza é forte demais. Vocês teriam morrido afogados também.* Rowan só encolhia os ombros. *Nós não nos afogamos*, era a única resposta que ele dava.

Mais tarde, ele ensinou a Rownie onde arremessar os seixos do alto da ponte. *Nós jogamos as pedras para dar um olá. É como deixar uma pequena pilha de pedras num túmulo. Os mortos falam por meio das pedras. Seixos são a forma correta de cumprimentar os mortos.* E assim Rownie sempre dava um olá quando atravessava a ponte, mesmo que não se lembrasse de modo algum de sua mãe, ou da barcaça dela, mesmo que não tivesse recordações do tempo antes de Rowan levá-lo para ficar com Graba, porque eles não tinham onde morar.

Já fazia uns dois meses que Rowan tinha ido embora. Barbicha, Borrão e os outros pareciam ter se esquecido dele, mas Graba se lembrava. *Se você tiver notícias de seu irmão*, dizia ela, *trate de me contar na mesma hora. Cativante, aquele garoto. Sua Graba sente falta dos netos, de todos os netos. E com esse neto ela se preocupa.*

Rownie sabia que Graba nunca se preocupava com ninguém, e Rowan tinha dormido no barraco de Graba por menos de um ano. Ele já era crescido demais — estava com dezesseis anos — e ocupava muito espaço no piso de palha quando dormia lá. Mesmo assim, Rownie fazia que sim e prometia contar a Graba se tivesse alguma notícia de seu irmão.

Trate de fazer isso mesmo, dizia Graba, concordando.

Barbicha e Borrão começaram a cantar uma música sobre enchentes e pontes destruídas, o que parecia a Rownie um assunto muito idiota para se cantar, enquanto se está de fato em cima de uma ponte. Ele os deixou ali e atravessou a rua, procurando o cartaz dos Goblins — e procurando por algum sinal de Rowan, exatamente como fazia sempre que estava no Caminho das Rabecas. Encontrou o cartaz dos Goblins, mas só o cartaz. Ele estava preso no parapeito do outro lado, com um prego de ferro. Rownie

leu com cuidado. Sabia ler bem. Rowan lhe tinha ensinado. O cartaz dizia o seguinte:

TEATRO!

*Ao anoitecer, uma trupe de atores Tamlin irá encantar e
surpreender os cidadãos desta
bela cidade.*

*Descubra seu palco no
PARQUE DE EXPOSIÇÕES DA CIDADE.*

*O palco será iluminado por
dispositivos engenhosos.*

*Os atores apresentarão seus melhores números de
PANTOMIMA, MASCARADA e POESIA,
bem como façanhas de talento musical e acrobático para encantar a todos os olhos e
ouvidos.*

Entrada: duas moedinhas de cobre por cabeça.

Ele leu de novo. Ainda não acreditou. Leu mais uma vez.

Os Goblins iam apresentar uma peça. Ninguém podia apresentar uma peça. Ninguém tinha permissão para isso, mas era isso o que os Goblins iam fazer. Quem sabe ele não conseguiria assistir a uma parte do espetáculo antes de todos serem presos?

Rownie atravessou correndo o que faltava da extensão da ponte, em meio à música das rabecas, aos apitos e tambores. Seu casaco se estufava atrás dele como a vela de um barco.

Primeiro Ato, Cena III



ENGRENAGENS QUEBRADAS E PILHAS DE MADEIRA enchiam o beco do lado de fora da oficina de Scrud. Rownie ouviu gritos lá dentro. Esperou no beco e perambulou pela confusão de engrenagens até a gritaria se transformar num resmungo baixo. Só então ele entrou.

O barulho não parou de verdade. Nunca parava. O sr. Scrud estava sempre gritando consigo mesmo.

— Olá, sr. Scrud! — Rownie chamou de lá da porta, esperando que sua presença fosse notada naquele momento e não mais tarde. A oficina tinha um cheiro de serragem e óleo, com um leve odor de algo podre por baixo. Scrud fazia ratoeiras muito boas, mas nunca se lembrava de tirar os camundongos depois.

O chão estava coberto com tábuas de madeira, barras de cobre e engrenagens arrumadas em pilhas e pirâmides. Do reboco de uma parede, projetavam-se cavilhas de madeira, com cordas, correntes, ferramentas e muitas engrenagens penduradas. Em outra parede havia relógios pendurados, tantos que a parede parecia ter sido feita de relógios. Todos eles funcionavam, ou sua maioria, tiquetaqueando em ritmos que destoavam uns dos outros. Parecia uma discussão entre relógios.

Scrud estava curvado sobre sua bancada no meio da oficina.

— Pela madrugada! Ora essa! — gritava ele para a bancada. Sua voz estava rachada e cansada. Ele largou uma ferramenta retorcida e pegou outra da parede sem relógios. Não se deu conta da presença de Rownie. Na bancada estava uma cabeça mecânica de cavalo. E ela percebeu a presença de Rownie. Os olhos do autômato seguiam o garoto enquanto ele escolhia por onde passar e procurava não pisar em nada importante. Rownie respirou fundo.

— Olá, sr. Scrud! — gritou ele, novamente. O mecânico lhe dava medo, e sempre lhe tinha dado medo, mas Rownie já tinha ido ali vezes suficientes para saber que o medo não importava. Ele o sentia, brilhante e ardente, mas o medo não o impedia de estar parado no meio da oficina e de gritar o nome de Scrud.

O mecânico levantou a cabeça de repente e olhou para Rownie. O cavalo mecânico olhou para Rownie. Os dois então olharam para outro lado, e o sr. Scrud começou a resmungar baixinho. Não estava gritando. Isso significava que estava escutando.

— Graba pagou mais do que o devido, sr. Scrud. Na última vez que o senhor consertou a perna dela, ela pagou mais do que o devido.

— Cascata! — disse Scrud. Ele enfiou um pino comprido na orelha do cavalo e o girou. O cavalo fechou um olho.

— É verdade, sr. Scrud — disse Rownie. Estava vendo os três frascos de óleo de máquina na prateleira atrás da bancada. Era isso o que Graba queria, e Rownie sabia que cada frasco custaria duas moedinhas de cobre. *“Entrada: duas moedinhas de cobre por cabeça” era o que dizia o cartaz. Comédia de Goblins, no palco, por duas moedas de cobre. Podia ser que eles usassem máscaras. Podia ser que fizessem malabarismo com fogo. Podia ser que tivessem dentes de metal.*

O que estava prestes a fazer lhe causava muito medo. Ele respirou fundo mais uma vez.

— Ela pagou a mais, sr. Scrud. E está precisando de duas moedinhas de cobre de volta.

Rownie enfrentou o ar furioso de Scrud, quando o mecânico fixou o olhar nele. Não ia dar meia-volta e fugir. Mostrou a ele que não ia fazer isso só por seu jeito de ficar ali, parado.

Scrud estendeu a mão para a prateleira ali atrás, pegou um frasco de óleo de máquina e o pôs na bancada, onde Rownie podia alcançar.

— Não — disse Rownie, parado, respirando. — Desta vez, ela precisa das duas moedinhas de cobre.

O mecânico resmungou consigo mesmo. Pegou o óleo de volta, remexeu no bolso da camisa e pôs uma moedinha sobre a mesa. Depois colocou outra em cima dela. Rownie pegou as moedas.

— Obrigado, sr. Scrud.

Saiu da oficina sem correr. Saiu do beco sem correr. Atrás dele, o beco começou a se encher de barulhos metálicos, estridentes, e de gritos. O som do metal parecia o das pernas de ave de Graba, em algum lugar atrás dele. Rownie começou a correr.



Rownie correu a metade do caminho até a Praça da Feira, passando por chafarizes e monumentos conhecidos. Ele tropeçou uma vez, recuperou-se e parou para respirar aos pés da estátua de bronze do Prefeito. A estátua usava um terno com uma corrente de relógio enfiada no bolso do colete e estendia as duas mãos numa atitude que poderia ser de boas-vindas ou de surpresa. O metal estava velho e manchado de verde, com exceção da cabeça. A estátua ganhava uma cabeça nova cada vez que a cidade tinha um prefeito novo. Graba tinha insinuado que ficaria muito satisfeita se alguém roubasse a cabeça da estátua do Prefeito e a levasse para ela, mas até aquele momento ninguém tinha reunido coragem para tentar.

Alguém ali perto gritou com outra pessoa, não com Rownie. Seu estômago se revirou. Ele guardou as duas moedas no único bolso do casaco e, então, passou a andar, lembrando-se de que devia voltar a respirar enquanto andava. Queria correr, mas alguém da Guarda poderia concluir que ele estava correndo por Motivos Errados e tentaria apanhá-lo.

A maior parte da família de Graba odiava o Lado Norte, e se perdia por ali. As ruas do Lado Norte obedeciam a regras diferentes. Elas seguiam por linhas totalmente retas e se encontravam umas com as outras, em ângulo reto. Só que Rownie conhecia bem os pontos principais do Lado Norte e tinha facilidade para se orientar por lá.

Ele passou pelo Relicário e pela Estação Ferroviária do Lado Norte. Um membro da Guarda estava vigiando as portas de treliça de ferro da estação. Usava um uniforme colorido, vistoso. Portava uma lança enfeitada com borlas e olhava fixamente para o outro lado da rua.

Rownie passou por ali andando devagar. Ele se perguntou por que o homem estava ali, montando guarda diante de um portão enferrujado. Estava sozinho. E se alguma coisa rastejasse para fora da antiga estação ferroviária, atravessando o portão, um único Guarda não adiantaria muita coisa. A Estação Ferroviária do Lado Sul não tinha um Guarda postado à entrada. Ela não precisava de um. Se qualquer coisa desagradável saísse rastejando de suas profundezas e viesse para o Lado Sul, Graba se encarregaria dela. Provavelmente. Se Graba quisesse.

Rownie passou pela estação e chegou à praça, um enorme espaço aberto calçado com lajes de pedra, com um chafariz no centro e bancas de feira em toda a volta. Já tinha passado do meio-dia, e algumas bancas estavam fechando. Um agricultor com dezenas de tranças compridas baixou o mastro central de sua barraca, deixando o teto de lona se estufar e depois se dissolver numa poça de pano.

Rownie sentia cheiros de todos os tipos de comida, cheiros que se mesclavam e se juntavam para se abater sobre ele, tornando muito difícil pensar em qualquer outra coisa. Demorou-se diante da banca de uma padeira, com um sorriso. Era seu melhor sorriso. A padeira entregou-lhe um pouco de pão.

— É de ontem — disse ela. — Vai estragar logo e ninguém está comprando.

— Boa sorte nas vendas amanhã — disse Rownie, ou tentou dizer, com a boca cheia do pão seco que estava mastigando. Ela lhe deu mais um pedaço pela gentileza, e acenou para que se afastasse. Deu então um puxão numa

corrente ali atrás. A banca desmontou-se, dobrando-se de volta para se encaixar no muro da praça.

O mecanismo na banca rangeu, como a perna direita de Graba. Rownie estremeceu com o ruído.

Ele saiu dali, desviando-se dos paus de barracas e dos carroções cobertos, afastando-se de todo aquele alvoroço para chegar ao chafariz no centro da praça. Um urso, um leão e uma naga, criatura metade serpente e metade humana, de pedra rugiam, lançando jorros de água numa bacia de pedra rachada. Ele aparou a água na mão, bebendo o máximo que pôde. Mergulhou o outro pedaço de pão na água para amolecê-lo, mas a água só o empapou.

Um pombo pousou na borda do chafariz, olhando de lado para Rownie. De lado é o único jeito como os pombos sabem olhar. Rownie não lhe deu atenção. Sabia que ele só queria um pouco do pão. E achava que não era uma das aves de Graba. Achava que não.

Alguém agarrou o braço de Rownie.

— Me dá o pão, Rownie-nanico — disse Vass. Ela estava com um saco de ração jogado sobre um ombro. — Estou com fome.

— Me solta — disse Rownie. Ela não o soltava. Ele lhe deu o segundo pedaço de pão, e ela pôs o saco no chão para pegar o pão, mas ainda assim não o soltou.

— Você vai me ajudar a carregar a ração das galinhas para casa — disse ela. — Os Bichos trouxeram os ovos, mas me deixaram com a ração para carregar sozinha. O saco é pesado. — Vass chamava as outras crianças da casa de Graba (as que não tinham nome, as que precisaram inventar os próprios nomes) de “Bichos”. Ela costumava entoar isso como uma cantiga. *Bichos de Graba. Bichos de Graba.*

— Não posso — disse Rownie. — Preciso fazer uma coisa para Graba.

— Fazer o quê?

— Dar um recado.

— Qual é o recado?

— Não posso contar.

— Então acho que você está mentindo. Acho que no fundo não existe nenhum recado, e que você devia me ajudar a carregar a ração das galinhas.

— Ela enfiou o resto do pão na boca e jogou o saco na direção de Rownie, que pegou uma ponta para não ser derrubado. Vass o empurrou, e os dois começaram a andar para o Sul. Foram andando muito devagar, cada vez mais para longe do parque de exposições e dos Goblins.

Vass era duas vezes mais alta que ele. Ela corria muito mais rápido que ele. E o alcançaria se ele fugisse correndo.

Chegaram à extremidade sul da praça. O Guarda já tinha deixado seu posto diante das portas enferrujadas da estação, com seu plantão do horário da feira encerrado naquele dia.

Rownie afastou-se para um lado, arrastando Vass junto, e largou o saco, enquanto disparava na outra direção, rumo ao portão enferrujado. Empurrou com força a treliça de metal e se espremeu para passar, cambaleando. Sentiu a mão de Vass se estender para pegá-lo, tentando segurar a ponta do seu casaco. Ele recuou um pouco mais.

— Nanico idiota — gritou Vass.

— Tenho um recado de Graba! — Rownie estava furioso com Vass por não deixar que ele entregasse o recado, apesar de na verdade não haver nenhum recado a ser entregue.

— Idiota — disse ela. — Tão idiota. Agora os escavadores vão pegar você. Dá para você ouvir? Dá para ouvir eles chegando por trás de você?

Rownie recuou mais um passo, entrando mais na estação. Sem olhar para trás.

— Está tudo inundado — disse ele. — Cavaram um túnel por dentro do Rio, e agora está tudo inundado. — Todo mundo sabia disso. O Prefeito queria construir uma linha ferroviária entre o Lado Norte e o Lado Sul. Não parava de tentar, mas o túnel não parava de ser inundado.

O Prefeito também queria demolir as construções desengonçadas do Lado Sul e substituí-las por ruas que seguissem por linhas retas. Era isso o que Graba sempre dizia.

— As pessoas ainda os ouvem cavando — disse Vass a Rownie. — Quer dizer que os escavadores ainda estão lá em baixo, no túnel da ferrovia. —

Vass deixou que essa informação fosse assimilada. Ela foi. Rownie pensou nos escavadores com a pele acinzentada de ficar de molho na água do Rio. Ele pensou em como eles só se lembravam de cavar, em como sempre iriam avançar e destruir as coisas que estivessem diante deles, com pás, picaretas ou simplesmente com suas mãos. Os escavadores eram gente sem coração, sem vontade própria, e só se dedicavam a cumprir qualquer tarefa que lhes fosse designada. Rownie ficou pensando se algum deles teria começado a cavar profundamente, desnortado pela inundação, e se eles poderiam sair do outro lado do mundo um dia. Pensou nos túneis às suas costas, assombrados pela escavação.

— Eu protejo você — disse Vass, com o máximo de doçura que conseguiu reunir. — Saia daí e venha carregar o saco.

Rownie deu mais um passo para trás.

— Não — disse ele. Agora era *ele* que assombrava os túneis. Agora era *dele* que deveriam sentir medo.

Vass cuspiu no chão e sorriu. E o sorriso parecia o de Graba em miniatura.

— Cadê meu óleo de máquina, nanico? — perguntou ela.

O coração de Rownie batia, como se quisesse fugir e deixá-lo ali.

— Que óleo? — Vass já tinha saído da casa quando Graba lhe passou a tarefa. Ela não tinha como saber daquilo.

— Para com isso! — berrou Vass, e Rownie achou que ela não estava berrando com ele. Ela estava de olhos fechados. Todos os músculos do seu rosto estavam retesados. — Você não pode! Não sou um Bicho. Para com isso. Para! — Vass foi embora, tropeçando, sumindo de vista. E levou o saco de ração junto.

Rownie ficou absolutamente imóvel. Não estava entendendo o que tinha acabado de acontecer. Cuidadosamente, colocou o fato numa prateleira do fundo de sua cabeça, junto com outras coisas que não entendia.

Prestou atenção para ver se escutava sons de pazadas ou passos arrastados às suas costas. Mas na estação tudo estava num silêncio frio e pesado, a só alguns metros do movimento caloroso da feira, onde Vass poderia ainda estar escondida, à espera dele.

Ficou em pé ali o quanto pôde, e depois mais um tempo. Não olhou para trás. Não ouviu o barulho de pás, de passos ou qualquer outro sinal de que os escavadores estivessem se aproximando. Finalmente deu três passos e passou espremido pelas portas de ferro.

Vass tinha sumido, e a maior parte da feira também. Alguns carroções abertos estavam saindo da praça vazia. O céu estava de um azul mais escuro do que antes. Quase anoitecia. Ele saiu correndo.

Primeiro Ato, Cena IV



UM CARROÇÃO FECHADO ESTAVA PARADO NO CENTRO do parque de exposições. Ele tinha paredes e um teto, como uma pequena casa sobre rodas. Uma multidão estava reunida em volta. O céu ainda estava azul lá no alto, mas o sol já tinha se posto.

Rownie desceu a encosta que ia da estrada ao campo gramado. Seus pés doíam. Ele ouvia tambores e uma flauta, mas não viu nenhum músico. Foi para a parte logo atrás da multidão. Precisou ficar um pouco afastado para um lado para conseguir ver o carroção, do outro lado da muralha apinhada de pessoas. Encontrou um lugar com boa visão e esperou que alguma coisa acontecesse. Tentou ficar imóvel, mas não parava de mudar o peso de um pé para o outro.

A parede do carroção caiu para a frente. Parou, ficando paralela ao chão, e se tornou o tablado de um palco. Agora, havia cortinas, onde antes estava a parede, escondendo o espaço no interior do carroção. Mais cortinas caíram em torno da beira do tablado, escondendo o espaço por baixo. Cornetas surgiram de repente no teto e, sozinhas, tocaram uma fanfarra.

Um Goblin apareceu no palco.

Rownie olhou fixo para ele. Até aquele momento, nunca tinha visto um dos Transformados. Esse era totalmente careca e mais alto do que Rownie achava que os Goblins chegavam a ser. Suas orelhas de ponta aguda se projetavam para fora da cabeça, e seus olhos eram grandes e salpicados de prata e castanho. Sua pele era verde: o verde-escuro do musgo espesso e de algas de água doce. Suas roupas eram feitas de retalhos de pano de cores diferentes.

O Goblin fez uma reverência. Instalou duas lanternas nos dois cantos do palco e então ficou parado no centro. Estava segurando vários bastões finos numa das mãos. Ficou observando a plateia com um ar curioso e cruel, o ar com que toupacos olham para besouros, antes de lhes arrancarem as asas e as pernas.

Rownie teve a sensação de que deveria estar escondido atrás de alguma coisa. Quando o Goblin por fim se mexeu, atirando os bastões para o alto com um movimento ágil das duas mangas, Rownie se encolheu.

O Goblin começou seu malabarismo. Bateu então com o pé três vezes no tablado. Pela cortina atrás do Goblin, uma marionete de dragão espiou. Era feita de gesso e papel, e rebrilhava em cores douradas. A marionete soprou fogo sobre o palco. O Goblin atirou seus bastões para cima através do bafo do dragão, e cada bastão pegou fogo numa ponta. A marionete então rugiu e recuou para trás da cortina. O Goblin fez seu malabarismo com fogo.

Rownie saltitava no mesmo lugar tentando ver melhor. Queria estar na frente daquela multidão, bem junto do palco. Tentou abrir caminho entre joelhos e ombros para chegar lá. Não conseguiu. Cerrou os punhos e lutou para avançar; mas, por mais que se esforçasse, não saía do lugar.

— Chegar mais perto que aqui vai lhe custar duas moedas de cobre — disse uma voz.

Rownie olhou. Uma pequena Goblin, redonda e enrugada, estava a seu lado.

Usava o cabelo branco puxado e amarrado atrás da cabeça, e um par de óculos grossos numa correntinha de latão. Também tinha nos olhos cintilações douradas e de um verde vivo, que eram ampliadas pelos óculos. Ela estendeu a mão com delicadeza, sem esticar demais o braço. A pele de

sua mão era de um marrom esverdeado escuro, e seus dedos eram mais compridos do que Rownie achava que deveriam ser.

Rownie pegou as moedinhas de Graba do bolso do casaco e as deixou cair nas mãos da Goblin.

— Obrigada — disse ela, fazendo que sim. — Você pagou para passar pela parede da plateia, que é a quinta parede. Está, portanto, livre para atravessá-la e acreditar que ela não está ali, que consiste em nada mais do que uma canção e um círculo na grama.

A velha Goblin foi se afastando. Rownie podia ouvir sua voz na borda da multidão.

— Duas moedinhas de cobre, faz favor, está bem?

Ele avançou aos empurrões, desviando-se dos joelhos de muitas pessoas altas e abrindo caminho até a primeira fila. Foi bem fácil.

O malabarismo com fogo terminou. O Goblin alto apagou os bastões acesos, fez uma reverência e se retirou. Um Goblin menor com a barba grisalha bem aparada e um enorme chapéu preto entrou no palco. Seu rosto era largo e redondo, e, enquanto andava, seu queixo ia antes, na frente dele. Ele se apoiava numa bengala lustrosa, que estalava barulhenta nas tábuas do assoalho. Era pequeno — menor do que Rownie — mas se movimentava como se soubesse que era superior a todas as outras pessoas ali reunidas.

— Senhoras e senhores! — disse ele. — Vocês sem dúvida ouviram dizer que nossa profissão foi proibida por Sua Senhoria, o Prefeito. — Alguns vaiaram. Outros aplaudiram.

— Só estamos aqui para ver vocês serem presos! — gritou alguém da parte de trás da multidão. O velho Goblin deu um sorriso cortês.

— Detesto decepcionar minha plateia, senhor, mas acredito que essa lei não se aplique a mim e a meus companheiros aqui. Os cidadãos desta bela cidade estão proibidos de fingir que são o que não são. Nós, porém, não somos cidadãos. Segundo a lei, não somos considerados pessoas. Isso me entristece, porque eu já morava nesta cidade muito antes de qualquer um de vocês ter nascido, mas precisarei lidar com essa injustiça específica em algum outro momento. Vocês vieram assistir a uma peça. Nós lhes daremos uma peça. Já somos Transformados: a transformação adicional de usar uma

máscara e uma fantasia não lhes causará mal algum, e não será um desrespeito à lei.

Dessa vez, todos aplaudiram — os que queriam assistir ao espetáculo e os que queriam ver Goblins atores serem arrastados dali pela Guarda, já que não acreditavam que nenhum tipo de palhaçada ou brecha na lei impediria que isso acontecesse.

— Vamos começar apresentando um breve conto para encantar as crianças presentes — disse o Goblin. Ele tirou o chapéu e sacou dali de dentro a máscara de um gigante. A máscara tinha uma testa protuberante e cheia de sulcos, bem como fileiras de dentes grossos, quadrados. Rownie ficou surpreso com a máscara de gigante ter cabido dentro do chapéu do Goblin — mesmo que o chapéu *fosse* mesmo muito grande.

O velho Goblin fechou os olhos. Todos se calaram naquele momento e demonstraram respeito pelo silêncio — quer quisessem respeitá-lo, quer não.

Ele vestiu a máscara e mudou sua postura, parecendo se agigantar acima de todos eles, apesar de não ser muito alto.

— Sou um gigante — disse ele, com uma voz de gigante; e era verdade porque ele dizia que era verdade.

Rownie queria experimentar aquilo. Queria declarar que era um gigante. Ele tentou se concentrar em ficar parado, sem procurar a toda hora subir e descer da ponta dos pés.

Um Goblin pequeno e franzino entrou no palco com um chicote, uma espada de madeira e olhos enormes por trás de uma máscara de herói, aparentemente valente. O Herói tentou ludibriar o Gigante.

— Ouvi dizer que você consegue se transformar num leão — disse o Goblin-herói, com uma voz aguda e nítida —, mas não acredito que consiga.

— Tolo — disse o Goblin-gigante, numa voz muito grave. — Posso me transformar no que eu quiser! — Ele deixou cair a máscara de gigante e, com um movimento ágil, puxou uma máscara de leão para cobrir o rosto. Ele rosnou e se agachou.

A plateia aplaudiu, mas era um aplauso nervoso.

— Isso não é seguro — disse um velho, que estava ao lado de Rownie. Sua coluna estava tão torta e encurvada que ele precisava virar a cabeça de lado para ver o palco. — Não acredito que seja seguro só porque eles são Goblins. Nada de máscaras, nada de transformações, nada. Não é seguro.

— Foi maravilhoso! — disse o Goblin-herói. — Mas um leão magnífico não é assim tão diferente de um gigante. Você pode se transformar numa píton?

O leão enfiou a mão na boca e virou sua máscara pelo avesso. Agora ele era uma cobra, e se agitava lentamente de um lado para outro.

— Espantoso! — disse o Goblin-herói. — Mas uma píton ainda é uma criatura muito grande. Você não deve ter magia suficiente para se transformar numa pequena e humilde mosca.

Tampas metálicas se fecharam sobre as lanternas do palco. Na escuridão repentina, Rownie mal pôde ver o Goblin tirar sua máscara de cobra e jogar alguma coisa para o alto.

As lanternas se abriram de repente. Uma marionete de mosca, feita de papel e engrenagens, começou a zumbir em círculos pelo palco. O Goblin-herói estalou seu chicote. A mosca explodiu em fagulhas.

— Um gigante a menos! — gritou o herói. A multidão aplaudiu. Rownie deu vivas. — Mas eu me pergunto se há mais algum. — Ele observou atento a multidão, e então pulou por cima da lateral do palco. — Algum gigante por aí? — gritou ele de algum lugar no escuro.

Enquanto isso, o velho Goblin tinha se retirado. Uma cabeça medonha espiou por entre as cortinas do palco, no lugar exato onde antes estava a marionete do dragão. A cabeça gigante piscou para a multidão, com uma pálpebra de papel se fechando sobre um olho de madeira pintada. A marionete falou.

— Precisamos de um voluntário para fazer o papel de nosso próximo gigante! A máscara servirá melhor numa criança.

A reação da plateia foi um silêncio atordoado. Ninguém sabia se era uma brincadeira. Ninguém sabia se era engraçado. Todos sabiam que mesmo as brechas dos Goblins jamais permitiriam que uma criança não Transformada usasse uma máscara.

Rownie esperou ouvir algum tipo de autoridade anunciar uma recusa oficial. Esperou que membros da Guarda se apresentassem e proibissem uma coisa daquelas. Mas não havia nenhum membro da Guarda ali perto. Ninguém disse nada.

— A criança não correrá nenhum perigo! — disse a marionete gigante.
— Você aí! Você, de chapéu, com esse seu ar apetitoso. Quer vir ao palco?
— O gigante lambeu os beijos com uma enorme língua de marionete, e a multidão finalmente deu uma risada nervosa. Alguém (um pai, tio ou irmão mais velho) puxou a criança de chapéu para longe do palco.

Com seus olhos de madeira, a marionete gigante procurava.

— Você! — gritou ela. — Você, com o colar de flores. Venha fazer o papel de um gigante para nossa história aqui, e prometo que não vai passar os próximos mil anos escravizada em cavernas subterrâneas. Nós nunca faríamos uma coisa dessas.

— Não! — respondeu a menina, gritando.

— Muito bem, criança adorável. — Os olhos da marionete não paravam.
— Será que existe entre vocês pelo menos um que seja valente e tolo o suficiente para pisar neste palco e representar uma pessoa de minha grande estatura?

Rownie agitou a mão no alto.

— Eu quero! — Não estava com medo. Tinha a sensação de que teria menos medo ainda se pudesse se postar lá, acima de todos os outros. Queria ser o foco da atenção, como o velho Goblin tinha acabado de fazer.

A multidão o incentivou, mas com crueldade. Eles tinham certeza de que alguma coisa terrível lhe aconteceria no palco e de que poderiam assistir ao que acontecesse. Os Goblins o aceitariam, e então a Guarda viria e levaria os Goblins embora. Seria um excelente espetáculo.

O velho de coluna encurvada tentou segurar Rownie com uma das mãos retorcida e nodosa.

— Menino idiota — disse ele. — Idiota, menino idiota. — Ouviram-se protestos discordantes de pessoas que não estavam dispostas a deixar uma criança correr um risco daqueles.

Rownie se desvencilhou e tentou subir no palco, mas não conseguiu. O palco lhe oferecia resistência.

— Ofereço um trato! — disse a marionete gigante. — Ele pode segurar a ponta de uma corrente de ferro. A fila da frente da plateia segura a outra ponta. Vocês poderão puxá-lo para a segurança se parecer que os atores aqui estão a ponto de lhe dar uma mordida, amaldiçoá-lo ou possivelmente sequestrá-lo. Estamos de acordo? É proteção suficiente?

Alguns ainda gritaram que não, mas os demais falaram mais alto.

— Deixa ele tentar!

— Não tem problema se ele estiver segurando a corrente de ferro.

— O boboca vai ter o que merece se não segurá-la!

Rownie não fez caso de nenhum deles. Concentrou a atenção na marionete gigante. A marionete olhava para ele lá de cima. Dava para Rownie ver que seus olhos eram só de madeira entalhada e pintada; mas, mesmo assim, o menino continuou com os olhos fixos nos da marionete.

— Estamos combinados — disse o Gigante, e se retirou por trás da cortina.

O Goblin com a barba grisalha aparada e o chapéu preto e mole voltou ao palco. Ele tirou o chapéu e puxou de dentro dele uma corrente. Estendeu a corrente de um lado a outro da boca do palco e fez que sim para Rownie.

Então eles podem tocar em ferro, pensou Rownie. *Como Borrão é mentiroso!* Ele pegou numa ponta da corrente. Outras mãos pegaram a outra.

Rownie avançou. Ainda não conseguia subir no palco. O tablado não era muito alto, mas o ar se recusava a se abrir para ele passar. O velho Goblin estendeu a mão.

— Dê-me sua outra mão — disse ele, numa versão mais baixa da voz retumbante do Gigante.

Rownie se esticou, pegou a mão do Goblin e conseguiu com esforço subir no palco. Parou ali, soltou a mão dos dedos verdes e compridos, e continuou segurando a corrente. Estava de frente para a cortina, de costas para a plateia. De repente não teve vontade de dar meia-volta e ver a multidão olhando para ele. Não se sentia acima de todos os outros, como tinha

imaginado. Estava se sentindo nas mãos deles. Tentou engolir, mas sua garganta estava seca.

O velho Goblin olhava para ele com os olhos salpicados de dourado, semicerrados, refletindo.

— Diga-me seu nome, menino valente e tolo.

— Rownie — disse o garoto.

Os olhos arregalados do Goblin ficaram ainda mais abertos.

— Rownie? Diminutivo de Rowan, creio eu. Que interessante. — Ele tocou no chapéu, como um cumprimento. — É um prazer conhecê-lo. Eu me chamo Thomas e sou o primeiro ator desta trupe e desta cidade desde antes da queda das muralhas e das torres. — Ele apanhou a máscara de gigante deixada ali e a ajeitou nos ombros de Rownie. Ela era pesada. A tinta nela tinha um cheiro esquisito.

— Fique ali — sussurrou o Goblin, indicando o lugar. — Vou lhe dar suas falas dos bastidores. — Ele passou pelas cortinas. Rownie ficou sozinho no centro do palco. Estava em pé onde devia ficar e deu meia-volta.

Do escuro, rostos o observavam. Rownie podia ouvir os murmúrios e resmungos. Pelo som, ele sabia que alguns estavam preocupados; e outros, encantados. E que todos eles tinham certeza de que alguma coisa medonha estava prestes a acontecer.

Rownie endireitou os ombros, estufou o peito e tentou ser muito alto. *Ele* era um gigante. *Ele* era alguma coisa medonha. *Ele* ia acontecer a alguma outra pessoa.

— Que barulho foi esse na casa do meu pai? — sussurrou a cortina atrás dele.

— Que barulho foi esse na casa do meu pai? — vociferou Rownie.

— Sinto o cheiro de sangue de invasores — prosseguiu a cortina. — Apareça agora!

— Sinto o cheiro de sangue de invasores. Apareça agora!

O Goblin-herói saltou de volta para o palco.

— Olá! — disse ele. — Ouvi dizer que os gigantes se gabam de poder se transformar em qualquer coisa que queiram. Vim ver se tal rumor é verdade.

— Essa verdade será a última que você vai aprender na vida! — disse Rownie, repetindo as palavras da cortina ali atrás. O Goblin-herói riu, mas foi uma risada assustada.

— Valeria a pena. Será que alguém tão alto conseguiria se transformar num menino pequeno e não Transformado?

Não veio nenhuma fala nem instrução dali detrás da cortina.

Rownie tirou a máscara com uma das mãos. Ele a pôs no chão do palco, a seu lado, e então abriu bem os braços como para dizer *Olhe para mim!* A corrente retiniu na outra mão.

— Muito bem! — disse o Goblin-herói. — Você agora está pequeno, mas ainda parece feroz...

Rownie abriu um sorriso. Ele ainda se sentia feroz.

— ... mas aposto que você não consegue se transformar num passarinho.

As tampas das lanternas se fecharam de repente. O Goblin lançou no ar um pássaro de papel. Nesse mesmo instante, a primeira fila da plateia, assustada com a súbita escuridão, puxou a corrente de ferro e arrastou Rownie para a frente. Ele tropeçou na beira do palco e despencou.

Sentiu que mãos tentavam apanhá-lo, mas caiu através delas, atingiu o chão e rolou para ficar deitado de costas. Pôde ver o reluzente pássaro de papel voar acima das silhuetas escuras de pessoas em pé ao redor. O pássaro explodiu em centelhas, e uma nuvem de penas de papel veio fluando até o chão.

— Um gigante a menos! — disse o Goblin-herói de cima do palco.

Rownie pôs-se de pé. Os que estavam por ali o cutucaram e beliscaram seus braços para se certificar de que ele ainda estava ali e ainda era de verdade. Então a marionete gigante voltou e rugiu, atraindo a atenção de todos. Quase atraiu a atenção de Rownie, mas ele desviou o olhar. Não queria se lembrar de que agora estava do lado de fora da história. Queria saborear a sensação que tinha tido quando estava no meio dela.

Mãos saíram do pano vermelho que cercava a parte de baixo do tablado. Uma delas acenou para que ele se aproximasse.

Rownie olhou em volta. Mais ninguém tinha percebido, nem mesmo o velho com o pescoço entortado para o lado.

A mão acenou outra vez. Rownie teve a impressão de que estava prestes a pular da Ponte do Caminho das Rabecas.

Ele se abaixou e entrou por baixo do palco.

Primeiro Ato, Cena V



ESTAVA ESCURO por baixo do tablado do palco. Rownie precisou se curvar para a frente, como o velho da coluna torta. Ele virou a cabeça para olhar em volta. De nada adiantou.

A tampa de uma lanterna abriu-se, mas só ligeiramente. Rownie viu olhos salpicados de dourado fixos nele, por trás de um par de óculos.

— Muito bem — sussurrou a Goblin, aquela a quem ele tinha dado duas moedas de cobre. — É, saiu tudo muito bem. Quer beber alguma coisa? Para mim, chá com limão é muito reconfortante depois de falar diante de uma multidão.

— Quero, sim — disse Rownie. Seu pescoço estava começando a doer. Ele se sentou no chão para não precisar manter a cabeça virada em ângulos estranhos. A Goblin entregou-lhe uma caneca de madeira, lisa como se estivesse envernizada, cheia de chá quente. Ele sentiu o aroma e tomou um golinho. O sabor era de limão e mel.

— Diga-me como você se chama, sim? — disse a Goblin.

Rownie olhou para ela por cima da caneca fumegante. Ela sorria, mas ele não saberia dizer que tipo de sorriso era aquele. Era uma sensação estranha. Ele sempre sabia exatamente como o resto da família de Graba se sentia,

porque nenhum deles sabia disfarçar. A própria Graba nunca se dava ao trabalho de esconder seus humores e desejos — seu rosto era tão fácil de ler quanto palavras escritas em óleo em chamas no meio da rua. Rownie estava acostumado a isso. Já a Goblin escrevia seu sorriso numa língua que Rownie desconhecia e que não conseguia ler.

— Rownie — disse ele.

— Olá, Rownie — disse ela. — Achei que esse fosse seu nome. Eu me chamo Semele. Me chamo mesmo. E estou me perguntando se você teve notícias de seu irmão.

Rownie ficou olhando para ela. Ele sabia o que ela havia perguntado, mas não entendia o porquê da pergunta.

— Meu irmão, Rowan?

— É, Rowan — disse Semele. — Ator jovem e competente, que está desaparecido há algum tempo. Ele lhe deu notícias?

— Não — respondeu Rownie, desconfiado. Se *tivesse* tido notícias de seu irmão, era provável que não contasse a *ninguém*. Não a Graba; e é claro que não a Goblins.

— Bem — disse a Goblin —, se você o vir, diga que mandei um abraço. Enquanto isso, eu me pergunto se você se interessaria em ficar conosco. Temos muitas apresentações a fazer. Amanhã vai ser na Muralha Quebrada e no dia seguinte lá junto das docas. E tenho certeza de que seria bom termos mais uma voz, mais um par de mãos. Acha que gostaria disso?

Rownie piscou. Sim, ele gostaria de pisar no palco outra vez. Sim, decididamente, sim.

— Pode ser que sim — disse ele em voz alta, ainda desconfiado. Morar na casa de Graba o tinha ensinado a desconfiar sempre que alguém lhe oferecesse exatamente o que ele queria. — Posso assistir ao resto da peça antes?

— É claro que pode — respondeu Semele.

Rownie terminou o chá e pôs a caneca no chão. Semele apontou para os fundos do carroção. Rownie meio andou, meio engatinhou, por baixo do palco. Foi sair entre a beira do pano e uma roda do carroção.

Estava ouvindo uma rabeca e uma flauta do alto do carroção e depois, vozes cantando, belas vozes. Parou para escutar e se perguntou o que fazer.

Na realidade, não chegou a decidir. Um ruído estridente de metal contra metal. Garras de madeira e latão fecharam-se em volta dele, vindo por trás.

— Cadê meu óleo de máquina, nanico? — disse Graba, furiosa, na orelha de Rownie.

Ela o içou com uma perna de ave, como se ele pesasse menos que poeira, um nome ou um pedaço de papel amassado. Enlaçou-o então pela cintura e partiu a passos largos.

Rownie se debatia. Graba o segurava bem perto, e o farejou.

— Você está com o cheiro errado — disse Graba. — Está com cheiro de roubo e de lata. Está com cheiro de inquietação. Será que Semele preparou poções de Transformação para você?

— Não, Graba — tentou dizer ele, mas na realidade não conseguia falar. Ela o estava apertando muito, e a respiração de Rownie saía em arfadas curtas.

Graba atravessou o campo e passou para o meio da rua, movendo-se com velocidade. Rownie pensou desesperadamente em formas diferentes para escapar ou para se explicar. Ele pensava e pensava, e o resultado era nada e mais nada.

Eles passaram pela estátua do Senhor Prefeito. Graba cuspiu a seus pés. Atravessaram o Caminho das Rabecas e passaram pela Torre do Relógio. Graba cuspiu aos pés da torre.

Graba entrou no Lado Sul a passos largos. Eles passaram por um terreno aberto, com o chão de terra batida e paredes de estuque desmoronadas. Era um lugar onde velhas construções tinham ruído, e novas não tinham chegado ainda e talvez nunca viessem. Aves noturnas ciscavam na terra. Dois pavões dormiam no alto de uma chaminé de tijolos que se mantinha em pé, isolada, sem nenhuma parede.

— Aqui foi minha casa, muito tempo atrás — disse Graba enquanto iam passando. — Isso aqui era meu. Todos os lugares em que instalei meu barraco são meus, mesmo que eu não pertença a nenhum deles.

Rownie nada disse. Mal conseguia respirar.

Por fim, Graba parou do lado de fora do próprio barraco. Vass e Barbicha espiaram pela janela que servia como sua única porta. Rownie esperava que seus irmãos mais velhos demonstrassem superioridade. Esperava que eles tripudiassem. Alguém estava em apuros, e não era nenhum deles dois.

Mas eles não estavam com ar de superioridade. Eles não tripudiaram. Parecia que estavam com medo.

Até aquele instante, Rownie tinha se sentido espantado, surpreso e alarmado com o que poderia acontecer em seguida. Agora estava com medo, um medo que ia até a medula dos seus ossos. Agora ele sabia que Graba estava irritada com alguma coisa pior do que a perda de duas moedinhas.

Graba jamais conseguiria passar pela pequena janela-porta. Ela preferiu escalar os lados do beco, estendendo cada perna comprida até o muro de cada lado. Içou a si mesma e Rownie até o telhado. Ergueu então metade do telhado de telhas de madeira como se fosse a tampa de uma caixa. Ela entrou e jogou Rownie num canto afastado do sótão. O telhado fechou-se acima deles. Aves deram gritos estridentes e agitaram as asas. Graba se acomodou no seu banco. Ficou olhando para Rownie com seus olhos descorados.

— Você comeu o que ela lhe deu? — sussurrou ela. — Bebeu o que ela lhe ofereceu?

Rownie olhou de volta para ela e não disse nada. Precisava saber em que tipo de encrenca tinha se metido, mas não sabia.

— Posso queimar você — disse Graba. Foi quase gentil seu jeito de dizer isso. — Posso queimar os presentes dos Goblins por dentro de você, agora. É o que eu deveria fazer, antes que você comece a se Transformar num deles, como aconteceu com ela. Eu devia queimar não importa o que seja que ela lhe deu.

Graba acendeu o fogão de ferro, pegou um pilão de uma prateleira alta e começou a triturar folhas secas para fazer um pó fino. Cantarolava baixinho consigo mesma. Não tirou nem por um instante os olhos de cima de Rownie, e Rownie não tirou nem por um instante os olhos dela. A única iluminação no aposento vinha da porta do fogão.

Graba largou o pilão. Pegou um punhado do pó com uma das mãos e um pombo dos caibros com a outra. O pombo se segurava aos dedos de Graba com seus delicados pés de ave. Ela cantou para ele, baixinho, e então salpicou o pó por cima. Com um grito estridente, a ave pegou fogo na mão dela. Suas penas tinham um cheiro penetrante e acre enquanto ardiam.

Graba segurou o fogo entre o próprio corpo e o de Rownie. Através do fogo, ela observava Rownie. Ela cantava, e a canção em sua voz tornava suas palavras mais fortes, mais pegajosas, mais participantes do mundo das coisas sólidas.

— Pela voz e pelo fogo. Pelo sangue e pelo fogo. Minha casa não te conhecerá. Minha casa não conhece crianças em Transformação. O fogo te despachará, e Rowan te substituirá. O Rowan mascarado era velho demais para ser Transformado.

Ela chegou mais perto, entoando o feitiço.

— Se vieste do leito do túmulo, retorna ao leito do túmulo. Se vieste do Rio, que a enchente te leve. Se vieste dos demônios dos montes, se és dos demônios dos montes, volta para os portais esculpidos nos montes. Invoco teu banimento de todas as direções!

— Graba? — disse Rownie, tentando pensar em alguma outra coisa para dizer, alguma coisa que a fizesse ficar simplesmente irritada com ele.

A garra do pé de Graba o apanhou pelo cangote e o manteve suspenso, debatendo-se. Ela o trouxe mais para perto das chamas na mão. Não tirava os olhos do rosto de Rownie, enquanto entoava a fórmula mágica. A voz que entoava ganhou um tom de rosnado.

— Semele não o Transformará. Seus feitiços fugirão uivando. Suas palavras perderão o significado. Suas fórmulas não pegarão. O que ela esconde será encontrado; o que ela mostra será ocultado. Ela não tirará nada de mim. Suas obras serão queimadas com água fervente. — Chamas se lançaram da palma de suas mãos. Rownie sentiu o fogo queimar a penugem fina do seu rosto.

Ele parou de lutar, fechou os olhos e estendeu a mão até a manivela na canela de Graba. Ele a puxou do encaixe e a girou para o lado errado. Molas

perderam a tensão dentro da perna de Graba, e ela largou Rownie no peitoril da janela.

A janela estava aberta. Rownie saltou dali. Não teve tempo para olhar antes. Seu pé ficou enganchado no peitoril e o fez girar. Ele caiu de costas.

Graba atirou o pássaro em chamas atrás dele. A gordurosa bola de fogo pairou, luminosa, em contraste com o céu. Enquanto caía, Rownie ficou olhando para ela.

Primeiro Ato, Cena VI



ROWNIE ATERRISSOU NUMA PILHA inclinada de poeira e deslizou por ela abaixo. Um peixe da poeira enredou-se no seu cabelo, desenredou-se e seguiu se debatendo, a tratar de seus assuntos empoeirados. Um fogo, malcheiroso e com forma de ave, caiu na pilha, ao lado. Ficou ali fumegando e crepitando.

Rownie permaneceu deitado, imóvel, ofegante. Pensou muito em se levantar, em procurar algum lugar seguro, longe da ave em chamas e da ira de Graba. Ele pensou, mas não chegou a se mexer. A queda tinha lhe tirado o fôlego, e ainda não sabia ao certo como recuperá-lo.

Olhou para o alto, na expectativa de ver mais uma ave em chamas, ou uma ave viva e maior vindo bicar seus olhos; ou ainda a outra perna de Graba, ainda com corda e capaz de sair pela janela e o agarrar. Como não viu nenhuma dessas coisas, ficou deitado imóvel, tentando descobrir se tinha sofrido alguma fratura. Seus braços, pernas e cabeça estavam todos doloridos por conta do pouso, mas nada sangrava, e parecia que todos os seus ossos estavam inteiros e no lugar. Rownie experimentou mover as pernas, e descobriu que ainda conseguia fazer isso. Foi se levantando devagar.

Barbicha passou pela janela do térreo. Olhava fixo para Rownie. Trazia na mão um cabo de vassoura quebrado. Parecia chocado e ainda com medo, mas segurava o cabo de vassoura exatamente como sempre fazia quando representava o Rei de Todos os Piratas. Borrão e Seboso passaram pela janela atrás dele.

Rownie podia ter sido o menor e o mais novo na família de Graba, mas não era o mais recente a juntar-se a ela. Ele se lembrava de quando Seboso ficou em pé pela primeira vez diante de Graba, lá no sótão. Ela marcara o rosto dele com cinzas e saliva. Tinha feito a marca que provava que ele pertencia a ela. Rownie não sabia de onde Seboso era. Podia ser que ele fosse simplesmente mais uma criança da poeira do Lado Sul, sem outro lugar para ir e com um gosto pela atitude de valentão que acompanhava quem entrasse para a família de Graba e cumprisse tarefas para ela. Podia ser que Graba o tivesse feito com aves, provavelmente pombos, no caso dele. Os pombos eram sebosos.

O pombo em chamas se reduziu a uma mancha preta e gordurosa junto dos pés de Rownie.

Barbicha avançou e ergueu seu cabo de vassoura, mas Rownie já não estava disposto a ser golpeado com espadas enferrujadas na parte de trás dos joelhos, ou em qualquer outra parte. Ele tinha mudado de papel. Barbicha era muito mais alto, mas Rownie era um gigante. Postou-se como um gigante. Foi andando direto até onde Barbicha estava e tirou o pedaço de pau da mão dele, exatamente como um gigante faria.

— Obrigado — disse ele, como se o garoto mais velho tivesse oferecido o cabo de vassoura a ele, em vez de o estar usando como ameaça.

Barbicha ficou desnorteado. Parecia que ele já não sabia em que tipo de história estava. Mas então sua expressão mudou. Ele assumiu um pouco da expressão de Graba, com um olho semicerrado e o outro arregalado. Ele observava Rownie com o olhar de Graba, com um pedacinho de Graba dentro da cabeça, e o olhar que ela lançava era de raiva.

Seboso e Borrão também assumiram, cada um, um pouquinho da expressão de Graba.

Outros foram saindo pela janela: Magriço, Manhoso, Gatuno, Tagarela e Cisco. Todos eles eram Bichos, e todos olhavam para Rownie com o olhar semicerrado e fixo de Graba.

Rownie já não era um gigante. Ele deu meia-volta e correu com a maior velocidade que conseguiu impor às pernas.

Ouviu muitos passos pesados na terra batida e nas pedras empoeiradas do calçamento às suas costas. Largou o cabo de vassoura quebrado. Não tinha a menor condição de manter a distância um bando inteiro de Bichos só com um pedaço de pau, e ele estava atrapalhando sua fuga.

Rownie corria, passando de um beco estreito e apertado para outro. Ele virava de repente em esquinas e ruas curvas. Seguia a lógica desregrada e cheia de voltas do Lado Sul, e se orientava pela memória quase tanto quanto pelo luar. Teria sido mais fácil enxergar nas ruas mais largas, com suas raras lanternas acesas no alto de cruzamentos importantes, mas Rownie estava com mais medo de ser visto do que de tropeçar em alguma coisa que não enxergasse. Precisava desaparecer. Por isso, não saía das ruas pequenas e sem iluminação.

Gurubus guinchavam para ele de cima de pilhas de lixo no escuro. Eram bichos intratáveis, aves grandes que catavam lixo e não voavam, e Rownie procurava se manter longe dos seus guinchos.

Ele não conseguia desaparecer. Os Bichos estavam perto demais, ali atrás. Corriam sem falar. Rownie nunca soube que eles conseguiam ficar calados, em momento algum, nem mesmo enquanto dormiam.

Tropeçando, ele atravessou um grande amontoado de poeira, tossiu quando ela ficou picando o fundo de sua garganta, e continuou a correr. Sua impressão era a de que tinha estado correndo a vida inteira. Suas pernas e pulmões doíam. Ele não se lembrava de como era ficar parado.

O barulho dos passos estava logo ali atrás. Ele não tinha como correr mais do que os outros. Precisava se esconder.

Rownie guinou para a esquerda, para uma rua larga e desimpedida, e disparou na direção do portão enferrujado da Estação Ferroviária do Lado Sul.

Naquele momento, estava com muito mais medo dos Bichos do que de escavadores, espíritos maléficos ou fosse lá o que o estivesse aguardando na estação — desde que os escavadores e espíritos maléficos não o encarassem com o olhar e toda a raiva de Graba.

Podia ser que os outros tivessem medo de espíritos. Podia ser que não entrassem ali atrás dele.

Chegando ao portão, ele se espremeu para passar por entre as barras. Segurou a ponta do casaco com a mão para que ele não se enganchasse no portão — e para impedir que os Bichos pegassem a ponta se ela ficasse para trás.

Pela primeira vez desde que tinha começado a correr, Rownie parou.

Os outros não eram pequenos o suficiente para passar espremidos entre as barras. Eles chegaram ao portão e começaram a escalá-lo. Não o provocaram. Não o insultaram. Não disseram absolutamente nada.

Rownie fugiu daquele silêncio. Forçou-se a avançar através da escuridão da Estação Ferroviária do Lado Sul.



A estação era um espaço aberto, enorme. Isso Rownie podia dizer só pelo jeito com que o som se propagava por lá. Seus pés batiam no piso de pedra polida. O som saía, afastando-se dele, e se perdendo em algum lugar naquele espaço vazio. Ele tentou se movimentar sem ruído, mas seus pés ainda batiam com força na pedra.

Havia uma claridade ínfima. O teto era de vidro, e o luar conseguia atravessar vagamente por sua superfície encardida. Essa luz tornava o teto visível lá no alto, mas não iluminava muita coisa cá embaixo. Vultos escuros se agigantavam em torno de Rownie, e ele tentava evitá-los.

Ele se movia o mais rápido que sua coragem permitia, com os dois braços estendidos tateando à frente. Esperava encontrar obstáculos com as mãos antes de encontrá-los com o rosto. Acabou encontrando um com a canela. Era de metal. A dor na perna lançou faíscas nos seus olhos. Ele os fechou. Fechou a boca também. Não gritou. Não ia gritar de modo algum.

Rownie foi apalpando para saber com que objeto tinha colidido. Era um banco, feito de ferro batido, elegante e cheio de curvas, para que pessoas importantes se sentassem enquanto esperavam pelo trem que as levaria até o Lado Norte. Ele se enfiou debaixo do banco, que tinha tamanho suficiente para escondê-lo e para impedir que qualquer outro deles lhe desse um encontrão no escuro.

Esperou. Não ouvia nada a não ser as batidas do próprio coração e a própria respiração. Fez um grande esforço para calar esses dois sons. Tinha certeza de que os Bichos conseguiriam ouvir as batidas retumbantes do seu coração, mesmo de lá do outro lado do piso da estação.

O piso estava gelado. Parecia gelado debaixo de suas mãos. Tinha o cheiro de frio e de pó.

Rownie tentou não pensar em todas as coisas possíveis que talvez assombrassem a estação em volta. Tentou não pensar em escavadores, menos ainda em escavadores afogados, que saíssem se arrastando do túnel inundado. Tentou não pensar em espectros maléficos. Tentou não pensar nos trabalhadores mecânicos que no passado eram mentalmente sãos, que costumavam falar coisas com sentido, antes que o senhor Prefeito de Zombay reunisse todos eles para realizar projetos imponentes e majestosos, como os de estações ferroviárias. Agora os trabalhadores mecânicos eram todos tão lesados quanto o sr. Scrud, e nada que diziam jamais fazia sentido. Rownie tentou não se perguntar o que tinha deixado todos eles lesados, e tentava não imaginar que essa coisa ainda estivesse ali, em algum canto da estação. Ele tentava não imaginar que pudesse ouvir sua respiração. Tinha bastante certeza de que estava ouvindo *alguma coisa* respirando, alguma coisa grande, em algum ponto no escuro.

Muitos pares de pés descalços batiam no piso de pedra. O som ecoava em toda a sua volta.

— Rownie-nanico! — chamou Borrão. A voz era de Borrão, mas as sílabas soavam como Graba.

— Saia do esconderijo, agora! — gritou Seboso, falando igual a Graba.

— Vou ficar com muito menos raiva se você aparecer — gritou Barbicha, com a voz subindo e baixando, do jeito que a voz de Graba subia e baixava.

— Tenho umas coisas a lhe perguntar.

— Mostre-se, criatura em Transformação! — gritou Borrão, com a voz esganiçada e furiosa.

Rownie ficou onde estava, na maior imobilidade possível. Parou de se perguntar a respeito de que outras criaturas poderiam assombrar a estação. Ela estava assombrada por Bichos, e ele achava que não podia existir coisa pior. Concentrou-se em respirar em silêncio. Preparou-se para sair correndo, se precisasse correr.

Alguém passou perto do banco de Rownie. O garoto ouviu os resmungos. Parecia que podia ser Seboso. Rownie esperava que sim. Seboso não era muito rápido. Quem quer que fosse voltou a se afastar dali.

Rownie ouviu asas de pombos lá no alto. Espiou debaixo do banco e viu vultos escuros, providos de penas, passando pelo clarão fraco do teto. Eles voavam em círculos. Estavam procurando.

— Vass, você está aqui? — perguntou Barbicha, alto, ainda com a voz de Graba. — Faça luz para mim, agora!

Rownie ouviu Vass entoando um encantamento, em algum lugar no escuro. E então já não estava escuro. A luz desabrochou e o ofuscou.

Relógios enormes estavam suspensos do teto por correntes poderosas, como relógios de bolso de gigantes. Cada relógio também era uma lanterna, e agora todas estavam acesas. Elas oscilavam para lá e para cá, quando pombos pousavam nelas e delas partiam. A luz que lançavam produzia sombras compridas e ondulantes.

Rownie ficou olhando os Bichos debaixo do banco de ferro. Assistiu enquanto eles procuravam por ele nas filas de vagões. O acabamento espelhado em latão dos vagões parecia velho e escurecido, apesar de eles nunca terem sido usados.

Ele esperou até ter certeza de que ninguém estava olhando em sua direção e então foi se arrastando dali para a sombra de uma pilastra de pedra. Seguiu com todo o cuidado a extensão da sombra da pilastra, entrando mais na estação.

O lugar inteiro parecia o Lado Norte, com sua pedra polida e ângulos precisos. Era estranho estar ao sul do Rio, mas ter a sensação de estar no

Lado Norte. Rownie tentou não deixar que isso o incomodasse, porque tinha coisas piores com que se preocupar, e detalhes da arquitetura estavam lá embaixo entre as coisas que menos lhe diziam respeito — mas ele ainda achava aquilo perturbador e desnorteante.

Havia uma lógica que se aplicava aos deslocamentos pelo Lado Sul, e essa lógica já não funcionava dentro da estação ferroviária. Rownie precisou fazer uma troca de marcha em sua cabeça e nos seus movimentos para compreender o sentido do ambiente e descobrir algum lugar onde se esconder. Precisou fingir que estava ao norte do Rio.

Barbicha chamou seu nome, em algum ponto bem perto dali. Rownie teve um sobressalto por dentro ao ouvir isso. Não conseguia dizer de onde o som vinha. Entrou num dos vagões para sumir de vista rapidamente.

O interior do vagão estava cheio de fileiras de cadeiras, que pareciam macias e confortáveis. Eram feitas de madeira encerada e possuíam almofadas vermelhas desbotadas. Havia mesinhas redondas entre algumas das cadeiras, raiadas com uma pátina verde de um lado a outro da superfície de cobre. Algumas lanternas estavam acesas nas paredes de cada lado, acionadas pelo encantamento de Vass.

Rownie sabia que Vass tinha um pouco de talento para maldições e feitiços — ou pelo menos sabia que ela se gabava disso —, mas nunca a tinha visto fazer nada tão impressionante. Ele também nunca tinha visto um irmão olhar para ele com o olhar de Graba, ou falar com os ritmos da voz de Graba, até Vass fazer isso na Praça da Feira. *Ela pode nos usar como máscaras*, pensou Rownie, e se perguntou se Graba poderia fazer a mesma coisa com ele. Começou a entrar em pânico com essa ideia. O peso de tudo o que ele não sabia sobre a própria casa se abateu sobre ele e o espremeu como as garras dos pés de Graba. Ele não se sentiu um gigante. Sentiu que era, sim, a coisa mais diferente de um gigante. Um inseto, quem sabe. Um vaga-lume ou um besouro.

Graba não pode me usar, concluiu ele. *Ela não pode e não vai. Se pudesse me usar, ela não precisaria mandar todo mundo atrás de mim.*

Avançou com cuidado pelo centro do vagão. Estava se sentindo encurralado, e sabia que não deveria ficar ali dentro. Os outros já estavam

vasculhando vagões, um a um. Eles o encontrariam se ficasse ali. Rownie não sabia o que aconteceria então. E não queria saber.

Olhou para a entrada do outro lado. Vass estava lá, a observá-lo.

Primeiro Ato, Cena VII



ROWNIE RESPIROU FUNDO E SOLTOU O AR. Levantou-se. Não correu. Ela o alcançaria se ele corresse. Pelo seu jeito de ficar em pé ali, ele demonstrou que não ia fugir, e esperou para ver o que ia acontecer em seguida.

Vass continuava olhando para ele. Estava com aquele seu sorriso cruel e, fora isso, não se mexia.

— Você está vendo Rownie, agora? — perguntou Barbicha, do lado de fora do vagão. — Encontrou ele?

Vass olhava direto para Rownie.

— Não, Graba — respondeu ela. — Ele não está aqui.

— Trate de ter certeza — disse Barbicha. — E traga para mim um espelho, se conseguir encontrar um que não esteja quebrado, e também uma almofada nova para minha cadeira.

— Certo, Graba — disse Vass. — Acho que o nanico pode ter se enfurnado no túnel. Lá embaixo não está tão inundado quanto deveria estar.

— Sete vezes amaldiçoadas sejam as papadas do senhor Prefeito — disse Barbicha. — Ele está bombeando a água do túnel de novo. Estou ouvindo o

resfolegar e o barulho dos sifões, deixando tudo seco. Vou dar uma olhada lá.

— Sim, Graba — disse Vass. Ela se sentou em uma das mesas de cobre, cruzou as pernas e uniu as mãos à frente. Sentada, não era assim tão mais alta que Rownie. Ele sentou na cadeira diante dela.

— Obrigado — sussurrou ele, e estava falando sério. Mas sua intenção também era a de perguntar por quê. Não conseguia se lembrar de uma única vez que Vass o tivesse ajudado em nada, e esse parecia ser um momento improvável para ela resolver começar. Não era pouca coisa mentir para Graba.

Vass rejeitou seu agradecimento com um aceno de mão.

— Ela hoje me tratou como um Bicho. Ela não pode fazer isso. Não vou permitir, não consigo. Ela usa os Bichos. Recorre a eles para ir a todos os lugares. Está sempre se movimentando, sempre, mesmo quando está parada, no andar de cima, em casa. Mas não vou deixar que ela me use. Não sou um Bicho.

— Eu também não — disse Rownie, com esperança de que fosse verdade.
— Eu tenho nome.

Vass deu seu sorriso cruel.

— Não tem, não — disse ela. — Você só tem o nome de Rowan no diminutivo. Mas Graba não consegue usar você.

Rownie teve muita esperança de que ela não estivesse mentindo.

— Por que não?

— Porque você tem algum talento para usar máscaras — disse Vass. — Por que você acha que ela o mantém por perto? — Vass pegou uma almofada da cadeira ao lado, examinou-a e conseguiu tirar um pouco da poeira, batendo-a na mesa. Rownie tentou piscar para tirar a nuvem de pó dos olhos.

— Por que Graba se importaria com máscaras?

— Deixa para lá — disse Vass. — O que importa para Graba não deveria importar muito para você, não mais. Vou apagar as luzes. E então vamos embora. Vamos parar de procurar por você assim que ficar escuro.

— Obrigado por me ajudar a me esconder — disse Rownie.

Vass abanou a cabeça com vigor, como se alguma coisa estivesse grudada no seu nariz e ela quisesse se livrar dela.

— Não me agradeça — disse ela. — Eu não estou ajudando você. Não estou fazendo isso por você. — Levantou-se, ainda segurando a almofada. — Aonde quer que você vá hoje à noite, onde quer que você acabe parando, fique longe das margens do Rio. O Rio está furioso. As enchentes estão chegando.

As enchentes estão chegando. As enchentes estavam sempre chegando, mas Rownie não conseguia se lembrar de uma única vez que elas realmente tivessem chegado. Era só uma coisa que as pessoas diziam — apesar de haver uma diferença no jeito com que Vass falou, como se estivessem realmente chegando.

Rownie quis perguntar o que ela queria dizer, mas Vass já não estava prestando atenção nele. Seus olhos perderam o foco, olhando para algum outro lugar.

— Meu feitiço está encerrado — entoou ela, baixinho. — Os nós estão desfeitos. — Rownie sentiu o ar se transformar à sua volta. Sentiu o mundo mudar de forma com as palavras de Vass.

As luzes se apagaram. Rownie ouviu Vass descer do vagão no escuro.

Vários Bichos protestaram aos gritos lá fora. Eles falavam agora como Bichos, não como Graba.

— Você é uma porcaria nessa coisa de feitiço — disse Borrão. — Não devia poder manter seu nome.

— Ainda estou aprendendo — respondeu Vass, emburrada. — E não posso manter nada aceso por muito tempo sem óleo para queimar. Quem sabe a gente não enfiava um pavio no Seboso e usava *ele* como lanterna?

— Cala a boca — disse Seboso.

— Vai ver que o nanico voltou por onde veio e já foi embora — disse Vass —, ou vai ver que desceu para o túnel e os escavadores pegaram ele.

— Não tem *mesmo* nenhum escavador no túnel, tem? — perguntou Seboso.

— Tem, sim. É claro que tem. Quer ver? Quer que a gente jogue você lá embaixo?

— Cala a boca! — disse Seboso.

O som das vozes foi sumindo à medida que eles saíam da Estação Ferroviária do Lado Sul.

Rownie ficou sozinho.

Primeiro Ato, Cena VIII



ROWNIE TENTOU INVOCAR A SENSACÃO de que *ele* estava assombrando a Estação Ferroviária do Lado Sul, e que outros tipos de assombrações é que deveriam ter medo *dele* — mas não conseguiu se convencer totalmente de que essa era a verdade. Tinha certeza total de que havia escavadores no túnel. Mas não tinha assim tanta certeza quanto ao que Vass lhe tinha dito.

Graba não consegue usar você — você tem algum talento para usar máscaras.

Rowan era muito bom com máscaras. E estava usando uma na última vez que Rownie o tinha visto, na última vez que qualquer pessoa o tinha visto: já fazia meses, numa cervejaria do Lado Sul.



— Isso aqui é só uma apresentaçõzinha numa cervejaria — disse Rowan.

— Nosso palco vai ser em cima de mesas, lá nos fundos. Pode ser que o público escute, enquanto estiver comendo. Pode ser que não.

— Aposto que a Guarda vai vir — disse Seboso. — Eles andam prendendo os atores para os transformar em escavadores. — Rowan sorriu e fez que não.

— Estamos no Lado Sul — disse ele. — Desde quando o Lado Sul presta muita atenção aos decretos mais tolos de nosso bom Prefeito? Não se preocupem.

— Só não vá usar uma máscara de Graba — disse Vass. — Ela detesta a ideia de que qualquer pessoa possa um dia assumir seu lugar.

— Você imita a voz de Graba o tempo todo — lembrou-lhe Rowan. E ele mesmo passou a falar com a voz de Graba. — Tenho umas tarefas para você, criança. Vá pegar o Sol, a Lua e as estrelas antes do jantar. Trate de fazer isso para mim, agora.

Rownie e Rowan riram. A impressão era de ser a mesma risada.

Vass não riu. Ela franziu a testa.

— Com máscaras, a história é outra — disse ela.

— Você vai poder usar alguma máscara de pirata, grande e de cara amarrada? — perguntou Rownie ao irmão mais velho.

— Parece que você já está usando uma dessas — disse Rowan. Ele estendeu a mão e cutucou o nariz de verdade de Rownie com a ponta do dedo. — Bela máscara, essa aí.

— A sua é ainda mais amarrada — disse Rownie, e então os dois ficaram tentando se superar para ver quem fazia a melhor cara amarrada, até a hora do começo do espetáculo.

— Aqui — disse Rowan. — Segura meu casaco até a peça acabar. — Ele entregou a Rownie seu sobretudo cor de poeira e então se abaixou para entrar por trás de uma cortina feita com dois lençóis e um cabo de vassoura.

Os personagens na peça não tinham nomes convencionais. O herói era chamado de Juventude, vivia envolvido em aventuras e não parava de tentar façanhas épicas. Rowan, por trás de uma máscara barbuda e sorridente, fazia o melhor amigo de Juventude, Vício. Ele portava uma espada quebrada, tirava moedinhas das orelhas de outros atores com um gesto veloz, e as usava para comprar vinho. Não parava de tentar fazer Juventude beber seu vinho.

Uma hora, Rowan olhou para a plateia, encarou Rownie e deu uma piscadela por trás da máscara de Vício.

— Vão prender ele — disse Seboso. — Vão levar ele embora, torturá-lo e *depois* fazer dele um escavador.

— Cala a boca — disse Vass. — Estou tentando escutar.

— Não vão. Não vão, não — sussurrou Rownie duas vezes. Mas foi nesse momento exato que a Guarda entrou marchando pela porta.

A cervejaria ficou em silêncio. Todos largaram as canecas e pararam de comer.

O Capitão da Guarda subiu num banco e depois em cima de uma mesa. Os fregueses daquela mesa tiraram rapidamente sua comida dali. O Capitão desenrolou um pergaminho, pigarreou e leu o que estava escrito.

— Está fora da lei o uso de máscaras em Zombay. Um piloto de barça aprendeu sua técnica e seu ofício, mas um ator pode usar uma máscara e imitar seu modo de agir sem nenhum desses conhecimentos. Se o ator tentasse pilotar uma barça, ele a faria encalhar.

Os atores riram.

— É provável — disse um deles.

— Um Guarda conquistou o direito de usar uma espada — continuou o Capitão — através de serviços prestados e de muito sacrifício. Um ator desvaloriza esse direito ao usar uma máscara e brandir espadas para um espetáculo.

Ninguém riu. Um dos atores estava fazendo o papel de um Guarda. Largas engrenagens de madeira se projetavam da máscara do ator, no lugar onde deveriam estar os olhos. As pequenas engrenagens de vidro dos olhos do Capitão giravam em movimentos curtos, pulsantes, enquanto ele lia.

— É uma grande honra ser um vereador. Um ator esgota toda essa honra ao usar máscaras e trajes para imitar a aparência desse posto. Portanto, por ordem do senhor Prefeito de Zombay inteira, toda a atividade de peças teatrais cessará. Atores são mentirosos. Cidadãos não poderão ser atores nem deverão fingir ser o que não são.

O resto da Guarda prendeu todos os atores e os levou do palco improvisado. Rowan ainda usava sua máscara, e a máscara mostrava um largo sorriso. Rownie não podia ver o que o rosto do irmão estava fazendo por trás dela.

Escoltaram Rowan até a porta, debaixo do olhar furioso e tiquetaqueante do Capitão da Guarda, que ainda estava em pé em cima da mesa. A máscara de Rowan sorria para o Capitão. E então Rowan chutou uma das pernas da mesa, que se quebrou. O Capitão da Guarda caiu para a frente, com um estrondo metálico.

Rowan pulou para um lado, correu desviando-se de braços que se debatiam, e sumiu, seguindo para os fundos da cervejaria, onde ficavam as cozinhas. Rownie pôde ouvir o ruído de pratos quebrados e berros de raiva depois que dois Guardas foram atrás de Rowan. O Capitão pôs-se de pé e gritou com sua voz altíssima. Uma de suas botas de cobre estava amassada, e o pé se projetava num ângulo estranho.

— Melhor a gente se mandar — disse Seboso.

— É claro — disse Vass.

Rownie olhava para o vão da porta da cozinha. Queria ir atrás do irmão. Queria ter certeza de que Rowan tinha conseguido fugir em segurança. Mas muita coisa havia acontecido, rápido demais, e agora o rebuliço já terminara. Ele segurava o casaco de Rowan bem junto do corpo, enquanto acompanhava Vass e Seboso. Os três saíram sorrateiros da cervejaria e foram embora dali.

Rownie tinha tido esperanças de que seu irmão os estivesse aguardando no barraco de Graba, mesmo que já tivesse passado da idade e do tamanho para ainda dormir lá. Ele não ia poder dormir com o resto da trupe, não agora que todos tinham sido presos, e o barraco seria um bom lugar para escondê-lo da Guarda. A Guarda sempre evitava se aproximar de Graba. Só que Rowan não apareceu para se esconder no barraco. Passaram-se dias e semanas sem nenhuma notícia.

Ele ainda está escondido, dizia Rownie para si mesmo, repetidamente. Vai ver que seguiu de barco rio abaixo para escapar da Guarda. Mas ele vai voltar, e nós vamos sair daqui juntos, de barco, para lutar contra piratas, ou então nós seremos os piratas. Ele vai voltar.

Rownie se perguntava como seu irmão iria encontrá-lo, agora que tinha fugido da casa de Graba e estava enroscado num vagão abandonado, tentando escutar ruídos de escavadores no túnel.

Tentou se lembrar da máscara de gigante nos seus ombros. Tentou se imaginar como um gigante, imponente e intocável. Também tentou se imaginar parecido com Rowan, movimentando-se com facilidade pelo mundo afora e rindo junto com tudo que encontrava. Ele se enrolou mais no casaco de Rowan e se acomodou, encolhido, no assento estofado do vagão. Estava se sentindo muito pequeno.

Era impossível dormir. E então o nervosismo intenso de fugir e se esconder foi se dissipando, e deixou para trás só a exaustão. De algum modo, ele adormeceu.

Sonhou com Rowan, ainda com a máscara de Vício que estava usando na cervejaria. A máscara tinha um largo sorriso. Era isso o que tinha de melhor.

O Rowan do sonho levantou a mão e virou a máscara do avesso. Ela se tornou uma máscara de Graba, com um olho semicerrado e o outro arregalado. E então já não era Rowan que estava ali, mas *Graba*. Ela se empoleirou na beira do palco dos Goblins. Estendeu para trás um pé de ave, um pé de ave *de verdade*, coberto com escamas pretas e roxas, como o pé de um gurubu. E abriu a cortina. Por trás da cortina, estava o Rio. Ele avançou em enxurrada, cobriu o palco e cobriu a cidade.

Rownie acordou. Sentiu a poltrona estofada debaixo dele, pensando que ia encontrar o chão de palha do barraco de Graba. Mas não encontrou, e não sabia por quê. Só foi saber depois que reuniu todos os pedaços do dia anterior e conseguiu montá-los em sua cabeça. Foi quando se lembrou de como estava só.

Lá fora do vagão, o sol espiava pelo vidro encardido do teto em abóbada. Tinha amanhecido. Pombos se empoleiravam no alto dos relógios suspensos. Pareciam não lhe dar atenção. Rownie achou que eles não eram de Graba. Achou que não.

Saiu sorrateiro da estação e se espremeu para passar pelas barras do portão enferrujado. Aqui e ali, algumas pessoas estavam cuidando de assuntos matinais. Ele escolheu uma direção e começou a andar.

Agora Zombay era um lugar diferente para ele, e, pela primeira vez na vida, Rownie se sentiu perdido ali.



Segundo Ato, Cena I



ROWNIE ESTAVA COM FOME. Essa era uma realidade comum. A fome era um ruído constante, zumbindo no fundo de sua cabeça e estômago. Mas ontem ele tinha feito mais esforço do que o normal encontrando Goblins e fugindo de Bichos, e agora precisava repor as energias.

Deixou que suas pernas o levassem em busca de comida. Encontrou um pouco do lado de fora da casa de teto de zinco de Mary Mullusk, uma mulher pálida que acreditava que sua família estava tentando envenená-la. Ela raramente comia mais do que um bocado de qualquer coisa antes de jogar a comida pela janela. Rownie chegou lá bem a tempo de pegar uma maçã verde que vinha voando para o outro lado da rua.

— Eu não comeria isso aí! — gritou a senhorita Mullusk. Ela parecia calma para alguém que acreditava estar cercada de envenenadores. — Ela está contaminada.

Rownie deu uma mordida na maçã, sorriu e encolheu os ombros. O sabor estava ótimo. Estava perfeito. Ela fez que não e virou as costas para a janela. Ele esperou para ver se ela jogaria mais alguma coisa contaminada, mas ela não jogou.

Começou a chover. Rownie se embrulhou melhor no casaco e respirou os cheiros da chuva: de lama de poeira e pedra molhada. Tentou desanuviar a cabeça. Ainda estava cansado e ainda estava sozinho. A sensação era pior do que a que tinha nos dias em que Graba mudava o barraco de lugar sem avisar a ninguém antes, nem lhes dizer para onde pretendia ir. Dessa vez, Rownie sabia onde o barraco estava, mas não podia voltar para lá. Aquela já não era mais sua casa.

Ele sentia falta de Rowan. Mas não sabia onde poderia estar, e nem por onde começar a procurar.

A chuva pesada foi se tornando um chuveiro. Cada gotinha enevoadada parecia estar pairando no ar, totalmente imóvel, como se alguém tivesse gritado para a chuva parar, e ela tivesse obedecido. Rownie ia andando em meio às gotas suspensas.

Resolveu começar pela cervejaria em Muralha Quebrada, onde tinha visto o irmão pela última vez, para descobrir se alguém de lá teria alguma informação. Era isso o que se devia fazer quando se perdia alguma coisa — ir ao último lugar em que se tinha a lembrança de ter visto o objeto perdido, mesmo que tivessem se passado uns dois meses. Ele também tinha outro motivo para procurar a cervejaria. *Amanhã nos apresentamos na Muralha Quebrada*, tinha dito a velha Goblin. Ela lhe dera uma boa acolhida. Rownie poderia fazer parte de uma trupe de Goblins. Poderia ser um gigante outra vez. Poderia ajudá-los a montar peças. Ou poderia ser escravo deles por milênios em cidades subterrâneas de Goblins, se fosse para isso que eles *realmente* o queriam.

Muralha Quebrada era o nome da cervejaria e também o nome do bairro. Fazia parte do Lado Sul, no qual a maioria das construções tinha sido feita com pedras da antiga muralha da cidade, ou tinha sido escavada *dentro* dos blocos maiores e compactos da velha muralha. Era uma longa caminhada para chegar lá, e Rownie levou a maior parte do dia nisso. Ele não se apressou. Não correu. Suas pernas estavam doloridas, e ele só tinha conseguido arrumar aquela única maçã para comer. A fome ainda estava ali, zumbindo bem no meio dele.

Quando chegou à cervejaria, encontrou os Goblins no pátio do lado de fora. Thomas estava em pé no teto do carroção, gritando e agitando seu chapelão preto.

— Vou incluir você na nossa próxima peça! — vociferou Thomas. — Vou esculpir seu rosto em caricaturas grotescas e grudá-las em marionetes pequenas e feias! — Todas as janelas e portas da cervejaria estavam fechadas. Parecia que ninguém estava dando ouvidos ao velho Goblin, mas ele continuava a rugir insultos para as paredes. — Gravarei seu nome em versos imortais, e por mil anos ele será alvo de zombaria e deboche!

Rownie ficou parado junto da esquina do prédio e se perguntou qual seria o motivo da confusão. Ficou feliz de ver um rosto conhecido — mesmo que tivesse o nariz comprido e as orelhas pontudas —, mas não quis se postar entre um Goblin proferindo maldições e o objeto de sua ira. Não queria que uma das maldições se desviasse do trajeto e o atingisse por engano.

— Com licença — disse alguém atrás dele.

Rownie saiu da frente. Uma Goblin pequena e franzina passou por ele com os dois braços cheios de fantasias. Ela usava o tipo de vestido que uma dama usaria, mas com as saias levantadas e presas nos ombros e um traje de soldado visível por baixo. Seu cabelo curto estava molhado de chuva e era espetado.

Uma máscara caiu do alto da pilha de fantasias quando ela passou. Rownie a pegou antes que atingisse o chão. Era uma máscara de plumas e apresentava um bico longo e curvo. Sua aparência era perturbadora. Rownie a segurou de tal modo que os olhos vazios não ficassem olhando para ele, e foi atrás da pilha ambulante de fantasias.

— Isso aqui caiu da pilha — ele ia começar a dizer, mas a Goblin não ouviu. Ela já estava gritando com Thomas.

— Será que já não pusemos uma quantidade suficiente de inimigos em nossos versos imortais? — perguntou ela. — Nós realmente precisamos humilhar uma cervejeira burra e seu marido ainda mais burro pelos próximos mil anos? Precisamos mesmo? Já batizamos vilões com o nome dos atores que roubaram o livro de textos de Semele, daquele camponês que atçou os cães contra nós e do vereador de nariz esquisito. Não lembro o que

ele fez para merecer isso. O que aquele vereador fez para merecer uma eternidade de zombarias?

Thomas não fez caso dela. Pode ser que não a tivesse ouvido.

— Amaldiçoarei este lugar! — gritou ele. — Sua cerveja ficará choca! Seu pão, cheio de larvas! Em versos, farei com que humilhações se abatam sobre vocês!

A pequena Goblin subiu a escada no fundo do carroção, abriu uma porta empurrando-a com o pé e entrou. A porta se fechou depois que ela passou.

Rownie bateu na porta.

— Você deixou cair isso — disse ele para a porta, mas ela não se abriu.

— Que o Rio os leve! — vociferava Thomas lá no alto. — Que as enchentes destruam sua casa e afoguem seus ossos! Farei com que nosso artífice construa um par de corvos mecânicos para corvejar seu nome abjeto junto da janela do seu quarto, todas as noites, em intervalos irregulares! Você nunca mais conseguirá dormir! — Ele então baixou a voz, mas só um pouco. — Alguém se lembra do nome dele?

— Cob — respondeu outra pessoa. — O nome do meu pai é Cob.

Era uma voz que parecia ser jovem. Rownie olhou em torno da lateral do carroção para ver a quem pertencia.

Uma garota de cabelos escuros estava em pé numa das portas da cervejaria. Carregava uma cesta nos braços.

Thomas desceu do teto do carroção e se postou diante da garota. Começou a chover mais forte, e a água se derramava de todos os lados do seu chapéu.

— Cob — repetiu ele. — É uma sílaba fácil para um corvo mecânico lembrar e corvejar para chamá-lo. O que a traz aqui fora na chuva, filha de Cob?

— Só vim pedir desculpas por ele expulsar vocês — disse a garota. — Vocês deviam receber algum pagamento pela apresentação. Por isso, eu lhes trouxe pão. — Ela levantou a cesta que estava segurando. — Está quentinho. E não tem larva dentro, não, a menos que suas maldições funcionem muito depressa. — Ela lhe deu a cesta.

— Retiro as pragas que roguei contra sua casa — disse o velho Goblin. — Ele cantarolou uma melodia, transformando suas palavras numa canção e num encantamento, mais fortes que a palavra somente dita. — Pode ser que eu ainda crie uma máscara grotesca com a aparência de seu pai, mas retiro todas as maldições. Que a enchente evite a soleira de sua porta e deixe secas suas botas.

— Obrigada — disse a garota. — As bailarinas estavam todas perfeitas. Diga a elas, por favor.

— Direi — disse ele. — Mas a quem eu deveria atribuir essa avaliação? Ainda não sei seu nome, minha jovem.

— Eu me chamo Kaile — respondeu.

Thomas tirou o chapéu e fez uma reverência.

— Obrigado, Kaile, pela honra de seus elogios e pela generosidade da padaria de sua família. — Ele então remexeu dentro do chapéu e dali tirou uma pequena flauta cinza. — Essa lembrança é para você, eu acredito.

Kaile aceitou a flauta. E então alguém deu um berro da porta da cervejaria, e a garota voltou apressada para dentro. A porta foi fechada com violência depois que ela passou.

Pareceu que Thomas diminuiu de tamanho ali onde estava. Ele voltou para o carroção, cabisbaixo, e quase bateu com o chapéu direto em Rownie.

Rownie pretendia dizer alguma coisa do tipo *Desculpe, senhor, mas um dos outros atores deixou cair isso aqui. Eu a salvei de ficar enlameada e provavelmente de ser pisoteada*. Em vez disso, ele entregou a máscara de ave com uma única palavra.

— Aqui.

O Goblin aceitou a máscara e a deixou cair na cesta com o pão.

— Muito obrigado — disse ele, com rispidez. Não parecia estar grato, nem mesmo um pouquinho. Parecia irritado e cansado. Olhou então para Rownie com mais atenção. — Eu o conheço. Você fez um gigante para nós e não se saiu mal, mas desapareceu depois.

— Peço desculpas — disse Rownie. — Minha avó estava zangada.

— Entendi — disse Thomas. — Bem, você se disporia a... — O Goblin parou de falar. E então empurrou Rownie para baixo do carroção.

Rownie escorregou na lama e foi deslizando até parar. Não gostou nem um pouco de ser empurrado. Quase gritou alguma coisa a respeito de não ter gostado. E então ouviu o som da marcha de botas da Guarda, e viu as botas paradas entre o carroção e a rua. Rownie decidiu que seria melhor ficar calado.

Um par de botas avançou.

— Recebemos queixas de barulho — anunciou o Capitão. Rownie conhecia sua voz. Lembrava-se da voz da cervejaria, da proclamação que ele tinha feito enquanto estava em pé em cima da mesa. — Você ouviu alguma coisa sobre um Goblin enlouquecido rogando pragas?

— Não ouvi — disse Thomas —, embora esteja impressionado com o próprio Capitão da Guarda em pessoa vir investigar um assunto tão insignificante. É louvável sua atenção até mesmo aos deveres mais triviais, e estou muito feliz por vê-lo. Os proprietários dessa cervejaria nos recusaram pagamento pela apresentação aqui, e eu quero registrar minha queixa.

— Anotado — disse o Capitão, apesar de sua voz não dar a menor impressão de que ele de fato tivesse tomado nota. — Também fui informado de que Goblins puseram uma máscara numa criança não Transformada ontem diante de uma multidão de testemunhas. Goblins mascararam um cidadão não Transformado de Zombay.

— Isso seria terrível — disse Thomas com ar grave e sério. — Estou profundamente chocado com a possibilidade de que as pessoas considerem que simples atores Tamlin, como nós, sejam capazes de tanta irresponsabilidade.

O Capitão deu um passo adiante. Rownie arrastou-se um pouco mais para trás, por baixo do carroção.

— O senhor Prefeito estaria interessadíssimo no paradeiro de *qualquer* ator não Transformado — disse o Capitão. — Mesmo que seja uma criança, mesmo alguém que tenha usado uma máscara somente uma vez. Em troca de uma informação dessas, o senhor Prefeito poderia conceder a você uma licença especial para se apresentar dentro dos limites da cidade.

— É muita generosidade — disse Thomas. — Muita generosidade. É claro que nós ficaríamos encantados em ajudar o senhor Prefeito no que for

de seu interesse.

Rownie começou a se preparar para fugir correndo de novo. Ele sabia como escapar da Guarda. Sabia ziguezaguear nas ruas do Lado Sul para não ser apanhado por aqueles que só sabiam marchar em linha reta. Suas pernas detestaram a ideia de voltar a correr, mas ele se preparou de qualquer modo. Correria se fosse preciso. Ele se forçaria a correr.

— Se ouvirmos o mais leve rumor sobre atores não Transformados — prosseguiu Thomas —, naturalmente iremos procurá-lo de imediato.

Rownie respirou. Nem tinha percebido que estava prendendo a respiração. Ele não ia precisar correr. O velho Goblin não estava prestes a denunciá-lo.

— Façam isso — disse o Capitão. — Tenho outros assuntos a tratar aqui, mas meus policiais terão prazer em acompanhá-los, neste momento, a um local afastado.

— Sem dúvida, senhor — disse Thomas com educação e cortesia. — Sem dúvida.

As botas da Guarda deram meias-voltas precisas e os cercaram. Rownie ouviu Thomas subir para o banco do cocheiro. Uma mula mecânica desdobrou-se à frente do carroção. Rownie podia ver o carvão refulgindo vermelho em suas entranhas.

Eles usam carvão, pensou, horrorizado.

A mula começou a trotar. O esconderijo de Rownie estava se movimentando, e agora ele não tinha para onde ir. Havia botas da Guarda em todas as direções para onde olhava.

Acima dele, abriu-se um alçapão no piso do carroção. Alguns pares de mão se estenderam para baixo, o apanharam e o puxaram lá para dentro.

Segundo Ato, Cena II



ENGRENAGENS RETINIRAM. Rodas de madeira matraquearam. O carroção deu uma guinada para a frente, e o alçapão no piso foi fechado. Rownie rolou para se afastar do alçapão e das mãos que o agarravam. Elas o soltaram.

Ele olhou para o alto. A primeira coisa que viu foi o dragão.

A marionete que soprava fogo estava suspensa no teto por cordas, e balançava à medida que o carroção ia percorrendo ruas de calçamento irregular. As rodas passaram por uma saliência no chão, e o dragão se moveu na direção de Rownie, como se estivesse tentando morder seu rosto. A luz da lanterna refulgiu em dentes afiados de latão.

Rownie sabia que se tratava de uma marionete. Dava para ele ver que a maior parte do dragão era de gesso e papel, numa armação de madeira. Mas não conseguiu deixar de estender seu corpo contra o piso e proteger o rosto com os braços.

Ele baixou os braços quando não aconteceu nada. A marionete de dragão balançava acima dele. Era só isso o que fazia.

Quatro Goblins também estavam em pé ali.

Um era o Goblin alto e careca, que tinha feito malabarismo com fogo. Ele olhou para Rownie como se não conseguisse chegar a uma conclusão de quem Rownie era. Outra usava roupas grosseiras, manchadas de graxa e serragem. Tinha o cabelo comprido e escuro, puxado para trás e amarrado com um barbante, mas a maior parte dele tinha escapado do fio. A terceira era a que tinha carregado uma pilha de fantasias mesmo debaixo de chuva, alguns minutos antes, e que usava, ela própria, mais de um traje ao mesmo tempo. Seu cabelo era espetado. Com a mão, ela deu um aceno discreto para ele.

A quarta era Semele, que lhe tinha dado chá por baixo do palco e lhe tinha oferecido acolhimento.

Todos eles tinham orelhas pontudas e olhos enormes — apesar de Semele semicerrar seus olhos grandes para enxergar através de óculos pequenos. Os rostos eram cobertos de sardas verdes e marrons.

— Olá, Rownie — disse Semele. — Estou feliz por você nos ter encontrado de novo, feliz mesmo.

Rownie não estava totalmente feliz por tê-los encontrado de novo. Estava se sentindo nervoso e inquieto. Ele se sentou no piso e olhou ao redor, sem se tranquilizar. Cenários, máscaras e instrumentos musicais chacoalhavam em caixotes e faziam barulhos estranhos quando se chocavam uns nos outros. A luz de lanternas lançava sombras de formato esquisito, e essas sombras balançavam para lá e para cá, com o movimento do carroção. Tudo ao redor era perturbador. O cheiro era de papéis e roupas velhas.

— Olá — disse Rownie, cauteloso, em voz baixa.

O Goblin alto e careca nada disse. A que estava com a roupa de trabalho manchada também não disse nada.

— Eles nunca falam — explicou a Goblin de cabelo espetado. Sua voz era aguda, e suas palavras saltavam para lá e para cá, como gafanhotos. — Seja como for, Patch nunca diz muita coisa. Patch é o alto. Ela é Nonny. E realmente nunca diz nada. Eu sou Essa. Você e eu dividimos o palco ontem à noite, quando eu fiz Jack, e você estava tentando impedir a máscara de gigante de cair de sua cabeça.

Rownie quis protestar, dizendo que a máscara de gigante não tinha corrido o menor risco de escorregar de sua cabeça, e que ele a tinha usado muito bem, obrigado, mas acabou dizendo outra coisa.

— Vocês usam carvão. — Não era isso o que pretendia dizer, mas aquilo o incomodava o suficiente para levar sua boca a dizer a frase sem sua permissão. Ele sabia o que dava movimento aos autômatos. Sabia de onde vinha o carvão. — A mula mecânica funciona com carvão.

— Carvão de coração de peixe! — retrucou Essa. — Só usamos coração de peixe para movimentar Horácio. Gastamos algumas dúzias para conseguir uma chama razoável, mas os peixeiros lá no porto vendem por atacado, e eles funcionam quase tão bem quanto o carvão feito de corações... maiores.

— É mesmo? — perguntou Rownie. Ele não sabia que corações de peixe eram inflamáveis.

— É mesmo — respondeu Essa.

— Quem é Horácio? — perguntou Rownie

— Horácio é a mula — respondeu Essa.

— É? — perguntou Patch. Nonny também parecia confusa. Estava claro que isso era novidade para eles também.

— É — disse Essa. — Dei-lhe um nome hoje. O bicho precisa de um nome, e achei que tem cara de Horácio.

Semele mandou que todos se calassem.

— Acho que devíamos falar baixo agora. A Guarda está marchando ao nosso lado, e as paredes não são grossas. Sentem-se, por favor, sim?

Todos se sentaram, com exceção de Rownie, que já estava sentado no piso do carroção.

Patch ficou olhando para a parede com um jeito abatido e carrancudo, como se imaginasse que a Guarda fosse prendê-los independentemente do que dissessem ou fizessem.

Nonny sentou num caixote e, cheia de paciência, começou a dobrar um pedaço de papel, criando formas diferentes. Ela fez a forma de uma garça, depois de um lagarto, e então de uma engrenagem. Rownie reconheceu o

que estava escrito no papel. Ele era uma cópia do cartaz que anunciava o Teatro Tamlin, o cartaz que ele tinha visto na ponte.

Essa sentou, começou a ficar inquieta, levantou-se de novo e subiu num dos armários pregados na parede do carroção. Ali, ela se pendurou de cabeça para baixo pelos joelhos, cantarolando uma canção só para si.

Semele tirou os óculos, limpou-os com um trapo e os pôs no rosto outra vez.

O carroção parou. Essa parou de cantarolar. Todos ficaram escutando.

Lá fora, Thomas gritou alguma frase curta.

— Ele está pedindo socorro? — murmurou Essa, com um sussurro muito alto. — Acho que talvez ele tenha acabado de pedir socorro. — Ela enfiou a mão num caixote aberto e, com cuidado, desembainhou uma espada de palco. — Mas a verdade é que não consegui ouvir direito. Ele poderia ter dito, “Safados medem sua vida”. Foi mais ou menos o que me pareceu. Que tipo de sinal vocês acham que é esse?

— Acho que ele não falou de vida — disse Semele. — Creio que tenha dito “Os Transformados pedem guarida”, o que significa que estamos diante dos portões do campo-santo.

Essa gemeu. Patch suspirou. Nonny dobrou o pedaço de papel no formato de uma máscara.

— Nós realmente precisamos dormir no campo-santo? — perguntou Essa. — O melhor de voltar para casa em Zombay é ter um lugar melhor para ficar do que campos-santos, encruzilhadas ou encruzilhadas dentro de campos-santos.

Semele fez que não.

— A Guarda nos escoltou até aqui — disse ela. — Não é seguro ir para casa e mostrar para eles onde fica.

Rownie não entendeu quase nada da conversa, apesar de ouvir com muita atenção. Ele peneirou palavras através de sua mente, como se fosse poeira fina através das mãos, e pegou o que pôde. Por ser o mais novo, ele estava acostumado a compor seu entendimento reunindo trechos de conversas ouvidas ao acaso, e o resto ele guardava com cuidado na prateleira no fundo de sua mente.

Ouviu-se o guincho de metal contra metal em algum lugar lá fora. Rownie não sabia o que era aquele barulho. Achou que não era a perna de Graba. Achou que não era. Parecia um portão brigando com suas próprias dobradiças.

O carroção voltou a se movimentar, e dessa vez não havia nenhum som do acompanhamento de botas da Guarda. Ele seguiu por uma superfície ainda mais irregular que as ruas do Lado Sul, e todos ali dentro tentaram se proteger, encostando-se nas paredes e no piso. Sofreram um solavanco especialmente violento, e Rownie mordeu a ponta da língua quando o impacto fez bater seus dentes. Doeu, mas ele não gritou. Sua expressão ficou tensa com o esforço para não gritar.

O carroção finalmente foi parando. Abriu-se uma portinhola na parede da frente.

— Chegamos — disse Thomas, através da portinhola.

— Chegamos aonde? — perguntou Essa, mas ele já tinha fechado a portinhola de novo.

O carroção inteiro estremeceu enquanto a mula mecânica se dobrava sobre si mesma. Semele abriu a porta na parede dos fundos e saiu. Os outros foram atrás. Rownie vinha por último, mas Essa fez com que parasse no vão da porta. Ela ainda estava segurando a espada.

— Pode ser que a Guarda ainda esteja ali fora — disse ela, em seu sussurro alto —, e eles não vão ficar satisfeitos conosco se virem você, porque Thomas disse: “Não, senhor, não fazemos a menor ideia de onde aquele garoto que usou uma máscara possa estar, e com certeza ele não está escondido debaixo de nosso carroção.” Por isso, continue escondido só mais um segundo.

Ela espiou lá fora e pareceu não gostar. Murmurou maldições, entre dentes. Eram maldições razoáveis, pronunciadas num ritmo razoável.

— Que cresçam pelos medonhos nas orelhas do Capitão da Guarda, e que seus dois olhos de vidro girem no sentido contrário.

— Eles estão lá fora? — perguntou Rownie. — A Guarda?

— Não — respondeu Essa —, mas as sepulturas, sim. Nós estamos no campo-santo. — Ela saltou do carroção.

Rownie respirou fundo. Sabia que Graba às vezes mandava Bichos cumprirem tarefas no campo-santo, colhendo o tipo de coisa que cresce na terra de sepulturas. Borrão sempre voltava contando histórias de brigas para rechaçar espíritos do mal. Rownie tinha certeza de que Borrão tinha inventado as brigas, mas era possível que Borrão não tivesse inventado os espíritos maléficos.

Rownie tentou se sentir como um gigante. Ele ajeitou o casaco do irmão nos ombros e saiu do carroção.

Segundo Ato, Cena III



O CARROÇÃO ESTAVA PARADO NUM TRECHO descampado de capim, cercado por túmulos. As pedras tumulares estavam todas gastas e tortas, como dentes malcuidados. Uma única árvore retorcia seus galhos ali perto. Rownie podia ver criptas, mausoléus e monumentos apinhados perto do portão na outra extremidade do campo, onde as pessoas importantes eram enterradas. Em seu isolamento, eles pareciam compor uma cidade pequena e independente.

Tinha parado de chover. As nuvens começavam a se dispersar, passando velozes agora. O sol estava baixo no céu. O ar tinha o cheiro de lama fresca.

— Vamos passar a noite aqui? — perguntou Rownie aos outros. Cordas velhas estavam suspensas da árvore retorcida e hostil. Era uma árvore de enforcados.

— Vamos, sim — disse Semele. — Os Tamlin não podem passar a noite dentro dos limites oficiais da cidade. A maioria de nós, assim como outros tipos de Transformados, acampa muito longe da cidade, mas nós também podemos dormir em lugares que não são de fato considerados lugares. Este aqui é um deles, onde pessoas vivas vêm visitar os mortos, de modo que

funciona muito bem como local intermediário, sem ser exatamente uma coisa ou a outra.

— Ah — disse Rownie. — O que é um Tamlin?

— É uma palavra mais gentil para “Goblin” — respondeu Semele.

— Ah — disse Rownie. — Ouvi dizer que o sol incinera vocês se ficarem muito tempo num lugar só.

— Não é verdade — disse Semele —, mas nós ficaríamos com queimaduras de sol.

Os Goblins começaram a se ocupar. Armaram varais para roupas e penduraram fantasias úmidas. Fizeram uma fogueira e a usaram para ferver água numa chaleira. Rownie tentou não atrapalhar. Ele observava e se perguntava se era seguro ficar ali. Não que estivesse acostumado a ter segurança, mas pelo menos ele sabia de que modo os Bichos e Graba eram perigosos — ou tinha acreditado que sabia. Pensou nos Bichos semicerrando os olhos para ele, com o jeito de Graba, e chamando seu nome com a voz de Graba. Lembrou-se de como na realidade sabia pouco sobre eles ou sobre o perigo que representavam.

Depois da agitação, os Goblins se reuniram. Semele serviu chá. Thomas trouxe para fora a cesta de pão.

— Vamos ver que tipo de lanche podemos fazer com o que temos à mão — disse ele. — Temos alimentos secos e conservas, que guardamos para emergências, para não morrermos de fome, e temos o pão que a jovem Kaile nos ofereceu na Muralha Quebrada, o que foi muito gentil da parte dela. Contudo, o total de nossas provisões não resultará numa refeição digna de artistas de nossa estatura e talento.

— Comemos rato silvestre no último inverno — disse Patch.

— O que também não foi condizente — retrucou Thomas.

— Eu até gostei de rato — disse Essa.

Thomas pigarreou ruidosamente. Levou a cesta, fazendo-a passar por todos os membros da trupe. Enquanto ele andava, a bengala de cavalheiro que ele usava afundava um pouco no chão enlameado, e ele precisava dar um puxão para soltá-la a cada passo.

— O pão também trouxe um comentário elogioso à nossa apresentação — disse Thomas. — A garota apreciou muito *As Sete Bailarinas*.

— Que bom — disse Essa —, mas acho que realmente devíamos mudar esse nome. Eu sou uma só.

— Você sugere as outras bem o bastante — disse Thomas.

A cesta chegou a Rownie, que de maneira cautelosa enfiou a mão e tirou um pãozinho. Sua mão roçou na máscara de passarinho, que ainda estava ali.

Naturalmente, ele estava com fome. A maçã não envenenada daquela manhã parecia que tinha sido comida dias ou semanas antes. Mesmo assim, ele se perguntou quais seriam as coisas secas e em conserva. Talvez os Goblins comessem mariposas e flores. Talvez comessem dedos dos pés de crianças.

Você comeu o que lhe deram? Graba tinha perguntado. *Bebeu o que lhe ofereceram?* Ele gostaria de saber o que aconteceria se comesse e bebesse.

Eles compartilharam pedaços salgados de peixe de rio em vez de dedos de pés de crianças, e algumas frutas secas em vez de insetos secos. E bebericaram o chá de Semele em canecas de madeira, enquanto Thomas dedilhava uma canção num bandolim desgastado. O pão ainda tinha o calor da padaria da Muralha Quebrada, e estava tão gostoso que fez Rownie ter vontade de se enfiar numa fôrma do tamanho de uma cama e dormir lá dentro. O peixe de rio estava excelente: salgado e com uma boa textura. O chá estava doce e com sabor de limão.

Rownie ficou impressionado com o fato de os Goblins compartilharem os alimentos com mais liberalidade do que qualquer um na casa de Graba, e resistiu ao impulso de surrupiar um pouco de frutas secas para guardar no único bolso que tinha. Pôde sentir que relaxava. Suas pernas já não se preparavam para sair correndo a qualquer instante. Parou de olhar ao redor com medo de espíritos maléficos ou da Guarda. Deixou que seus dedos dos pés se aquecessem junto da fogueira.

E então Thomas inclinou-se em sua direção. O velho Goblin não parou de tocar seu instrumento, mas também parecia não estar prestando muita atenção à música.

— Diga-me, meu jovem: onde, em toda a imensidão de Zombay, seu irmão iria se esconder?

Rownie engasgou com a boca cheia de chá e cuspiu quase todo. Gotículas com cheiro de limão chiaram na fogueira.

— Desculpe a grosseria dessa minha pergunta inesperada — disse Thomas —, mas andamos procurando por Rowan com certa preocupação. Nós lhe tínhamos ensinado a linguagem das máscaras, e ele a falava muito bem, melhor do que qualquer outro naquela sua trupe de amadores não Transformados. Saímos então de Zombay para resolver assuntos importantes, bem longe, rio abaixo. Quando voltamos, descobrimos sua trupe presa e desbaratada, e o próprio Rowan foragido, desaparecido. A Muralha Quebrada foi o último lugar em que se sabe que ele se apresentou. Você tem alguma ideia de onde ele poderia estar escondido agora?

Todos os Goblins da roda ficaram olhando para Rownie com seus olhos enormes, salpicados de luz. Rownie procurou não tossir de novo. O mundo tinha acabado de mudar de forma, e ele não reconhecia a nova forma com que se apresentava.

— Vocês conhecem meu irmão? — perguntou ele.

— Conhecemos, sim — respondeu Thomas. — Um camarada legal e um aluno respeitoso, apesar de também ter um toque de travessura, que é adequado à nossa profissão.

Rownie teve tanta dificuldade para engolir isso como acabava de ter para engolir o chá. Ele sabia que a vida e o mundo do irmão eram maiores que o barraco de Graba, mas não gostava da ideia de saber tão pouco a respeito deles, nem de que esses Goblins pudessem conhecer Rowan melhor do que ele mesmo conhecia.

— Acho que eu não devia ajudar ninguém a encontrá-lo, se ele não quiser ser encontrado — disse Rownie. — Obrigado pelo lanche. Obrigado por me esconderem do Capitão. Mas... — Não havia como perguntar aquilo de modo cortês. Por isso, ele perguntou sem nenhuma cortesia. — Por que eu deveria confiar em vocês?

Semele sorriu. Nonny, é claro, não disse nada.

— Porque nós somos simpáticos? — sugeriu Essa.

Patch deu de ombros, com ar severo.

— Provavelmente não deveria confiar — disse ele.

Thomas deu um suspiro que fez sua barba se abrir em todas as direções. Ele parou de dedilhar seu bandolim e o pôs de lado.

— Porque eu lhe juro, pelo próprio palco, cada história e personagem a que cheguei a dar vida enquanto pisava no tablado, cada máscara que usei um dia e à qual emprestei minha voz, que nós não faremos mal a seu irmão e que, se o encontrarmos, poderemos impedir que uma tragédia se abata sobre uma enorme quantidade de pessoas, inclusive sobre nós. Juro pelo sangue, pela água das enchentes e pelo fogo, e juro pelo palco.

— Nossa — disse Essa.

Rownie também ficou impressionado, mas ainda não estava convencido.

— Os atores mentem — disse ele. — Vocês fingem. Faz parte do trabalho.

— Não — protestou Semele. — Nós sempre usamos máscaras e uma distância dos fatos para procurar a verdade e incentivá-la a se tornar mais verdadeira. — Ela apanhou um seixo do chão, limpou-o na manga e estendeu a mão com ele para Rownie. — Aqui. Esse é um jeito mais certo de cumprimentar os mortos; eles mesmos estão mudos como pedras e, portanto, acostumados a um jeito pedregoso de falar. Acho que Rowan não está morto, mas está perdido e, por isso, calado. E sei que era assim que Rowan cumprimentava sua mãe. Por isso, é assim que vou cumprimentar você. É... um cumprimento dele e meu também.

Rownie aceitou o seixo ofertado. Era de um cinza-esverdeado, com a forma de um ovo.

— Olá — disse ele.

— Seja bem-vindo à nossa trupe — disse Semele. — Você pode ficar conosco e se apresentar. Nós lhe ensinaremos a linguagem das máscaras, apesar de ser preciso fazer isso com muito cuidado, já que agora o uso de máscaras tem maior probabilidade do que no passado de provocar detenção e encarceramento. Precisamos ter cuidado também porque o pessoal de sua casa anterior estará a sua procura. Você ainda é bem-vindo. Em troca, por favor, ajude-nos a encontrar seu irmão antes que comecem as enchentes.

Rownie guardou o seixo no único bolso do casaco.

— Ele poderia estar na ponte — disse, baixinho. — Eu o procuro por lá, e às vezes vejo alguém que é parecido com ele, mas nunca é ele de verdade. Mas pode ser que esteja lá.

— Nós também já procuramos no refúgio do Caminho das Rabecas — disse Thomas — e também não o encontramos. Mas vamos continuar com a busca. Agradecemos qualquer ajuda que você possa nos prestar.

— O que você quer dizer com “o pessoal de sua casa anterior estará a sua procura”? — perguntou Essa. — Vamos ter de nos preocupar com a velha Pernas de Galinha? Mais uma vez?

— Sim — disse Semele. — Por favor, tenham muita cautela perto de pombos. Digam-me se os virem. Digam-me se sonharem com eles, e gritem se acordarem de um sonho desses.

— Os pombos não são muito espertos — disse Essa. — Quer dizer, eu conheci uma coruja que sabia usar maçanetas, e um par de corvos que tocavam cravo juntos. A voz deles era terrível, mas eles eram simplesmente fantásticos no cravo. Mas os pombos são tão bobos nem têm um aspecto tão sujo. Nós realmente precisamos nos preocupar com eles?

— Sim — disse Semele. — Quero que me contem se sonharem com eles.

— Falando em sonhos — disse Thomas —, está na hora de nós todos descansarmos. Teremos uma longa caminhada antes da apresentação e da busca amanhã. Escolham suas máscaras para a caminhada matinal, e, depois, cama. Aqui, Rownie. Esta aqui será a sua. — Ele tirou o chapéu, enfiou a mão ali dentro e retirou uma máscara com o formato da cara de uma raposa. Tinha orelhas peludas e um longo focinho com bigodes.

Rownie pegou a máscara e a examinou. Ela sorria com seus dentinhos afiados. O pelo era curto, e áspero, quando Rownie passou seu polegar no sentido errado. Ele alisou o pelo de volta no lugar.

— Você também usará luvas e chapéu — disse Thomas — para poder esconder suas feições não características de um Tamlin. A Guarda ficaria muito irritada conosco por ensinar a arte das máscaras a uma criança não Transformada. Desse modo, você pode ficar escondido conosco, em um dia claro e à vista de todos, parecendo que é um Tamlin também. Agora, todos

tratem de descansar. Eu cuido da limpeza. Rownie, procure uma rede vazia no carroção e mantenha a raposa por perto enquanto estiver dormindo. — O velho Goblin derramou o resto da água da chaleira no fogo. Ela chiou, espirrou e soltou vapor.

— Boa noite — disse Semele.

Os demais da trupe resmungaram seus boas-noites. Rownie levantou-se. Com a ponta dos dedos, sentiu os dentes da raposa. Perguntou-se se realmente conseguiria dormir num campo-santo, cercado de sepulturas, Goblins e possivelmente espíritos maléficos, com uma corda de enforcado pendurada nos galhos da árvore e sonhos de aves empoleirados no ar à espera de serem sonhados. Ele então bocejou e entrou no carroção atrás de Essa, Patch e Nonny, levando na mão a máscara de raposa. Com a outra mão, ele verificou se o olá em forma de seixo ainda estava a salvo no seu bolso.

Segundo Ato, Cena IV



ALGUMAS REDES ESTAVAM ESTENDIDAS de um lado a outro, dentro do carroção, como acomodações de marinheiros numa barça. Rownie encontrou uma vazia, pôs a máscara no chão abaixo dela e tentou descobrir como subir na rede. Precisou de três tentativas para conseguir. Até então, nunca tinha dormido numa rede.

Achou que não seria possível dormir. O leito lhe era muito estranho. Tanto a palha como a corda picavam, mas de modos diferentes, e ele estava acostumado à palha e não à corda. Mas tinha andado muito quando o dia começou, e tinha feito a melhor e mais substancial refeição de toda a sua vida quando o dia terminou. Esses dois fatos se aliaram para invocar o sono, e Rownie se entregou a ele.

Sonhou que a cidade era também seu rosto. A Ponte do Caminho das Rabecas era a ponta de seu nariz, e ele sentia cócegas nele quando as pessoas a atravessavam do Lado Norte para o Lado Sul, e do Lado Sul para o Lado Norte. Acordou e espantou um inseto do nariz. Suspeitou que um Bicho o tivesse posto ali de brincadeira. Lembrou-se então de que já não estava na companhia de Bichos. E abriu os olhos.

Semele estava parada ao lado de sua rede, olhando para ele com os olhos semicerrados. A claridade empoeirada do sol entrava por escotilhas abertas nas paredes do carroção.

— Pombos? — perguntou ela.

Rownie piscou. Não tinha muita certeza de onde estava, e não fazia a menor ideia do que ela queria dizer.

— Você sonhou com pombos? — perguntou Semele.

Rownie fez que não.

— Nenhum pombo.

— Bem, isso é ótimo, é mesmo.

Rownie tentou se sentar na rede. Não foi fácil, e ele precisou se apoiar nos dois braços para conseguir. Também não sabia sair de uma rede. Por fim, virou a rede de cabeça para baixo e caiu para a frente.

— O menino se machucou? — perguntou Thomas, de algum outro lugar no carroção. — Ele é frágil? Morreu? Já perdemos nosso pequeno aprendiz de ator?

Do meio das cordas e caibros, Essa espiou Rownie lá embaixo.

— Ele não morreu — informou ela. — Não, a menos que seja daquele tipo de morto que se levanta e sai andando.

— Ótimo — disse Thomas.

Rownie pôs-se de pé, envergonhado. Foi então verificar se, ao cair, não tinha esmagado a máscara de raposa. A raposa sorria, ilesa.

Semele mostrou-lhe onde estava o café da manhã — um pouco de pão e frutas secas que tinham sobrado do lanche da noite anterior e gema mole de ovo para comer com o pão.

Os outros já estavam acordados. Em sua maioria, seguravam máscaras. Patch estava com uma meia máscara, com uma testa de aspecto sinistro. Essa estava com duas: uma de uma dama e outra que parecia de um herói. Semele segurava uma máscara tingida de um cinza-azulado. Suas maçãs do rosto eram altas e protuberantes, e seu cabelo, comprido e branco. Ela estava sentada num caixote e esfregava claras de ovo no cabelo da máscara.

— Isso vai fazer o cabelo ficar espetado em todas as direções — explicou Essa. — Ela vai ser o fantasma, e precisa que o cabelo do fantasma ondule,

como se fosse movido pelo vento entre os mundos. Por isso, ela o engoma antes, com claras de ovo.

— Eu deveria ter feito isso ontem à noite — disse Semele, erguendo a máscara para apreciar seu trabalho, e passando em seguida mais um pouco de gosma transparente no cabelo. — Já vai estar escorrido quando terminarmos a caminhada.

Rownie ficou pensando o que seria “a caminhada”, e perguntou.

— Que caminhada?

Thomas bateu no piso do carroção com sua bengala e deu um sorriso maroto.

— Rownie, nós agora vamos realizar um enorme mistério de nossa profissão, algo antigo e imponente. Vamos nos mascarar e sair pelas ruas de Zombay, seguindo até o local de nossa apresentação. Cada um de nós seguirá sozinho, por percursos variados, e dessa forma encontraremos nossa plateia. Os que prestarem atenção quando você passar, os que o seguirem para ver aonde você os leva, sem tentar, digamos, *prender* você, *esses* são nosso público. Cada um de nós vai conduzi-los até as docas, indo rio acima até o último píer do Mercado Flutuante. Nonny vai diretamente para lá levando o palco. Você sabe o caminho?

Rownie fez que sim, porque sabia.

— Você conhece *vários* caminhos? — insistiu Thomas. — Não vai se perder depois que estiver separado de nós?

— Não — respondeu Rownie. — Não vou me perder. Eu não me perco. — Ele nem sempre sabia onde estava sua casa. Sua casa era um barraco que se movimentava por todo o Lado Sul, segundo os caprichos de Graba. Mas ele sempre sabia onde ele próprio estava em Zombay.

Rownie ficou se perguntando se Graba já teria levantado o barraco e se mudado para outro lugar. Era provável que sim. Poderia ser em algum lugar distante, nos morros da parte mais ao sul da cidade. Poderia ser muito perto. Ela podia tê-lo encostado no muro do campo-santo, perto do portão, bem ali do lado de fora. Poderia tê-lo levado para qualquer lugar.

— Bem — disse Thomas. — Lembrem-se, você, Rownie, e todos os outros, que o que nós fazemos é importante. Esse é um mistério de nosso

ofício. Mantenham uma postura adequada.

— Isso é o que nós sempre fazemos quando nos esquecemos de colar cartazes — murmurou Essa para Rownie. — Se não fizermos isso, ninguém saberá do espetáculo.

Thomas fingiu que não a ouviu, muito embora sua voz sussurrante ainda fosse forte. O velho Goblin tirou o grande chapéu preto e dali de dentro retirou uma máscara com a testa alta e uma coroa de ferro. Essa era para ele mesmo. Também tirou dali um chapéu menor e um par de luvas, entregando os dois a Rownie.

— Calce as luvas e use o chapéu e a máscara de raposa juntos. Você também pode deixar aqui esse casaco esfarrapado.

Rownie recusou-se a tirar o casaco, mas usou o chapéu, as luvas e a máscara. A cara de raposa tinha um cheiro forte de couro e fazia uma pressão estranha sobre a pele de seu rosto. Seu nariz estava coçando. E então ele parou de prestar atenção à máscara e olhou através dela. Com olhos de raposa, viu o ambiente que o cercava.

— Não relaxe — disse Thomas. — De modo algum. As raposas são pequenas, menores do que você, mas elas não relaxam. Atores também não relaxam. Poste-se e movimente-se com determinação. Mexa-se como a máscara gostaria que você se mexesse.

Rownie não sabia ao certo como a máscara queria que ele se mexesse, mas tentou se empertigar.

— Está bem — disse Thomas.

A máscara escorregou um pouco pelo rosto de Rownie. Ele tentou endireitá-la. E então tentou perguntar se ela estava na posição certa, mas Thomas fez com que se calasse.

— Não fale enquanto estiver mascarado — disse o velho Goblin. — Não fale, se você conseguir evitar.

Rownie tirou a máscara do rosto.

— Por que não? — perguntou. — Eu tive falas a dizer quando estava fazendo o papel de gigante.

— Teve mesmo — disse Thomas. — Você as pronunciou com certo talento, sem treinamento, e é *esse* o motivo.

Rownie piscou os olhos. Não estava entendendo e não estava disposto dessa vez a pôr na prateleira essa falta de entendimento.

— É porque sou bom nisso que não deveria falar enquanto estou mascarado?

— Exatamente — disse Thomas. — Como acontece com um encantamento ou fórmula mágica, o mundo poderia mudar para se encaixar na forma de suas palavras. Sua própria crença torna-se contagiosa. Outros se contaminam. Você acreditou que era um gigante quando falou como gigante, e por isso você se tornou um. Sua plateia o considerou um gigante. Eles sabiam que você não era, mas acreditaram de qualquer modo.

— Eu fiquei mais alto? — perguntou Rownie.

— Foi o que todos acharam — disse Thomas. — Por isso, não recite nada enquanto estiver usando outro rosto. Principalmente não diga *nada* a respeito de si mesmo. Não diga nenhuma fala que Semele não tenha escrito para você. E lembre-se, sempre, de que maldições e encantamentos têm consequências. Você se isola do mundo quando muda a forma dele.

Essa vestiu suas duas máscaras, uma por cima da outra.

— A manhã está passando — disse ela, procurando demonstrar paciência, mas não conseguindo.

— É verdade — disse Thomas. — Mascarem-se todos vocês. E prestem muita atenção a qualquer relance ou notícia do jovem Rowan. Fora o Caminho das Rabecas, as docas são o melhor lugar na cidade para uma pessoa se esconder.

Semele deu um último puxão no cabelo tratado com ovos de sua máscara e a vestiu. Thomas e Patch vestiram cada um a sua. Rownie estava espiando de novo através dos olhos de raposa. Ele passou o barbante acima das orelhas e por trás da cabeça.

— Tomem os seus caminhos — disse Semele.

— Quebrem a cara, todos vocês! — disse Essa. Disse isso com tanta esperança e animação que Rownie teve certeza de ter ouvido errado.

Saíram do carroção. O sol estava alto e forte, já tendo dissipado a maior parte da névoa da manhã.

Nonny acenou do banco do carroceiro e partiu. Os outros seguiram a pé, atravessando o campo-santo e saindo pelos portões. Rownie olhou ao redor à procura do barraco de Graba, mas não o viu. Talvez ela o tivesse levado para os montes. Talvez ela não estivesse em nenhum lugar ali perto.

A trupe separou-se, seguindo por ruas e becos diferentes para o leste e para o sul. Semele pegou a mão enluvada de Rownie, antes que ele pudesse escolher por onde ir.

— Tenha cuidado — disse ela por trás das maçãs do rosto elevadas e dos cabelos ondulantes de seu rosto de fantasma. — Se alguém tocar em você com a mão, fuja. Isso significa que a pessoa sabe que você não é Tamlin. Geralmente, os não Transformados não tocam num Tamlin. Parece que eles acreditam que isso lhes daria sardas. Vão pensar que você é Tamlin, e isso deveria ser uma segurança para você, sim. Mas tome cuidado. Enquanto estiver mascarado, você também estará vulnerável a *Transformações*.

Rownie segurou a mão da velha Tamlin para mostrar que não tinha medo de sardas, mas não tinha muita certeza do que ela queria dizer com vulnerabilidade a *Transformações*.

— Isso é ruim? — perguntou ele.

— Depende — respondeu Semele. Parecia que ela estava sorrindo por trás da máscara de fantasma, mas é claro que ele não podia dizer.

Ela deu meia-volta e seguiu seu caminho. Rownie escolheu o dele.



Todas as ruas até as docas desciam do morro. Elas eram sinuosas e ziguezagueavam por um paredão íngreme com o Lado Sul lá em cima, e o Rio lá embaixo. Algumas dessas ruas eram tão íngremes e estreitas que as pessoas as precisavam escalar em vez de percorrê-las caminhando. Escadas tinham sido cortadas na pedra ou construídas com toras trazidas pelas águas, amarradas com cordas sobre a encosta precária.

Rownie desceu por essas escadarias no caminho até o Mercado Flutuante. Lembrou-se de serviços que tinha feito para Graba lá nas docas, em sua maioria apanhando ou entregando coisas, e geralmente sem saber que coisas ele tinha transportado. *Apanhe um embrulhinho com uma barqueira sem a*

orelha esquerda, Graba poderia dizer. Traga-o para mim, sem demora. Mas trate de não olhar dentro e se certifique de que seja mesmo a orelha esquerda que esteja faltando.

Rownie e Rowan costumavam fazer juntos os serviços nas docas. Em geral, Rowan tinha uma moeda ou duas, que obtinha cantando no Caminho das Rabecas ou fazendo algum biscate para os carregadores de pedras perto da Muralha Quebrada. Ele usava o dinheiro para comprar para cada um deles alguma comida — um salgadinho gorduroso de peixe ou um pedaço de fruta estranha de lugares distantes. E então os irmãos tomavam o café da manhã sentados em algum trecho não utilizado de um píer, com as pernas balançando sobre o lado, observando as barcaças que passavam.

Às vezes, inventavam histórias sobre os lugares de onde as barcaças vinham e para onde poderiam estar indo. Às vezes, imaginavam como lutas contra frotas de piratas poderiam se desdobrar em toda a sua volta, rio acima e rio abaixo, entre as pilastras da Ponte do Caminho das Rabecas, de um lado a outro dos píeres e das ruas que ziguezagueavam por trás deles. Às vezes, Rowan tinha o suficiente para comprar mais um salgadinho de peixe, e os irmãos dividiam o terceiro. Rowan sempre dava o pedaço maior para o irmão mais novo.

Do alto de um telhado, três pombos observaram Rownie com sua máscara de raposa. Viraram-se então para outro lado e ficaram ciscando em busca de sementes no sapê. Rownie se perguntou se eram pombos de Graba. Queria saber se Graba tinha mandado algum Bicho fazer algum serviço à beira do Rio naquele dia: apanhar cabeças de peixe ou embrulhos estranhos, ou talvez ficar de olho para descobrir se ele aparecia — ou se Rowan aparecia.

Rownie olhou para trás por cima do ombro para ver se Bichos o estavam seguindo. Viu que, em vez disso, outras pessoas o acompanhavam.

Um pequeno grupo de gente curiosa tinha sido atraído a vir atrás dele, deixando de lado o lugar aonde cada um tinha pretendido ir e qualquer coisa que tivesse pretendido fazer. Alguns eram velhos; e alguns, jovens. Alguns usavam roupas mais caras; e outros, menos. Eles o acompanhavam a uma distância segura, querendo ver aonde ele iria e o que faria.

Estava *funcionando*. Rownie levava junto um público.

Nem todos percebiam quando ele passava, empertigado e com determinação, de máscara. Havia quem estivesse ocupado com seus afazeres e não se deixasse perturbar de modo algum por uma cara de raposa. De algum modo, os olhos dessas pessoas não o viam. Sua atenção não se fixava nele. Ele era algo de estranho, algo que realmente não deveria estar ali, de modo que transeuntes que não fossem seu público passavam por ele sem perceber que estava ali, já que não era para estar.

Rownie andava à plena luz do dia com uma máscara de raposa cobrindo seu rosto, e algumas pessoas simplesmente não o viam. Ele estava se escondendo e, ao mesmo tempo, anunciando-se para o mundo. Não sabia como era possível que isso funcionasse, e não queria pensar muito no assunto para evitar que *parasse* de funcionar. E assim ele simplesmente seguia em frente, deixando que a máscara de raposa lhe mostrasse como avançar.

A plateia agora estava maior. Isso ele podia dizer pelo barulho que eles faziam, apinhados na escadaria estreita e sinuosa. Rownie olhou para trás de relance só para ver quanta gente o seguia.

E viu Bichos. Viu Barbicha, Borrão e Seboso no meio da multidão que o acompanhava. Barbicha deu um sorriso debochado.

Os Bichos destruíram o encantamento. Até aquele instante, Rownie tinha sido Rownie, e também uma raposa, e alguma coisa que não era nem um nem a outra, e alguma coisa que era os dois ao mesmo tempo. Agora ele era apenas uma coisa. A máscara dificultava a sua visão, e tropeçou num degrau torto. Tentou se apressar, sem cair direto da escadaria, rolando de lá de cima até as docas, machucado e ensanguentado.

O público atrás dele foi raleando, tendo perdido o interesse no que o ator mascarado faria em seguida, ou no lugar para onde ele se encaminhava. O encantamento se dissipou. Os Bichos o tinham destruído com um olhar e um sorriso zombeteiro, sem nem mesmo se esforçar.

Quando Rownie chegou ao Mercado Flutuante, só Bichos o acompanhavam.

Segundo Ato, Cena V



UMA TRELIÇA DE METAL COBRIA toda a área das docas. A cúpula e o arco da treliça continham pequenas aberturas para janelas de vidro. As janelas mantinham a chuva lá fora e deixavam passar o sol — a menos que o vidro tivesse caído. Nesse caso, elas deixavam passar tanto o sol como a chuva. O lugar inteiro cheirava a peixe, algas de rio e alcatrão. O barulho do rebuliço e os cheiros fortes, agressivos, subiam do Mercado Flutuante e se espalhavam pelas ruas e becos da muralha do barranco. Rownie ouviu o barulho e sentiu o cheiro antes de dobrar a última esquina em zigue-zague e ver o mercado à frente. Nesse instante, ele saiu em disparada. Os Bichos foram atrás.

Píeres estreitos, amarrados a barris flutuantes, projetavam-se da margem pelo Rio adentro. Pequenas barcas e jangadas tinham sido presas ao longo de cada píer, bem juntas, e cada uma era uma banca do mercado. O Mercado Flutuante era um lugar maior, mais ruidoso e mais sujo do que a Praça da Feira no Lado Norte da cidade. Aqui os vendedores gritavam, recitavam e cantavam coisas sobre o que tinham à venda.

— Redes, redes confortáveis, tecidas com a mais fina pele de lula trançada!

— Cana-de-açúcar e sal marinho, bons para feitiços e para cozinhar!

Rownie abriu caminho para se misturar à multidão que cercava os píeres rio abaixo. Passou correndo por baixo do guincho da Gaiola do Padeiro, que estava mergulhando no Rio um pobre coitado de um padeiro por vender pães que eram muito pequenos, muito grandes ou dormidos. Rownie forçou os pés a percorrer a superfície irregular que balançava com o movimento do Rio. Ele se abaixava e se desviava das pessoas. Ninguém tocava nele nem impedia sua passagem, mesmo quando não o percebiam a tempo. Ele esperava que os Bichos o perdessem de vista naquele alvoroço, antes de dar a volta para ir se juntar aos Goblins.

A máscara de raposa parecia pesar sobre seu rosto, um objeto pintado com cores vivas que gritava “Aqui estou! Aqui! Bem aqui!”. Mas ele não podia tirá-la sem exibir seu próprio rosto não Transformado por trás dela.

Fruteiros e peixeiros anunciavam suas mercadorias de cada lado enquanto ele corria. O sotaque pesado do povo do Rio acima se misturava e se mesclava com o sotaque mais suave das sílabas do Rio abaixo.

— Peixes de mar! Peixes de rio! Peixes da poeira, secos e salgados!

— Marmelos e peras deliciosas! Figos e cidras do litoral!

Uma banca de frutas precária e uma pilha de barris estavam bem na ponta do píer, rio abaixo, sob um trecho aberto de treliça de ferro que, havia muito tempo, tinha perdido seu vidro. O fruteiro solitário exibia cestas de maçãs de aspecto tristonho sobre um balcão, e nem se incomodava em anunciar a mercadoria com um grito ou uma canção. Ele olhou de relance para Rownie e afastou o olhar, sem nenhum interesse.

Rownie deu meia-volta. Os Bichos ainda vinham atrás dele, sem pressa. Não tinham motivo para se apressar. Rownie não tinha para onde fugir. Ele podia enfrentar os Bichos ou se jogar no Rio — e a correnteza ali era muito forte. Ninguém jamais atravessou o Rio inteiro a nado.

Barbicha-Bicho exibia um sorriso zombeteiro enquanto eles se aproximavam. Era um sorriso comum, aquele tipo de expressão que ele teria normalmente. Não era o ar de Graba. Rownie não via Graba no rosto dele, espiando através de seus olhos, usando-o como uma máscara.

Rownie, *sim*, estava de máscara. Ficou ali parado como uma raposa, ardiloso e ativo.

— Vocês não vão me pegar — disse ele. E, quando disse isso, soube que era a verdade.

Pulou para cima de um barril e do barril para a barca do fruteiro, onde soltou a corda, fazendo com que a barca ficasse à deriva. Atravessou então o convés e pulou no espaço aberto entre os píeres. Seu casaco inflou-se atrás dele como uma vela. Ele se agarrou à amurada de uma barca do outro lado e subiu a bordo.

O Rio assumiu o comando da barca do fruteiro, e ela foi levada rio abaixo. Furioso, o fruteiro ao mesmo tempo rogava pragas e tentava remar com um único remo, mas suas maldições eram desajeitadas e era improvável que pegassem em alguém.

Todos os três Bichos chegaram correndo ao lugar vazio, onde a barca estava até então, e olharam com raiva para a distância de água que os separava de Rownie.

Rownie fez uma reverência. Então tirou a máscara e a enfiou na camisa. Foi andando calmamente para a frente da barca para a qual tinha pulado. O barqueiro ali parecia estar totalmente ocupado vendendo salgadinhos de peixe, que fumegavam com um aroma delicioso, e não prestou a menor atenção quando Rownie desceu pelos cabos de atracação da barca, exatamente como se tivesse todo o direito de fazer. Ele voltou a se misturar com a multidão e foi procurar o palco dos Goblins.



Rownie passava sorrateiro entre as pessoas. Ele seguia rápido, mas não corria. Não queria dar a impressão de estar apressado. Não queria parecer nada em especial.

Essa era uma parte mais elegante do Mercado Flutuante, um píer com a cobertura envidraçada ainda intacta lá no alto. Os que se reuniam aqui vendiam mercadorias mais frágeis, como peças de tecido e objetos delicados, movidos à corda — coisas que precisavam ser protegidas das mudanças do clima. Uma barca exibia animais estranhos em gaiolas de ouro. Fabricantes

de sabão convidavam transeuntes a cheirar seus produtos. Um homem alto, com olhos claros e fundos, vendia bugigangas entalhadas em osso. Outra barca exibia em sua banca dispositivos pequenos e engenhosos que faziam coisas inúteis de modo primoroso.

Rownie olhava de relance para cada rosto que passava, querendo ver se alguém era parecido com seu irmão. Prestava atenção especial a homens com barba, para a eventualidade de Rowan ter pintado ou colado uma barba falsa como disfarce. Ele olhava para a tripulação das barcas em cada convés para o caso de Rowan ter se alistado numa tripulação a fim de fugir de Zombay e do Capitão da Guarda. Rownie ficou se perguntando se o irmão de fato sairia navegando sem ele. Estremeceu para se livrar da ideia.

Na parte mais distante do píer rio acima, bem por baixo da Ponte do Caminho das Rabecas, uma jangada simples tinha sido atracada. O carroção dos Goblins flutuava ali, amarrado à jangada.

Patch estava em pé diante do carroção, ainda usando sua meia máscara, com os braços cruzados à frente. O Goblin olhava com superioridade para um homem magro e descarnado, com um berloque em forma de anzol pendurado no pescoço. O homem gritava, e as pessoas começaram a se aglomerar para assistir à discussão. Rownie misturou-se a elas.

— Este é meu píer! — gritou o homem, com uma voz esganiçada. — É aqui que faço *minha* apresentação.

Patch levantou uma sobrancelha a uma altura suficiente para ela aparecer na testa acima da máscara que ele usava (que já tinha as próprias sobrancelhas).

— Apresentação?

— É, apresentação! — disse o homem, apontando para Patch com um dedo, como se estivesse tentando derrubá-lo para trás com ele. — Uma apresentação *respeitável*, sem nenhuma máscara! Posso engolir um peixe por quatro moedinhas, e por cinco me disponho a engolir qualquer outra criatura escorregadia. Você consegue fazer *isso*, Goblin? Aposto que não consegue.

O homem trazia um balde, onde pequenas criaturas se remexiam para lá e para cá. Patch enfiou a mão no balde, pegou um punhado e mostrou para o

público um caranguejo pequeno, uma lesma e um peixinho que se debatia. Ele jogou para o alto o caranguejo, depois a lesma e depois o peixinho. Fez malabarismo com todos os três. Acrescentou então duas facas de malabarista, e suas lâminas refulgiram ao sol. Ele pegou na boca o caranguejo, a lesma e o peixe, e engoliu os três enquanto pegava uma faca em cada mão.

A multidão aplaudiu. Rownie bateu palmas. O homem magricela deu um passo adiante, furioso, mas então viu as facas que Patch segurava, distraidamente. Ele recuou, agarrou seu balde e foi embora dali, cheio de raiva.

Patch fez uma reverência. A parede do carroção atrás dele foi descendo suavemente para se tornar a plataforma de um palco. Ele deu um salto-mortal para trás, indo parar em cima da plataforma, e começou um novo número de malabarismo enquanto os outros Goblins iam chegando. Semele e Essa trouxeram, para juntar-se à multidão, os membros da plateia que tinham conseguido reunir, e entraram discretas nos bastidores, passando pela porta do carroção.

Rownie estava se perguntando qual seria a melhor maneira de entrar também, quando Thomas chegou e veio se postar a seu lado. A atitude do velho Goblin era tal que ele passava quase despercebido, mesmo usando máscara, mesmo com aquele seu enorme chapéu preto.

— Você tirou sua máscara — disse ele com a voz neutra, impassível. — Também deixou de trazer sua plateia.

— Eu trouxe Bichos comigo — respondeu Rownie, sussurrando. Thomas lançou-lhe um olhar de quem não estava entendendo nada. — São crianças que Graba recolhe — esclareceu Rownie. — Ela deve ter mandado que me seguissem.

Thomas fez um barulho de rosnado e resmungo no fundo da garganta.

— Ótimo — disse ele, apesar de estar claro que ele não achava nada disso ótimo. — Por favor, conte a Semele assim que você entrar nos bastidores o que precisa fazer de modo um pouco sorrateiro. Vá para trás daqueles caixotes ali, vista sua máscara de novo... você não a perdeu, certo?... e depois passe escondido por baixo do palco. Bata três vezes no piso do carroção, e

Nonny vai deixá-lo entrar. Você vai ajudá-la com as tarefas dos bastidores durante o restante da apresentação.

Foi uma decepção.

— Não vou fazer parte da peça? — perguntou Rownie.

— Você sem dúvida fará parte da peça — disse Thomas, endireitando o chapéu. — A parte que acontece nos bastidores. Não se pode dizer que você tenha tido tempo ou oportunidade de aprender falas, ou mesmo de aprender a ler. Seu aprendizado mal está começando.

— Eu sei ler — disse Rownie, baixinho.

— Não se preocupe — disse Thomas. — Eu bem sei que saber ler não é tão comum assim...

— Eu sei ler — disse Rownie, outra vez.

— ... e não é alguma coisa que se pudesse esperar que você já soubesse.

— Eu sei ler! — gritou Rownie.

Uma marinheira alta com várias tranças cutucou o braço de Rownie.

— Cale a boca e assista ao espetáculo — disse ela. — O Goblin está fazendo malabarismo com *fogo*.

— Ah — sussurrou Thomas, surpreso. — Entendi. Ótimo. Menos uma coisa a ter de lhe ensinar. Agora, por favor, pare de gritar e entre debaixo do carroção sem ser visto.

— Você descobriu alguma coisa sobre Rowan? — perguntou Rownie.

— Não descobri — respondeu Thomas —, mas levei muitas indagações discretas ao conhecimento de pessoas observadoras. Agora, por favor, corra para os bastidores. A peça principal está para começar.

Rownie apressou-se. Ele se escondeu por trás dos caixotes, vestiu a máscara e se enfiou por baixo do palco. Teve esperança de que, se alguém o visse se escondendo, iria confundi-lo com um Goblin. Vai ver era assim que os Goblins se Transformavam. Se gente suficiente acreditasse que uma criança parecia ser um Goblin, talvez fosse assim que sua essência se tornava real e verdadeira. Rownie enfiou a mão por dentro da máscara para ver se suas orelhas tinham ficado pontudas. Não tinham. Só as orelhas da raposa eram pontudas.

Bateu três vezes no piso do carroção. Um alçapão se abriu. Ele subiu por ele.

Segundo Ato, Cena VI



OS BASTIDORES ERAM A ESSÊNCIA DO CAOS destilada em um espaço minúsculo. Nonny fazia várias coisas ao mesmo tempo, com cordas, alavancas e geringonças diversas. Essa não parava de pular e cantarolar consigo mesma, por nenhum motivo específico que Rownie pudesse ver. Semele estava sentada tranquila num canto, de olhos fechados, mas ainda assim parecia tensa e repleta de uma força potencial, como uma mola comprimida ou uma rocha empoleirada no alto de um morro, preparando-se para dar início a uma avalanche.

Essa percebeu a presença de Rownie.

— Você está aqui! — disse ela. — Que bom, porque estamos prestes a começar. Patch parou agora com os malabarismos, e Thomas está lá fora recitando o prólogo de *O Imperador de ferro*. Não sei por que lhe demos esse nome. O Imperador só aparece mesmo no último ato, de modo que realmente não é um bom nome para a peça. Devíamos mudar. Tente pensar em alguma coisa, está bem? Mas, enquanto isso, você deve se manter aqui atrás e puxar as cordas que Nonny lhe disser para puxar. Não que ela realmente vá dizer alguma coisa. Puxe qualquer corda que Nonny indicar. Certo, ótimo. Quebre a perna.

— Por que você sempre diz isso? — Rownie tentou lhe perguntar, mas ela já tinha passado pela cortina e começado a lamentar as desgraças de um reino antigo.

Rownie tirou o chapéu e as luvas, e pôs de lado a máscara de raposa. Aproximou-se de Semele, tentando não fazer as tábuas do piso rangerem com seus passos, mas elas rangeram de qualquer modo.

— Alguns netos de Graba estão aqui — cochichou ele. — Nas docas. Alguns. Podem ainda não estar na plateia, mas o provável é que a encontrem.

A máscara pálida de Semele voltou-se para olhar para ele.

— Obrigada, Rownie — disse ela. — Então, vou reforçar a quarta parede. É sem dúvida difícil fazer uma coisa dessas sobre a água, mas vou fazer, sim.

Ela começou a recitar consigo mesma. Então Nonny bateu de leve no ombro de Rownie com o pé (suas mãos estavam ocupadas com uma manivela complicada e um conjunto de foles), indicando uma corda com os dedos do pé. Rownie puxou a corda.

A marionete de dragão trincou os dentes atrás dele.

Rownie largou a corda, agitou as mãos no alto e encarou a marionete de dragão para mostrar que não tinha medo dela. Os olhos pintados do dragão o encararam de volta.

Nonny lançou-lhe um olhar furioso. *Corda errada*, dizia o olhar. Ela apontou com mais vigor, com a ponta do dedão. Rownie puxou a corda seguinte e sentiu que o carroção se mexia debaixo de seus pés. Pinturas planas de muralhas e torres se desdobraram de cada lado do palco. O tablado tornou-se uma cidade.

— A lua está cheia — disse Essa no palco, olhando para o alto. Era noite na peça, mesmo que o sol estivesse brilhando no céu. Essa disse que era noite, e aquilo passou a ser a verdade, fazendo com que todos acreditassem.

O Imperador de ferro era uma história de fantasmas. Rownie via relances da peça pela beira da cortina, nos intervalos entre os momentos em que puxava as cordas e alavancas que Nonny lhe dizia para puxar.

Essa fazia o papel tanto da Princesa como do Herdeiro Legítimo. Patch representava o Herdeiro Ilegítimo — a menos que tanto a Princesa quanto o Herdeiro Legítimo precisassem estar em cena ao mesmo tempo. Nesse caso, Patch e Essa trocavam de máscara.

Semele era o fantasma da velha Rainha, e fazia suas aparições em meio a explosões de fumaça e de fogo azul. Isso era sempre impressionante mesmo nos bastidores, mesmo quando Rownie via Semele agachada, escondida, antes.

Nonny se encarregava sozinha da fumaça e do fogo. Estava claro que ela não confiava em Rownie para lidar com nenhum efeito com materiais combustíveis. Rownie aceitou isso sem problemas. Nessa hora, ele acionava os foles da caixa de música, que tocava notas tristonhas, fúnebres, para as aparições fantasmagóricas de Semele, depois das explosões de fogo e fumaça azul.

Rownie ouvia gritos abafados de medo e surpresa, como se realmente fosse meia-noite, e eles não estivessem no meio do dia, com o sol forte e alegre; como se Semele fosse realmente um espírito dos mortos, com o cabelo se movimentando com o vento que soprava entre os mundos, e não apenas alguém que usava uma máscara com o cabelo espetado em todas as direções graças ao uso de clara de ovo. A voz alta e autoritária de Semele, associada à música e à fumaça, e todos eles juntos faziam mudar a forma das coisas.

E então tudo foi por água abaixo.

Começou quando a caixa de música quebrou. E quebrou com um barulho forte. Ela deveria dar uma nota longa e lamentosa. Em vez disso, deu um grasnido como o de um pavão caindo de um muro. Não foi um som fantasmagórico, nem misterioso. Não causou a sensação do vento que sopra entre os mundos.

Nonny olhou furiosa para Rownie. Ele encolheu os ombros. Não tinha feito nada de errado. Pelo menos, achava que não tinha feito nada de errado. Nonny empurrou para o lado a pobre caixa de música, e a peça continuou.

Eles mudaram o cenário, de torres de uma cidade, para o mar aberto. O mar era uma manta cinzenta e diáfana que eles dois seguravam por lados

opostos e agitavam para cima e para baixo para criar ondas.

Então as ondas pegaram fogo.

Um dos fogos azuis estourou de repente e sem ninguém acionar. As fagulhas foram parar na manta transparente, e a manta se incendiou. Tanto Rownie quanto Nonny a largaram.

Essa arrancou de Patch a espada do Herdeiro Ilegítimo, fincou-a na manta em chamas e a atirou para longe do palco, para as águas do Rio.

Então chegaram os pombos.

As aves desceram de todos os lados, levantaram a manta em chamas e a mantiveram no ar. O fogo espalhou-se e mudou de cor de um azul-claro para um laranja raivoso. Ele atingiu as próprias aves. Penas de pombos ardiam com um fogo gorduroso, mas mesmo assim eles batiam as asas e voavam acima da plateia levando a manta do mar, em chamas.

As aves gritavam, morriam e caíam. A manta partiu-se em pedaços e caiu. O fogo atingiu o público. Atingiu também as bancas do Mercado Flutuante nas barcas mais próximas. As pessoas berravam e empurravam umas as outras. Algumas caíram do píer na água, na correria para fugir do fogo. O toldo de uma banca se incendiou.

Um pombo tombou no palco e ficou ali em brasa. Essa atirou-o longe com a espada. A ave morta chiou e fumegou ao cair no Rio.

Thomas tirou a máscara e olhou entristecido para o que tinha sido sua plateia.

— Acho que o espetáculo terminou — disse ele ao resto da trupe. — Melhor levantar âncora, antes que a multidão se organize o suficiente para nos linchar e afogar.

Semele veio para os bastidores.

— Leve-nos rio acima, Nonny.

Patch e Essa desamarraram os cabos que prendiam a jangada-carroção ao píer. Nonny uniu de improviso um pouco de arame e molas, passou quatro pás de remos por ali e fixou a geringonça na traseira da jangada. As pás giraram, empurrando a jangada-carroção rio acima, para longe do píer. Eles passaram por baixo do Caminho das Rabecas e pelo lugar exato onde Rownie sempre deixava cair seixos, onde Rowan o ensinara a deixar cair

seixos para sua mãe. Rownie procurou no único bolso do casaco pelo seixo, aquele que Semele lhe tinha dado no campo-santo, aquele que era um olá de Rowan. Pensou em deixar que caísse pelo costado, num cumprimento à mãe da qual não se lembrava. Mas preferiu deixar guardado.

Os berros e gritos do Mercado Flutuante foram ficando mais fracos lá atrás. Rownie viu Barbicha-Bicho em pé, separado da multidão. Vass estava com ele.

— Isso foi para mim — disse ele. — A apresentação foi amaldiçoada por minha causa.

Semele estava em pé ao lado.

— Isso foi para nós dois — disse ela, numa voz que provavelmente desejava que fosse consoladora. — Essas maldições foram criadas para você e para mim também.

Segundo Ato, Cena VII



A JANGADA-CARROÇÃO SEGUIU, atabalhoadas, rio acima. Rownie sentou na beira do telhado, balançando os pés e apreciando o Rio passar. A cidade já estava longe. A Ponte do Caminho das Rabecas desapareceu por trás de uma curva. Rownie não se lembrava de nenhum lugar que não fosse Zombay, e agora ele já não conseguia ver a cidade.

Nonny estava em pé lá atrás e manobrava a jangada movimentando, com uma vara, a geringonça improvisada com pás de remos.

Patch e Essa sentaram-se ao lado de Rownie e lançaram anzóis na água. Não pegaram nada. As pás da roda de Nonny espantavam todos os peixes.

Semele estava sentada lá na frente, no banco do carroceiro. Thomas estava com ela, invisível debaixo de um grande chapéu preto, puxado bem para baixo. Rownie achava que o velho Goblin não conseguia ver nada, a não ser a parte de dentro do chapéu, mas então ele apontou com a bengala e deu instruções aos gritos.

— Rochas à frente! Nonny, faça a gentileza de rumar para boreste. Se não, nós vamos bater, afundar e devolver a própria cara do Rio ao leito aquoso de seu lar. E nesse caso nada poderia impedir a inundação de

destruir Zombay inteira, o que, na realidade, não me desagradaria hoje. Então vá em frente e rume direto para as rochas, se achar adequado.

Nonny desviou a jangada das rochas.

— Do que ele está falando? — sussurrou Rownie.

— As enchentes estão chegando — disse Essa. — Quer dizer, as enchentes estão sempre vindo, mas agora acontece que elas estão chegando de um modo muito rápido e imediato. Escute. Aposto que consegue ouvir.

Rownie escutou o Rio com atenção. Ele o tinha ouvido todos os dias de sua vida, por baixo e em torno de todos os outros ruídos. Ele conhecia sua voz... e o timbre de sua voz tinha mudado. O Rio falava baixo e raivoso enquanto a água passava.

— Pronto — disse Essa. — Você percebeu.

— Vai ver que é esse o som normal dele num lugar tão rio acima — disse Rownie.

— Não — respondeu Essa. — É exatamente esse o som que ele faz antes de uma inundação descer uivando pelo seu cânion. Nós devíamos ter avisado mais gente nas docas. Não tivemos muito tempo, acho, até nossa apresentação explodir, mas eu pretendia aconselhar alguns comandantes a talvez mandar desembarcar sua tripulação e carga, fazendo com que subissem os morros. Mesmo uma pequena enchente estraga coisas nas docas, e a que vem por aí é mais do que pequena.

— Já falei com os capitães de barça que se dispõem a ouvir os avisos dos Tamlin — disse Semele, do banco da frente. — Eles vão espalhar a notícia. Mas pode ser que nós ainda consigamos falar pela cidade, e com isso salvar Zombay de ser alagada.

— No momento não me sinto propenso a apostar em nosso sucesso — disse Thomas, de dentro do chapéu. — Mais rochas à frente, Nonny. Pode bater nelas, se quiser. Caso contrário, vire para bombordo.

Nonny desviou a jangada para bombordo.

Quase nada dessa conversa fazia sentido para Rownie, mas ele não se dava ao trabalho de fazer perguntas que pudessem esclarecer o que estava sendo dito. Sentia-se cercado de tristeza e desejava ter um grande chapéu preto só seu para puxar sobre seu rosto.

Graba tinha amaldiçoado a trupe e tudo o que ela fizesse. Os Bichos os acompanhariam onde quer que eles fossem. Aves em chamas se abateriam sobre eles, aos gritos, até que o palco e o carroção pegassem fogo, e todos eles fossem incinerados junto, a menos que o Rio se levantasse numa enchente, antes que Graba tivesse oportunidade de queimá-los. Coisas terríveis estavam por vir — pela água, pelo fogo ou pelos dois ao mesmo tempo.

Semele indicou um lugar no lado sul do barranco.

— Para lá — disse ela. — É para lá que deveríamos seguir, sim.

Nonny conduziu a barça ao lugar que Semele tinha indicado. Atirou um gancho de quatro pontas, conseguiu atingir com ele raízes de uma árvore ribeirinha e puxou a corda até a jangada chegar à margem. Fez então a geringonça giratória parar e subiu para dentro do carroção. A jangada ficou flutuando com a corda esticada.

Rownie olhou ao redor. O lugar não parecia nem um pouco especial.

— Por que este lugar? — perguntou ele.

— É aqui que nós escalamos — disse-lhe Essa. — Precisamos chegar ao nível das ruas para poder voltar de carroção até a cidade.

Rownie olhou para cima. O barranco era íngreme e muito alto. Não parecia adequado para escaladas.

— Nós vamos escalar esse paredão?

— Não, não, não, não — disse Essa. — É claro que não. Nonny vai escalar sozinha e lançar uma corda cá para baixo, depois ela vai içar o carroção lá para cima com uma grua e uma roldana. — Ela fez parecer como se tudo isso fosse algo muito fácil de ser feito. — A grua e a roldana já estão lá em cima. São usadas por contrabandistas para carregar mercadoria para Zombay sem precisar passar pelos guardas das docas, mas ultimamente eles não têm usado muito isso aqui. Pelo menos, acho que não. Vamos torcer para nenhum contrabandista usar a grua logo agora.

Nonny subiu através de um alçapão no teto do carroção. Nas argolas do cinto, ela levava várias ferramentas. Sem se despedir nem dizer nada, ela caminhou com agilidade pela corda entre o carroção e a margem, e começou sua escalada.

— Não deveria demorar muito, não — disse Essa. Ela sentiu um puxão no anzol e começou a dar pulos de alegria. — Ei! Peguei alguma coisa! Comida fresquinha para o jantar, pessoal! Comida fresquinha!

Essa puxou para a jangada uma bola de algas verdes, que caiu no convés respingando água.

— Bem — disse ela. — Não importa. Podíamos fazer um ensopado de algas, imagino, mas a única vez que eu soube que um ensopado de algas ficasse saboroso foi quando deixamos de lado as algas em si. Por isso, talvez o melhor seja eu jogá-las de volta na água.

Nenhum dos outros disse nada.

Essa voltou devagar para a borda da jangada e chutou para o Rio as algas apanhadas. O emaranhado verde afundou e desapareceu.

— Eu me lembro de fazer pedidos a peixes do Rio quando era pequena — disse ela —, mas não me lembro de quais eram os pedidos. E eu era tão pequena quanto agora, acho. Nós não crescemos mais, nem mesmo se vivêssemos mil anos.

— Vocês geralmente vivem mil anos? — perguntou Rownie.

— Não — disse Essa. — Geralmente alguém nos acusa de roubar crianças, roubar manteiga, roubar botões ou seja lá o que for, muito tempo antes de completarmos mil anos, e então o povo nos persegue com archotes. Semele é a única que conheço que está mais próxima dessa idade.

— Ah — disse Rownie, olhando para cima. Não sabia dizer se Nonny já teria chegado ao alto do penhasco. E então dois rolos de corda vieram descendo e caíram com um ruído sobre o carroção, de modo que ele calculou ser provável que ela tivesse chegado.

Patch e Essa amarraram as cordas no eixo ao lado de cada roda, e então desamarraram o carroção da jangada. Essa deu um assobio longo e forte. As cordas começaram a ser puxadas. O carroção foi levantado, ficando suspenso no ar. Alguma coisa mudou de lugar dentro dele, causando um estrondo.

— Vou tentar salvar nossos pertences — disse Thomas, de dentro do chapéu. — Essa, eu ficaria muito grato se você me desse alguma ajuda. — Ele abriu um alçapão e passou por ele para entrar. Essa foi atrás.

— Eu também vou entrar — disse Semele. — Tomem cuidado, vocês dois.

Rownie e Patch ficaram olhando a jangada e o Rio se distanciando cada vez mais, abaixo deles.

— Nós vamos simplesmente abandonar a jangada? — perguntou Rownie.

— Nonny construirá outra da próxima vez — disse Patch. Ele desistiu de pescar e passou a empurrar a vara de pescar contra a face do penhasco sempre que o carroção oscilava e balançava perto demais da rocha.

Chegou o fim da tarde e começou a anoitecer. O sol estava se pondo. As cores do fim do dia saltavam do Rio, em reflexos. A superfície do Rio parecia agora estar muito longe, mas o alto do penhasco não parecia estar mais próximo.

Rownie olhou de esguelha para Patch. Ele tinha uma pergunta que queria fazer, mas achava que talvez fosse uma pergunta grosseira e não sabia que palavras usar. Por fim, simplesmente perguntou.

— Como você foi Transformado?

Patch não respondeu. Continuou a manter o carroção afastado do penhasco, com sua vara de pescar.

Rownie esperou. Esperou tanto tempo que achou que Patch não ia responder nunca.

— Eu tinha irmãos — disse Patch, afinal. — Muitos. Mais do que a família precisava. Alguns saíram de casa para ser soldados. Um saiu para estudar. Ainda sobraram irmãos demais. Eu era o caçula, e meu pai me levou aos carroções para eu ser Transformado. E então ele me pôs num celeiro. Dá sorte guardar alguma criatura Transformada no celeiro. Um guardião. Uma criatura para manter outros monstros afastados. Passei muito tempo lá, mantendo os carneiros em segurança.

— Quanto tempo? — perguntou Rownie.

— Não me lembro — disse Patch. — Os anos ficaram todos misturados. Fui embora depois de um tempo. Juntei-me a uma trupe. Não era das boas. Eu fazia a Dança das Doninhas. Enfie uma dúzia de doninhas zangadas nas suas calças e pule de um lado para outro enquanto elas brigam. O público adora. Eu usava roupa de baixo de couro grosso para não ficar com as pernas

esfoladas. Mesmo assim, não era confortável. Morriam doninhas em todas as apresentações. E era só isso o que me davam para comer depois. Os espetáculos com Semele são melhores. A trupe é melhor. E a comida também.

Rownie concordou. Ficou feliz por não precisar fazer a Dança das Doninhas para ter o que comer, apesar de que uma refeição noturna de doninhas teria sido melhor do que nenhuma refeição, e era raro haver jantar na casa de Graba. As refeições com a trupe eram mesmo muito melhores.

Ele ouviu a voz de Graba na cabeça e na memória. *Você comeu o que lhe deram? Bebeu o que lhe ofereceram?*

Ele apalpou as orelhas de novo para ver se tinham se tornado mais pontudas.

— Como foi que a Transformação de verdade aconteceu? — perguntou, na esperança de ouvir detalhes. Queria saber se estava se Transformando. Precisava saber se seria ou não bom se isso acontecesse. — Foi por comer comida encantada ou algo parecido?

Patch fez que não.

— Não me lembro. Faz muito tempo. Desculpe.

O sol se pôs. O céu foi ficando sombrio e apagado. O alto do barranco realmente parecia mais próximo agora, e a vista era tão ampla e panorâmica quanto a do Caminho das Rabecas.

Alguma coisa passou acima da cabeça de Rownie, e ele ouviu pombos. Sentiu a ponta das penas de asas roçando no seu rosto quando um pombo mergulhou entre ele e Patch.

O pombo deu uma volta e mergulhou de novo. Patch o afastou com um golpe da vara de pescar. O pombo gritou, indignado. Mais aves juntaram-se a ele com gritos de resposta, e o ar se tornou uma confusão barulhenta e furiosa de asas e pés cortantes. *Pelo menos nenhum deles está em chamas*, pensou Rownie, enquanto se abaixava para evitar o mergulho de outro pombo. Ele tentou abrir o alçapão para se abrigar lá dentro.

Num movimento repentino, três aves investiram contra o rosto de Patch e o derrubaram do carroção. Ele caiu e continuou caindo.

Rownie arrastou-se até a beira. Viu uma forte pancada na água lá embaixo. E foi só o que viu.

Segundo Ato, Cena VIII



NONNY ESTAVA PARADA na borda do penhasco com um estilingue na mão. Ela atirou contra as aves agressoras até não restar mais nenhuma a ser derrubada. Então a roldana terminou sua tarefa, e a grua manobrou o carroção até depositá-lo no chão.

Assim que eles desamarraram o carroção, Nonny firmou um pé na corda suspensa e começou a descer de volta para o Rio, por cima da beirada do penhasco.

— Procure o Patch — disse Semele. — Pegue a jangada que deixamos. Vamos nos encontrar em casa, vamos, sim.

Nonny concordou, deu um puxão na corda e desceu rapidamente.

— Ele está bem, não está? — perguntou Rownie.

— Patch não sabe nadar — disse Essa. E não disse nada depois disso.

Rownie lembrou-se de Patch caindo. Ficava vendo Patch cair, e vendo de novo, com a sensação de que estava caindo junto com ele.

Em silêncio, a trupe desdobrou a mula mecânica e partiu pela Estrada da Beira-Rio, rumando de volta para a cidade. Rownie voltou a calçar as luvas e a pôr o chapéu para esconder o fato de ser um não Transformado.

Não avançaram muito.

Numa encruzilhada, debaixo da sombra comprida de um solar e alguns barracos menores, uma árvore caída bloqueava a estrada que levava a Zombay. Crianças estavam brincando de roda perto da árvore, cantando, “Funileiro, Goblinzão, mendigo, ladrão!” todas juntas a uma só voz, e a criança marcada como “ladrão” tinha de perseguir quem a marcara, dando voltas e mais voltas antes que a roda se fechasse.

Rownie conhecia a brincadeira. Já tinha participado dela. Tinha corrido em torno da roda enquanto os Bichos cantavam a música. *Roga praga, vende encanto, troca tudo, ladrão! Cara falsa, cara de raposa, mostrador de relógio, ladrão!*

As crianças pararam de cantar e ficaram olhando para o carroção.

Rownie estava sentado no banco do carroceiro entre Thomas e Essa. Ele espiou por trás de seu próprio chapeuzinho para verificar o rosto das crianças e se certificar de que nenhuma delas fosse um Bicho. Não eram Bichos. Não seriam, assim tão longe da cidade.

— Podemos dar a volta? — perguntou Essa.

— Não — respondeu Thomas. — Não podemos. A estrada transversal não leva a nenhum lugar importante, seja para um lado ou para outro.

O velho Goblin desceu do banco e agitou a bengala com raiva na direção da árvore caída.

— Por que ninguém do povoado veio remover esse obstáculo na estrada? Por que ninguém o está removendo agora? É um desrespeito para com os viajantes deixar esse tipo de tarefa para depois que amanhecer.

O garoto mais velho e mais alto dali deu um passo adiante.

— Esta é uma cidade, não um povoado — disse ele, com orgulho e desdém.

— Ora, ora — sussurrou Essa.

— Como você se chama, garoto? — perguntou Thomas, fincando a bengala com firmeza no chão e se inclinando para a frente.

— Jansin — respondeu o garoto, como se Thomas devesse reconhecer o nome, como se qualquer um e todo mundo devesse saber quem ele era.

— Isso aqui não é uma *cidade*, jovem Jansin — disse Thomas. — Isso aqui é uma encruzilhada, com uma casa elegante bem perto, e foi um elogio eu

chamar o lugar de povoado. Por sinal, vocês não deveriam estar cantando e dançando numa encruzilhada. Poderiam perturbar a sepultura de uma quantidade incontável de canalhas aqui enterrados para nunca poderem encontrar o caminho de volta e não conseguirem assombrar suas casas. Não é prudente mostrar desrespeito para com os mortos... ou para com viajantes, que ainda têm muita estrada pela frente. Por favor, vá buscar alguém para ajudar a retirar essa árvore.

Jansin cruzou os braços. Não fez nenhum outro movimento. As outras crianças se reuniram atrás dele.

— Por que deveríamos nos importar com os mortos das encruzilhadas, se todos eles eram criminosos? — perguntou ele. — Por que deveríamos nos importar com viajantes, se eles não passam de Goblins?

— Isso não está me cheirando bem — sussurrou Essa. — Rownie, prepare-se para fazer alguma coisa. Não sei o quê, mas alguma coisa. Pode ser agarrar Thomas e jogá-lo nos fundos do carroção para podermos seguir à maior velocidade possível em alguma direção qualquer.

Thomas empertigou-se à altura máxima. A parte superior do seu chapéu quase chegava ao ombro do garoto.

— Vá em frente e desperte os mortos debaixo dos seus pés se você quiser, mas não discuta mais comigo. Meus companheiros e eu estamos cansados e pesarosos.

Jansin aproximou-se do carroção a passos largos e bateu na lateral com a mão.

— Vocês têm máscaras pintadas aqui — disse ele. — Quer dizer que são atores. Goblins atores. Encenem uma peça para nós.

As outras crianças menores aplaudiram.

— Uma peça, uma peça!

— Não a faremos — disse Thomas. — Estamos exaustos e ainda temos um longo caminho a percorrer nesta noite.

O garoto jogou uma moeda no chão. Era uma moeda grande, que parecia ser de prata.

Thomas ficou parado por cima da prata, mas não a pegou do chão.

— Você é filho de comerciante? — perguntou. — Não. Não poderia ser. Ninguém da casa de um comerciante jogaria dinheiro fora com tanto descuido.

— Minha família é proprietária das maiores carvoarias da cidade — disse Jansin. Falava num tom arrogante, como se estivesse desafiando qualquer um a lhe dizer que fabricar carvão era um negócio sujo.

— Ah — disse Thomas. — Um comprador e vendedor de corações. Alguém que acredita que qualquer coração pode ser comprado ou vendido. Pois bem, garoto-carvoeiro, nós realmente nos apresentamos por dinheiro, e por quase qualquer moeda, mas não pela sua. — Ele usou a ponta da bengala para dar um piparote na moeda, afastando-a dali. Ela foi rolando e dançando de volta para Jansin. O garoto pegou-a do chão, com a cara vermelha e zangada. Jogou-a então com força e derrubou o chapéu da cabeça de Thomas.

— Ui, a situação não está boa — disse Essa. — Está péssima. — Ela segurou as rédeas com mais firmeza. — Queria saber se Horácio conseguiria saltar por cima daquela árvore. Ele nunca saltou antes, mas nós podíamos tentar.

Rownie desceu do carroção pelo outro lado, sem ser visto. Abandonou o chapéu e as luvas, e deu a volta por trás do grupo de crianças. A atenção delas estava em outra parte. Ninguém o viu no lusco-fusco. Ninguém percebeu que estava em pé atrás deles, quase entre eles. Ninguém notou que ele era desconhecido.

Enquanto isso, Thomas apanhou do chão seu enorme chapéu, espanou-lhe o pó com cuidado e o pôs de volta na cabeça. Ele então desembainhou uma espada fina, que acompanhava o comprimento da bengala, e a segurou de um modo que fez com que a ponta da lâmina quase tocasse na ponta do nariz de Jansin.

— Exijo que me peça desculpas — disse Thomas. Sua voz era calma, baixa e fria.

Jansin olhava fixamente para ele, claramente expondo seu medo e ao mesmo tempo demonstrando não estar disposto a dar um passo atrás. O velho Goblin mantinha a espada firme.

Todos esperaram para ver o que aconteceria em seguida.

Então, uma portinhola se abriu na lateral do carroção, com um forte ruído e um estalo. Lâmpadas a óleo estavam acesas em cores vivas ao redor dela. Música animada era tocada por uma das caixas de música lá dentro.

Uma primorosa marionete de madeira em elegantes trajes masculinos saiu de repente pela portinhola aberta.

— Bem-vindos! — disse a marionete numa voz que era quase a de Semele. — Sejam bem-vindos, todos vocês! O espetáculo desta noite começa agora!

O grupo de crianças avançou para se reunir junto do palco das marionetes. Thomas embainhou a espada e se afastou para um lado, com um resmungo entre dentes.

— Desatrele a mula, Essa — disse ele. — Ajude-me a amarrá-lo àquela árvore. É melhor esse bicho de metal ter força suficiente para tirá-la da nossa frente.

Jansin deu um sorriso, cheio de si. Tinha exigido uma apresentação e tinha conseguido o que queria.

Rownie procurou a moeda de prata. Não pôde deixar de procurá-la. Nunca tinha sequer visto prata. Mas não a encontrou. Alguma das outras crianças menores devia tê-la apanhado antes. Rownie desistiu e abriu caminho no aglomerado para se postar atrás de Jansin. O garoto mais velho ainda podia estar com vontade de arrumar uma briga, e, se ele brigasse, os outros brigariam junto.

O espetáculo começou.

— Espero que mostrem sangue e entranhas! — disse uma das crianças, empolgada, pulando no mesmo lugar.

A marionete de uma dama elegante apareceu no palco. Lá de trás, a voz de Semele entoava uma história.

Rownie tentou assistir à peça de marionetes e vigiar Jansin ao mesmo tempo. Não era fácil, e ele ainda era perturbado pelas lembranças de outras apresentações de marionetes a que já havia assistido. Rowan costumava fazer teatro de sombras nas paredes do barraco de Graba quando ainda morava lá. Ele sabia fazer sombras de barcos a vela e de animais, cavalos, cabras e

toupacos em fuga precipitada. Sabia fazer silhuetas de pessoas de cartola ou de vestidos compridos. Até mesmo os Bichos mais barulhentos e grosseiros ficavam olhando atentos. Era sempre Rownie que segurava a vela — um perigo por causa da palha que cobria o piso —, mas ele tomava cuidado. Seu boneco de sombras preferido era o pássaro, porque esse era o único que ele próprio conseguia fazer, com os polegares enganchados e os outros dedos representando as asas. Rowan tinha prometido ensinar Rownie a torcer as mãos, criando outras formas de bonecos, mas não tinha ainda chegado a essa parte.

A plateia de crianças riu de alguma coisa que aconteceu no pequeno palco. Rownie sacudiu a cabeça tentando espantar as sombras, e prestou mais atenção.

A voz de Semele cantava uma história sobre a marionete da Dama, que morava sozinha com um espelho enfeitiçado. O espelho no palco não era de fato um espelho. Era só uma moldura vazia com outra marionete por trás. A Dama olhava para o espelho, e a marionete por trás da moldura imitava seus movimentos com perfeição, durante todo o tempo que a Dama estivesse olhando. E depois acenava para a plateia sempre que ela não estava olhando.

O espelho tinha sido enfeitiçado para mostrar à Dama um reflexo jovem e infantil no início do dia e um reflexo velhíssimo ao anoitecer. A Dama aprendeu a enfiar a mão no espelho de manhã e arrancar o próprio reflexo através da moldura, jogando-o no chão. Ela fez isso algumas vezes, uma manhã atrás da outra, até que muitas marionetes de crianças se alvoroçavam no palco junto dela.

Rownie se perguntava como Semele conseguia movimentar todas elas de uma vez. Ela estava sozinha no carroção, de modo que precisava ser a única titereira, mas cada uma das várias marionetes se movimentava como se estivesse sendo dirigida por mãos vivas só dela. Era fácil acreditar que elas próprias estavam vivas, muito embora Rownie pudesse ver que cada uma era um objeto feito de pano e madeira entalhada e pintada.

Na história, a Dama mantinha todas essas crianças do espelho como escravas e criadas.

*“Ela só tinha a si mesma
Para a própria companhia...
Mas mantinha muitas versões de si mesma.*

*Eram elas que varriam a sujeira,
Que limpavam a casa inteira
E dos livros na estante tiravam a poeira.*

*Reflexos de si mesma ela colhia
Nas primeiras horas do dia,
Quando o espelho sua juventude exhibia.*

*E a essas imagens de seu eu ainda jovem
Ela, impertinente, dava ordens,
E elas cumpriam o seu dever:
Até que a Dama cruel resolveu carvão fazer.”*

Todas as pequenas marionetes saíram atabalhoadas do palco. A Dama ficou sozinha e pôs as duas mãos de madeira debaixo de seu queixo de madeira. Ela parecia agressiva, principalmente por causa da forma com que suas sobrelanceiras tinham sido pintadas. Ela então estremeceu, abraçando, com os bracinhos, o próprio corpo de marionete. As janelas do seu aposento ficaram escuras e cinzentas. A chuva tamborilava nos fundos do pequeno palco. Uma das imagens jovens tiradas do espelho entrou com uma vassoura, e a marionete da Dama se agigantou sobre ela.

A parte seguinte da peça foi perturbadora. A Dama enfiou a mão no peito de seu eu menor e dali retirou alguma coisa vermelha. A pequena marionete tombou no chão. Não houve sangue artificial, nem qualquer outro efeito especial assustador, mas Rownie ainda assim se sentiu inquieto. Ele mudava seu peso de um pé para o outro. Algumas das crianças locais mais impressionáveis davam gritinhos.

A Dama pôs o coração na lareira, onde ele emitiu um fulgor aconchegante. Ela esfregou as mãos, aproveitando o aquecimento do ar. Então pôs um único mecanismo de metal no peito da garota. A pequena

marionete voltou a se levantar — reta e rígida — e começou a varrer a borda do palco.

Foi monstruoso. Todos ali sabiam o que o carvão era, de onde ele vinha e para que servia. Todos sabiam que os autômatos não poderiam se movimentar sem um pedaço de carvão em suas entranhas metálicas, ou, no caso de Horácio, sem vários pequenos pedaços de carvão de coração de peixe. Isso já era ruim. Mas num dia de chuva aquecer sua casa com carvão, quando qualquer pedaço de pau serviria do mesmo jeito, era algo monstruoso.

Rownie percebeu que Jansin não deu gritinhos, não estremeceu, nem olhou para outro lado. Em vez disso, ele se empertigou para ficar numa postura ainda mais rígida e cerrou os punhos algumas vezes.

*“Uma escrava um dia presenciou
A Dama tirar corações,
E, esperta, a menina por sua sorte receou.*

*Foi até o espelho com cuidado,
O espelho alto, enfeitiçado,
E então viu que já não estava só.”*

A pequena marionete enfiou a mão na moldura e dali tirou uma gêmea.

*“Eram os primeiros momentos da manhã,
Das imagens refletidas também,
E cada uma delas tentou puxar uma irmã.*

*Suas mãos o vidro atravessaram,
E outras mãos apertaram
Até que as garotas uma quadrilha formaram.”*

As marionetes fizeram cada vez mais cópias de si mesmas. E então a Dama voltou, seguida por algumas escravas.

Todas brigaram. Marionetes voavam por toda parte, jogadas para lá e para cá. Quando a briga terminou, só três delas ainda estavam de pé: duas garotas rebeldes e a Dama. Uma das garotas prendeu os braços da Dama para trás. A outra enfiou a mão no peito da marionete da Dama e tirou dali seu coração avantajado. Elas jogaram o coração na lareira, onde ele queimou por pouco tempo e logo se apagou. Todas as outras pequenas luzes do palco foram se apagando com ele.

Com o canto do olho, Rownie percebeu que Essa e Thomas estavam discretamente devolvendo a mula a seu lugar nas varas do carroção. A árvore morta tinha sido arrastada para um lado. A estrada estava desimpedida.

A canção de Semele chegava ao fim.

*“Tratem bem seus eus jovens
Ou dentro de vocês eles hão de se rebelar,
E seu coração derrubar.*

*Boa noite então para todos,
Pois as cortinas agora vão se fechar
Para esta história enfim se encerrar.”*

Fez-se silêncio. Então, o pequeno grupo começou a aplaudir.

— Sangue e entranhas! Sangue e entranhas! — dizia o menor deles, pulando sem parar, enquanto batia palmas.

Jansin não deu vivas nem aplaudiu.

— Minha família pega corações — disse ele, sem gritar, mas com uma voz possante. Ela silenciou o aplauso ao redor. — Nós tiramos o coração de traidores, criminosos e pessoas que merecem esse castigo. Nós os transformamos em carvão. Devíamos arrancar esses seus corações de Goblin, mas provavelmente eles não iriam nem mesmo queimar.

Jansin avançou um passo, e então Rownie deu-lhe um chute com força, na parte de trás do joelho. *Ninguém merece ser transformado em carvão*, pensou ele, mas não se deu ao trabalho de dizê-lo em voz alta.

O garoto mais velho caiu na terra. Rownie fugiu correndo. Aos empurrões, ele tirou outras crianças do seu caminho e pegou a mão de Essa quando chegou ao banco do carroceiro. Ela o puxou para cima. O palco das marionetes fechou-se com um ruído seco. Thomas estalou as rédeas com força, e a mula partiu a galope.

Sua plateia recente começou a gritar e atirar pedras, mas o barulho furioso e indomável logo foi sumindo ao longe. Depois disso, Rownie não ouviu nada, a não ser o matraquear do carroção e o baque dos cascos de Horácio na estrada. E atrás deles não viu nada além de árvores.

Segundo Ato, Cena IX



SEMELE SURGIU através de um alçapão na frente do carroção. A trupe inteira estava sentada no banco do carroceiro.

— Vá mais devagar, pois não? — disse ela. — Já estamos bem longe, está escurecendo, e seguir a esta velocidade está se tornando mais perigoso. Acho que vou conduzir.

Thomas entregou as rédeas, mas não sem protestar.

— Você mal consegue enxergar — disse ele. — Nem mesmo está usando seus óculos. Como pode ser menos perigoso que eu a deixe conduzir o carroção?

— Esta é uma estrada muito antiga — disse Semele, despreocupada. — Posso conduzir por aqui bastante bem, só de memória. — Ela fez a mula desacelerar e passar por uma curva. — Favor me informar caso se apresentem obstáculos novos e fora do normal.

Thomas puxou o chapéu para cobrir o rosto.

— Você deveria ter deixado que eu desse um golpe de advertência naquele moleque insolente. Teria sido um corte superficial.

Essa murmurou alguns ruídos de frustração e repulsa.

— É claro. Perfeito. Boa ideia. Derrame algumas gotas de sangue de um menino rico, numa encruzilhada, à noite. Dê pernas a esse boato e deixe que ele se espalhe um pouco. E, quando chegarmos de volta à cidade, todas as pessoas sem exceção estarão pensando que nós praticamos o ritual de assassinar crianças inocentes em encruzilhadas, com o objetivo de levantar um exército de criminosos mortos com o qual pretendemos conquistar Zombay inteira. As pessoas já acham que somos ladrões de crianças, de modo que deveríamos fazer um esforço para evitar *atacar* qualquer criança. Mesmo que a criança mereça.

— Mas nós *somos* ladrões de crianças — disse Thomas, de dentro do chapéu.

— Só por motivos excepcionais — disse Semele. — E nós somos as crianças que roubamos.

— Além disso, eu realmente não me importo — disse Rownie.

— Já que estamos compartilhando recriminações — prosseguiu Thomas —, talvez não tenha sido uma ideia brilhante gerar mais antagonismo naquele carvoeiro esquentado, contando uma história pessoal de como o carvão é feito e de como essa prática é desprezível.

— Cale-se — disse Semele. — O que vocês dois podem fazer de mais útil é preparar uma refeição. Faz algumas horas que não comemos. Rownie pode ficar aqui e prestar atenção para ver se há mais alguma árvore caída no caminho.

— Perdi meu chapéu — admitiu Rownie. — Eu deveria ficar lá dentro.

— Não se preocupe — disse Semele. — Não há mais ninguém na estrada. Além disso, está escuro, e acho que vai se formar um nevoeiro hoje à noite. Seria preciso alguém com olhos muito bons para ver através disso tudo e ainda detectar que você é um não Transformado que anda na companhia dos Tamlin.

Essa e Thomas desceram, resmungando. Rownie ouviu mais resmungos dentro do carroção, apesar de não conseguir entender o que nenhum dos dois dizia.

Ele observava a estrada, um trecho longo e sinuoso de terra batida, cercado de árvores com galhos e raízes retorcidas. Um nevoeiro realmente se

formou e cobriu devagar o chão até o próprio mundo parecer ser feito de nevoeiro, tendo somente o carroção como a única coisa real e sólida nele. Rownie não estava enxergando bem o suficiente para detectar árvores caídas, ou qualquer outro tipo de bloqueio à estrada, de modo que ele simplesmente cruzou os dedos dos pés e torceu para que não houvesse nenhum. Semele ainda conseguia manter as rodas na estrada.

— Você pensou rápido e agiu rápido — disse Semele. — Eu o vi na plateia pelos buracos de espia no palco das marionetes.

— Eu dei um chute nele — disse Rownie. — Só isso.

— Não foi *só* isso — disse Semele. — Você se posicionou onde precisava estar, e teve capacidade para prever isso. Foi muito bem pensado.

Rownie saboreou o elogio. Não recebia elogios com frequência, de modo que não sabia ao certo o que fazer com ele. Teve a sensação de que seu rosto estava mais quente no ar enevado. Só não conseguiu aproveitar o calorzinho por muito tempo. Sua memória o fez ver Patch caindo de novo, e mais uma vez ele teve a impressão de que também estava caindo. Abriu bem os olhos e fixou o olhar no nevoeiro.

Alguma coisa o incomodava bem no fundo de sua mente.

— Graba tem muitas aves — disse ele. — Por toda a cidade, e até mesmo fora dela. Nós estávamos bem longe Rio acima, quando os pombos nos atacaram.

— É mesmo — disse Semele. — Nem todos os pombos são dela, nem mesmo em Zombay, mas ela sem dúvida usa uma grande quantidade deles.

— Ela está procurando por Rowan também — disse Rownie. — Estava sempre perguntando por ele, antes.

— Seria de se esperar, sim — disse Semele.

— Então, por que Graba não encontrou Rowan? Ela não para de nos encontrar. Não para de mandar aves atrás de nós. Ela deve estar procurando por Rowan, e seus pombos estão praticamente por todos os cantos, mas Rowan desapareceu há meses. Por que ela não conseguiu encontrá-lo?

— Não sei — disse Semele, com delicadeza.

— Vai ver que ele não é encontrado porque não está aqui — disse Rownie. Não gostou de dizer isso. Achava que alguma coisa podia se tornar

verdadeira se ele a dissesse em voz alta. Se ficasse calado, talvez conseguisse impedir que algo se concretizasse, mas não conseguiu ficar calado. — Vai ver que Rowan já saiu da cidade, sem mim. Ou vai ver que morreu.

— Acho que ele não morreu — disse Semele. — Bem que eu queria saber onde ele está, e queria poder lhe dizer. Não sei, mas acho que está vivo.

— Como pode saber? — perguntou Rownie, ainda sem se deixar tranquilizar. Semele pensou um pouco antes de responder.

— Sua avó adotiva é muito boa em encontrar o que está perdido. Também é muito boa em saber quando deveria não se dar ao trabalho de procurar. Se ela ainda está procurando, é porque ele ainda pode ser encontrado em algum lugar.

Ela fez o carroção acompanhar mais uma curva. Rownie encarou o nevoeiro à frente com menos ansiedade, começando a confiar em Semele, que de fato conhecia a estrada.

Pensou em Rowan, escondido em algum lugar no nevoeiro, em algum lugar que nem mesmo os muitos pombos de Graba conseguiam encontrar.

Rowan costumava desaparecer por dias a fio. Às vezes, ele reunia uma trupe nova e tentava ensaiar, mas isso raramente dava certo. *Eles têm medo demais de máscaras para usar uma*, queixou-se ele uma vez, enquanto atirava diversos olás por cima da amurada do Caminho das Rabecas. *Eles só se dispõem a fazer um pouco de leitura de peças, tarde da noite, com as janelas e as venezianas fechadas, e alguém tocando uma rabeca na sala ao lado para encobrir o barulho. Do que eles têm tanto medo?*

Da Guarda, respondeu Rownie.

Mas do que a Guarda tem tanto medo?

Rownie não tinha certeza. *De piratas?*, sugeriu ele.

Rowan riu. *Não, o que eu quero dizer é por que um pouco de faz de conta diante de um público... Não importa. Eu só queria que minha trupe tivesse mais coragem.*

Eu não tenho medo, disse Rownie. *Posso aparecer na próxima apresentação?*

Não nesta próxima, respondeu Rowan. *Não há um papel bom o suficiente para você nesta próxima. E vou precisar que você seja o rosto amigo na plateia, se é que vamos conseguir nos apresentar diante de uma plateia.*

Rownie ficou decepcionado, e Rowan percebeu.

Quero ouvir a fala que lhe dei, disse o irmão mais velho. *Você tem ensaiado?*

Tenho ensaiado, disse Rownie.

Ele agora tentava se lembrar daquela fala, ali sentado no banco do carroção com Semele. A primeira linha veio à sua mente — *Sei meu caminho, e posso adivinhar o seu* — mas não conseguiu se lembrar da seguinte.

Outro pensamento do fundo de sua mente, na prateleira das coisas ainda não compreendidas, o incomodou.

— Thomas chamou a peça de marionetes de história pessoal — disse ele. — De quem?

— Só minha — disse Semele. — Nossos eus são histórias toscas e não ensaiadas que contamos para o mundo. Segure-se a alguma coisa, sim? Porque logo adiante há uma velha raiz de árvore na estrada. Pelo menos havia, e acho provável que ainda esteja lá.

As rodas do carroção atingiram a raiz. Os dentes de Rownie bateram com ruído. Thomas e Essa deram gemidos de protesto lá de dentro.

— E então, o que aconteceu com as garotas depois? — perguntou Rownie, procurando não dar atenção à dor nos dentes. — As garotas da história. As que sobreviveram.

— Elas nunca concordaram sobre qual era a primeira e qual era um reflexo de um reflexo — disse Semele. — Uma se Transformou, tornando-se Tamlin. A outra aprendeu bruxaria e nunca, jamais, perdoou a primeira por ter se Transformado.

— Ah — disse Rownie. — Ah. — Ele agora tinha milhares de perguntas. Mas fez aquela que tinha feito a Patch. — Como você se Transformou? O que aconteceu?

Semele cantarolou para si mesma. Ela parecia estar estudando as próprias palavras antes de soltá-las no mundo.

— Uma Transformação é um grande passo para o lado — disse ela —, em troca de todos os pequenos passos que a pessoa teria dado se não fosse assim. É. Na maioria das vezes, a pessoa *para* de mudar depois de uma Transformação.

Esse não foi um grande esclarecimento.

— Mas como acontece? — insistiu Rownie. — Está acontecendo comigo agora?

— Não, Rownie — respondeu Semele. — Nós nunca faremos uma Transformação contra a vontade da pessoa, seja você, seja qualquer um. Não está acontecendo nada com você, e não acontecerá, a menos que você decida que sim. E nós realmente precisamos da ajuda de alguém que seja ao mesmo tempo mascarado e não Transformado.

Rownie não sabia se estava aliviado ou decepcionado. Não tinha certeza se queria que seus olhos ficassem enormes; suas orelhas, pontudas; e sua pele, sarapintada com milhares de sardas verdes. Mas ele realmente queria ser diferente, diferente do que tinha sido, e achava que talvez os monstros fossem protegidos uns dos outros.

Essa abriu o alçapão atrás deles para oferecer travessas com salgadinhos de legumes. O aroma dos salgadinhos era muito picante e apetitoso. De repente, o lanche passou a ser muito mais importante para Rownie do que qualquer coisa que restasse na prateleira do fundo de sua mente. Eles todos comeram juntos, seguindo em meio ao nevoeiro pela Estrada da Beira-Rio.



TERCEIRO
ATO

Terceiro Ato, Cena I



ZOMBAY SURGIU EM MEIO AO NEVOEIRO.

Rownie olhava espantado. Ele nunca tinha saído da cidade antes. Estivera sempre cercado por ela. Nunca a tinha visto de fora. Nunca tinha chegado a Zombay, até aquele momento.

Luzes ardiam através da escuridão enevoadada. Constelações de lanternas e velas brilhavam numa enorme quantidade de janelas. A iluminação pública — rara no Lado Sul, mas comum no Lado Norte — lançava um clarão aconchegante sobre as pedras frias do calçamento.

A Torre do Relógio reluzia acima de tudo. Uma lua de vidro atravessava tiquetaqueando um céu de vitral em cada face do relógio, iluminada por trás por meio de lanternas, servindo como um farol para qualquer barça que passasse por baixo da Ponte do Caminho das Rabecas durante a noite.

Conduzindo o carroção, Semele entrou no Lado Sul, na confusão de construções amontoadas umas sobre as outras. Casas projetavam-se em ângulos estranhos, atreladas a correntes de ferro ou escoradas com toras trazidas pelo Rio, que então tinham sido fincadas nas paredes de tijolo e reboco para impedir que tombassem para o lado. A bagunça disforme se agigantava acima deles.

Rownie respirava mais tranquilo. Encheu os pulmões com poeira do Lado Sul. Era reconfortante. Era estar em casa. Mesmo assim, ele se mantinha alerta para discernir o barraco de Graba, sabendo que ele poderia estar em absolutamente qualquer lugar.

Os cascos mecânicos batiam no calçamento a intervalos regulares. Algumas lâmpadas solitárias iluminavam um lado ou o outro da via.

— Estamos perto da rua Borrow? — perguntou Semele. — Acho que estamos, mas queria ter certeza.

— Estamos atravessando essa rua agora — disse Rownie.

Semele deu um puxão nas rédeas para a esquerda, e Horácio fez uma curva precisa nessa direção. O carroção quase virou. Rownie agarrou-se ao banco para não sair voando dali; e isso quase aconteceu de qualquer maneira, quando o carroção voltou a se acomodar sobre todas as quatro rodas, com um forte rangido. Essa e Thomas fizeram ruídos raivosos lá dentro.

— Obrigada — disse Semele, indiferente. — Agora não falta muito, de verdade.

Rownie examinou as ruas e avenidas familiares ao redor, tentando adivinhar seu destino.

— Aonde estamos indo? — perguntou ele.

— Para casa — disse Semele, passando pelo portão da Ponte do Caminho das Rabecas. — Não é algo insignificante que nós lhe mostremos nosso lar e que o convidemos para ficar conosco. Não é algo que fazemos com frequência.

Eles seguiram até o meio da ponte, e então Semele deu um puxão nas rédeas, fazendo com que o carroção parasse de imediato.

— Não estou ouvindo nenhum passo nem ruído de rodas em nenhum dos dois sentidos — disse ela —, mas, por favor, dê uma olhada em volta para ver se há alguém por perto que possa estar nos observando.

Rownie olhou. Viu somente o nevoeiro e o calçamento vazio. As vitrines das lojas e as janelas das casas de cada lado da ponte estavam todas escuras e fechadas. Era muito tarde. O Caminho das Rabecas dormia.

— Não vejo ninguém além de nós — informou Rownie.

— Isso é bom — disse Semele. Ela conduziu a mula e o carroção por um beco estreito no lado da ponte voltado para a nascente do Rio. Fez então mais uma curva e parou diante de um muro de pedra simples.

— Favor abrir as portas da estrebaria, sim? — pediu ela a Rownie.

Rownie olhou espantado para o muro diante deles.

— Não estou vendo nenhuma porta de estrebaria — disse ele.

— Eu o convido a vê-las — disse Semele, e então ele as viu. Não conseguia entender como tinha deixado de vê-las da primeira vez.

Rownie desceu do carroção, destrancou o par de portas altas e as escancarou. Semele fez o carroção passar, e Rownie fechou os portões atrás deles. O fulgor laranja do carvão nas entranhas da mula era a única iluminação ali dentro. Rownie não via muito mais do que paredes de pedra e palha velha.

Essa saltou cambaleando pelos fundos do carroção.

— Em casa — disse ela. — Ótimo. Em algum lugar, há uma cama que não é uma rede, e eu vou encontrá-la.

— Sem tanta pressa, sem tanta pressa! — gritou Thomas de lá de dentro. — Precisamos devolver as máscaras aos devidos lugares. O que faltar desembarcar pode esperar até amanhã, mas as máscaras deveriam ser bem cuidadas, antes que qualquer um de nós se recolha para a própria cama e suas cobertas. Mostrem, por favor, ao menino o lugar certo das máscaras dele.

Essa voltou a subir atabalhoada no carroção, aos resmungos, e saltou de novo com os braços cheios de máscaras. A raposa estava entre elas, e também o gigante que Rownie tinha usado por um curto período no palco do carroção.

— Aqui — murmurou Essa. — Pegue essas duas e me acompanhe.

Rownie pegou o gigante e a raposa, levando uma em cada mão. A Goblin Essa segurava a máscara da princesa, a do herói e mais algumas. Ela também levava a meia máscara que Patch tinha usado naquele dia de manhã, que para Rownie parecia ter sido muito tempo atrás — anos e séculos atrás. Muita coisa tinha acontecido desde então.

Ele seguiu Essa por um corredor até uma escadaria de ferro, que tanto seguia para cima como para baixo.

— Nós vamos subir! — gritou Essa para trás, de algum lugar mais acima.

— O que fica lá embaixo? — perguntou Rownie. Eles estavam no Caminho das Rabecas, e Rownie achava que uma ponte não poderia realmente ter andares inferiores.

— Alojamentos — respondeu Essa —, que descem por toda a pilastra central. As pessoas costumavam montar guarda aqui, a postos, contra piratas e semelhantes, mas agora não se incomodam mais. Algumas partes da ponte têm janelinhas muito estreitas para atirar coisas através delas.

Rownie ouviu um mecanismo que girava e fazia ruídos metálicos quando suas partes se encontravam. Ele quase podia ouvir as pernas de Graba naquele barulho. Quase podia vê-la nas sombras escuras. Quase sentia seus dedos-garras se abrindo e se fechando ali perto. Estava com raiva de Graba por suas maldições e suas aves, por Patch ter caído, caído de tão alto, e estava com medo dela. Também estava zangado por sentir medo, e irritado consigo mesmo por ter deixado Graba irritada com ele. Todos esses sentimentos ele amassou numa pequena e pesada bola de barro dentro do seu peito, e então se esforçou para não prestar atenção a ela.

A escadaria subia para um espaço amplo e altíssimo. Engrenagens e molas, pesos e pêndulos, todos ocupavam o centro do espaço, girando devagar e se engatando. O chão estava coberto por caixotes e uma total confusão de panos e carpintaria. Rownie viu guarda-roupas abertos, cheios de fantasias, uma bancada de trabalho com todos os tipos de ferramentas e várias estantes. Isso era tão espantoso quanto tudo o mais — até então Rownie nunca tinha visto tantos livros juntos.

Lanternas ardiam lá no alto, iluminando enormes círculos de vitrais embutidos nas quatro paredes de pedra. Cada círculo mostrava uma silhueta do horizonte urbano e uma lua cinza, meio cheia. A vista era familiar, só que agora Rownie a via de dentro para fora. Ficou olhando. De queixo caído. Sem se dar conta.

Ele estava dentro da Torre do Relógio.

Terceiro Ato, Cena II



— POR AQUI — gritou Essa para trás. — Quando passar, procure não ser atingido por nenhuma peça de relógio em movimento. — Rownie foi atrás dela, atordoadado.

Foi então que ele percebeu as máscaras.

Elas cobriam as paredes voltadas para a nascente e para a foz do Rio. Rownie viu heróis e damas, vilões e sedutores, amas de leite e membros da pequena nobreza. Viu máscaras de animais feitas de pelo, de penas e de couro de lagarto coberto de escamas, cheias de dentes agressivos. Em sua maioria, elas tinham sido entalhadas em madeira ou moldadas em gesso, mas ele também viu máscaras feitas de lata e de cobre polido, reluzindo à luz das lanternas. Viu máscaras finas, translúcidas, feitas de asas e carapaças de besouros, e máscaras selvagens, feitas de penas coloridas. Viu trapaceiros de nariz comprido e rostos espectrais falsos. Centenas e mais centenas de máscaras estavam suspensas por pregos por meio de barbantes, e cada uma delas parecia estar observando Rownie enquanto ele as observava.

Essa levou-o a um espaço aberto e a um prego vazio na parede.

— Pronto. O gigante fica aqui — disse ela.

Rownie olhou para o prego. Era muito alto, mais alto do que ele poderia alcançar. Essa entregou-lhe uma vara comprida com um gancho na ponta. Com cuidado, ele enganchou a máscara de gigante na vara, ergueu-a até a altura do prego e conseguiu que ficasse lá.

— Muito bem — disse Essa. — A raposa fica lá, perto dos livros. — De algum modo, ela conseguiu indicar com uma das mãos, sem deixar cair tudo que estava carregando. — Você deve conseguir encontrar. Os beliches ficam perto da despensa. Fique à vontade para fazer um lanche antes de dormir se estiver com fome, mas não coma uma quantidade exagerada do peixe seco, para que Thomas não tenha um ataque extremamente eloquente sobre como será provável que morramos de fome, se algum dia precisarmos nos esconder aqui por meses a fio, o que às vezes realmente acontece.

Ela seguiu para o lado oposto, passando ao longo da parede voltada para a nascente do Rio e pendurando as próprias máscaras uma a uma. Rownie partiu na direção das estantes no lado voltado para a foz do Rio. Ele se abaixou para passar por baixo de uma catraca de um mecanismo do tamanho de uma árvore.

Estou dentro da Torre do Relógio, disse ele a si mesmo, ainda espantado. *A trupe mora dentro do relógio*. Um lugar que ele tinha conhecido a vida inteira agora virava do avesso e se tornava algo estranho e misterioso.

Alguma coisa a respeito desse fato também o incomodava e fazia sua memória comichar. Não lhe ocorria o que poderia ser.

Todas as máscaras o encaravam com órbitas vazias ou olhos pintados. Rownie tentou olhá-las de volta. Ele era bom em disputas para ver quem desviava o olhar primeiro. Era preciso saber encarar bem numa casa cheia de Bichos. Mas ali havia máscaras demais para ele conseguir encarar todos aqueles olhares; além disso, precisava prestar atenção aonde ia, para evitar ser atingido pelos mecanismos da torre. Essa disputa de olhares ele não poderia vencer.

Encontrou um lugar para a raposa. Era baixo, perto do chão, tanto que não precisou de uma vara para pôr a máscara no lugar. Com o barbante da máscara ele a pendurou no prego, encostando-a na parede.

A máscara da raposa se mexeu. Ela se afastou da parede e fez força contra o barbante que a mantinha ali. Depois, acomodou-se no lugar.

Rownie deu um passo atrás. Ficou olhando. A raposa permaneceu onde estava e o encarou de volta. Rownie ficou olhando mais um pouco. Começava a duvidar de ter realmente visto a máscara se mexer, logo no início.

Observou em volta à procura do resto da trupe e viu Semele e Thomas carregando juntos uma máscara. Ele não se lembrava dessa máscara. Tinha sido esculpida na pedra, e seu cabelo era de tranças de algas do Rio. O rosto era coberto por espirais de linhas pintadas em azul e marrom. Rownie seguiu os dois Goblins até o centro da parede voltada para a nascente do Rio, onde eles puseram a máscara de pedra.

— Esta é o Rio — disse Semele. — Foi esta a que perdemos e saímos de Zombay para encontrar.

Rownie ficou olhando para ver se ela se mexeria. Ela não se mexeu, mas deu a impressão de que poderia se mexer a qualquer instante.

— Uma máscara do Rio? — perguntou ele.

— Não — disse Semele. — Ela *é* o Rio e *também* uma máscara. Precisamos falar com o Rio, dar-lhe um rosto e um nome, para podermos lhe pedir que não nos afogue com enchentes. É, foi assim que começou. Foi ela a primeiríssima máscara que eu fiz.

Essa veio juntar-se a eles. Todos ficaram olhando para a máscara mais antiga, enquanto ela não se mexia.

— Nossa arte e vocação ainda são compostas por certas obrigações — disse Thomas, falando mais baixo do que seu tom de voz normal. — Foi assim desde o início, quando essas obrigações constituíam a totalidade da arte. Desconhecer essa parte e propósito seria perder o resto.

— Que obrigações? — perguntou Rownie, sem parar de olhar para a máscara que também era o Rio.

— Falar em nome da cidade — disse Essa. — Dela inteira. O Lado Norte, o Lado Sul e toda a longa extensão do Caminho das Rabecas entre os dois. — Ela exibiu uma caixa de madeira e a abriu. Ali dentro estava a cidade, entalhada num bloco sólido de madeira, com o formato de um rosto.

Metade da máscara acompanhava os motivos sinuosos do Lado Sul, e a outra metade obedecia às linhas retas do Norte. A ponte do nariz era a Torre do Relógio, onde todos eles estavam, e o relóginho tiquetaqueava em harmonia com o da torre em volta deles.

— Foi Nonny que fez — disse Essa. — Por isso, Nonny é que deveria abrir a caixa e dizer “Aqui está!”, ou pelo menos seu rosto deveria fazer uma expressão condizente. Mas como não está presente, eu digo, “Aqui está!”

— Nós sempre entalhamos uma máscara nova da cidade, para falar pela cidade, quando chegam as enchentes — disse Semele. — Zombay é um lugar diferente a cada vez, sabe?

— É isso o que vocês querem que Rowan faça? — perguntou Rownie. — Que fale pela cidade?

— É — respondeu Semele. — É por isso que nós lhe ensinamos a arte e é por isso que estamos tentando encontrá-lo. É por isso que *todos* estão tentando encontrá-lo.

— Quem usa a máscara do Rio, então? — perguntou Rownie.

— Ninguém — disse Thomas. — Absolutamente ninguém. O Rio não é uma máscara que se possa usar. Já não é há muito tempo. Pelo contrário, ela é que usaria você, caso você tentasse. É velha e forte demais. Ela encheria um ator até ele se afogar nela.

— Mas ela escuta — disse Semele. — Às vezes ela se dispõe a escutar. E pode ser que ela lhe dê ouvidos, Rownie, se você puser a máscara de Zombay. Experimente.

— Eu? — perguntou Rownie.

— Você — respondeu Thomas. — Nós estivemos ensinando seu irmão mais velho a fazer isso, mas você também tem sua cota de talento.

Rownie ergueu a máscara da cidade e a colocou com cuidado sobre o próprio rosto. Passou o barbante por cima das orelhas e por trás da cabeça. Através dos buracos dos olhos, viu que os outros o observavam, cheios de expectativa. Isso causou uma comichão em sua nuca. Ele tentou engolir, mas sua garganta estava seca.

— Repita comigo — sussurrou Thomas —, “Rio Zombay, via mais antiga, escavador de vales, ouça o que digo.”

Rownie olhou para o alto, para a enorme máscara do Rio. Os buracos dos olhos dela estavam escuros, e ele não conseguia ver nada através deles. Ele se perguntou o que aconteceria se jogasse um seixo, até onde ele cairia e se haveria o ruído da pancada na água. Entendeu de que modo era possível alguém se afogar naquela máscara — e viu que a máscara não perceberia a pessoa se afogando.

Ele repetiu a fala:

— Rio Zombay, via mais antiga, escavador de vales, ouça o que digo.

Nada aconteceu, e continuou a não acontecer nada depois disso.

— Ora, ora — disse Thomas. — Não se preocupe. Seu irmão deveria conseguir fazer isso, e nós deveríamos conseguir encontrá-lo. Ou então, nós poderíamos, quem sabe, rastrear outro ator não Transformado que o Prefeito ainda não tenha posto na prisão. — Era provável que ele tivesse a intenção de parecer tranquilizador e otimista, mas não parecia.

Rownie tirou a máscara da cidade e a guardou de volta na caixa de madeira.

— Por que vocês não podem fazer isso? — perguntou ele. Estava se sentindo pequeno e esgotado. Achava que devia ser melhor nisso do que era na realidade. — Por que precisa ser alguém não Transformado?

— Nós *já* fizemos isso — disse Thomas. — Muitas vezes. Mas a cidade de Zombay atualmente nos exclui, e não podemos falar por um lugar se nós mesmos não somos bem-vindos por lá. Isso torna muito tentadora a ideia de cruzar os braços e deixar a enchente fazer o que bem entender, ouça o que lhe digo. Nós, que refinamos nossa arte a seu máximo brilho, agora somos impossibilitados de cumprir a tarefa que fez surgir-la. Mas ainda gosto deste lugar ingrato, e ainda respeito nossas antigas obrigações. Por isso, ensinamos nossa arte a alguém que *seja* bem-vindo aqui, que saiba andar pelos dois lados da cidade e pela ponte entre eles.

Rownie *achava* que era esse tipo de pessoa, mas parecia que não era — ou talvez não tivesse conhecimento suficiente. Thomas tirou o chapéu, tirou a máscara do Imperador de Ferro e seguiu ao longo da parede para encontrar um espaço vazio para ela. Encontrou um lugar e a pôs ali. E então a máscara se mexeu. Um estremecimento foi se espalhando pelas outras máscaras

também, e cada uma começou a fazer força para a frente, tentando se livrar de barbantes, tiras e pregos.

Terceiro Ato, Cena III



O IMPERADOR DE FERRO fez força suficiente para partir seu barbante. E caiu. Então, ficou em pé de novo. O ar de baixo da máscara se solidificou num corpo em trajes majestosos. Ele trazia nas mãos um cetro de metal.

— Ora — disse Thomas. — Isso é preocupante.

O fantasma da máscara inclinou o rosto de gesso para um lado e contemplou o Goblin, em silêncio.

— O que pretendes, velha carranca? — Thomas exigiu saber, batendo com a ponta da bengala no piso de pedra com uns estalos impacientes.

A máscara aproximou-se, deslizando acima do piso. Ela ergueu o cetro e desfechou um golpe.

Thomas foi ágil o suficiente para manter a cabeça, mas não o suficiente para manter o chapéu. O cetro o derrubou e o golpeou novamente. Dessa vez, Thomas sacou sua espada-bengala e se defendeu.

— Fui eu mesmo que te fiz! — vociferou o velho Goblin. — Representei teu papel muitas vezes, com perfeição! Se tens qualquer capacidade para lutar, só a tens por eu mesmo ter te instruído. E agradeço se parares de agredir meu chapéu.

O Imperador de Ferro respondeu lançando longe a espada-bengala de Thomas. A arma foi quicando pelo piso afora. O vulto mascarado empurrou Thomas para trás com a mão livre e então retirou o próprio rosto. Não havia nada atrás de onde a máscara tinha estado.

Ele se abaixou para pôr a própria máscara em Thomas.

Rownie já estava correndo e gritando. Ele alcançou a espada de Thomas e a apanhou, mas, antes que conseguisse usar a arma de qualquer modo, a máscara imperial se esfacelou em vários pedaços de gesso. O corpo foi se apagando, com o ar ficando mais ralo até não haver nada ali. A coroa caiu no chão com um estrondo, rolou e acabou parando.

Nonny vinha subindo a escadaria com um estilingue na mão, e Patch vinha mancando atrás dela. Rownie alegrou-se de ver os dois, dando um grito sem palavras, de felicidade e alívio. Nonny tinha encontrado Patch. Graba não o tinha matado com suas aves.

— Obrigado, minha querida Nonny! — disse Thomas, enquanto se punha de pé. — Minha gratidão é imensa, e meu coração canta por ver vocês dois aqui, a salvo. *No entanto*, eu realmente preferiria que você não tivesse destroçado aquela máscara. O gesso estava impregnado com mais de um século de esplendor teatral e, ao que eu me lembre, ela não foi fácil de fazer.

— Cala a boca, seu zangado! — Essa veio correndo da outra ponta da torre e derrubou Patch e Nonny no chão com um abraço arrasador. Patch segurou a perna e se encolheu. — Desculpe, desculpe! — disse ela. — Você se machucou? Muito? Você acabou se afogando e só voltou para nos assombrar? Espero que não. Eu detestaria se você falasse ainda menos do que costuma falar.

— Não estou morto — resmungou Patch. — Só ensopado. Encontrei um pedaço de madeira boiando e me segurei.

Uma máscara de passarinho, agora incorporada, girou acima deles, voando entre as rodas dentadas e as alavancas do relógio. Outra foi atrás. Thomas amarrou a cara.

— Alguém faz a menor ideia do motivo para isso estar acontecendo? — perguntou ele. — Alguém? E, Rownie, quero minha espada de volta, muito

obrigado. Foi muita coragem sua tentar pegá-la, mas queira esperar por seu treinamento como esgrimista antes de começar a agitar uma dessas para lá e para cá.

Rownie entregou-lhe a espada.

— Vou aprender a manejar uma espada? — perguntou, com a voz baixa e reverente. Era bem possível que essa fosse a coisa mais magnífica que alguém já lhe tivesse dito.

— É claro que sim — disse Thomas, impaciente. — É uma técnica necessária para atores. Combates heroicos costumam se desenrolar numa grande quantidade de nossas apresentações.

— E isso quer dizer que uma enorme quantidade de nossas máscaras sabe lutar, sim — disse Semele. — Neste momento, isso não é muito vantajoso para nós.

Mais máscaras tentavam avançar, arrebatando seus barbantes ou arrancando os pregos da parede. O ar de baixo delas ficava mais denso, formando corpos, e máscaras providas de corpos se movimentavam agitadas por toda a torre. Somente o Rio permanecia no lugar.

Outra máscara-fantasma armada aproximou-se da trupe. De início, ela aparentava estar sorrindo, com sua expressão esculpida parecendo leve e jovial. Mas então o rosto inclinou-se, e, daquele ângulo, a mesma máscara apresentava um ar de intensa seriedade. Ela trazia uma espada curva.

— Esse é Bidou — declarou Thomas. — Vou enfrentá-lo. — O velho Goblin posicionou a própria espada com um rápido movimento do pulso, e ficou a postos. Estava claro que seu orgulho tinha sido atingido no duelo anterior.

— Armas — disse Essa. — Todos nós precisamos de armas. Rownie, há um caixote de armas brancas logo ali, e você deveria me ajudar a buscá-las, por favor.

Ela partiu para atravessar o piso da torre. Rownie foi atrás. Procurou ficar alerta para mecanismos em movimento, máscaras voadoras e também outros tipos de máscaras, mas era muita coisa com o que se preocupar, de modo que ele simplesmente correu a maior parte do tempo.

Essa encontrou o caixote que queria e o virou. Ouviu-se o ruído de metal batendo na pedra, quando uma enorme confusão de armas foi despejada dele.

— Pegue uma alabarda — disse ela.

Com o barulho, Rownie não entendeu direito o que ela disse, e achou que ouviu “Graba”, o que o fez olhar em volta feito louco. Mas então ele conseguiu organizar as sílabas do que ela realmente tinha dito.

— O que é uma alabarda?

— Se um machado e uma lança tivessem filhos, esses filhos seriam alabardas — disse Essa. — É uma arma de cutucar, para impedir coisas que são maiores que você de se aproximar. Aqui temos uma. — Ela a entregou a Rownie e pegou outra.

Uma máscara de pássaro abateu-se sobre ela, com suas asas silenciosas, recém-solidificadas. Rownie deu um grito de aviso. E então a máscara espatifou-se em pleno voo. Essa abaixou-se enquanto cacos caíam em torno de sua cabeça.

— Nonny! — rugiu Thomas de lá do outro lado da torre. — Por favor, não quebre mais nenhuma de nossas máscaras!

— Principalmente não aquela ali! — disse Essa, apontando. — É a minha preferida!

— Qual? — perguntou Rownie. Era difícil selecionar uma naquele caos perturbador. — A azul?

— Não, a que está ao lado dela, a chamada Semmerling. Não lhe parece uma Semmerling? Mas aquela azul talvez também pudesse ser minha preferida. Está vendo as sobrancelhas? São realmente fantásticas. Ei, epa, cuidado com o gigante.

Ela empurrou Rownie para a direita e deu um salto para a esquerda. Uma bota gigantesca pisou com estrondo entre eles dois.

Rownie olhou para o alto. A máscara que tinha usado olhava para baixo. Ela tentou agarrá-lo com suas mãos novas e gigantesas. Rownie desviou-se feito louco com sua alabarda, tropeçou, tombou e rolou para sair da frente. Os dedos do gigante agarraram só o ar acima dele.

Rownie se colocou de pé e tentou atingir as botas do gigante, mas elas eram grossas e resistentes — ou no mínimo feitas de ar que simulava ser grosso e resistente —, e a alabarda só arranhou uma delas.

— Aposto que você não consegue se transformar num vaga-lume! — gritou Rownie para o gigante.

O gigante não fez caso da provocação, e tentou agarrá-lo de novo, para esmagá-lo, devorá-lo ou então substituir o rosto de Rownie pelo seu, e fazer o papel de um menino que uma vez tinha feito o papel de um gigante. Rownie não se deu ao trabalho de fugir. As pernas do gigante eram muito maiores que as suas, e o gigante o pegaria se ele saísse correndo. Em vez disso, ele deu três passos para trás.

O gigante o acompanhou. Uma peça suspensa do relógio, do tamanho de uma árvore, atingiu-o de lado e separou a máscara dos seus ombros imaginados.

O corpo gigantesco foi se apagando. A máscara de gigante caiu. Rownie apanhou-a antes que ela chegasse ao chão. Ele levantou o rosto com um sorriso largo, mas todos os outros estavam ocupados, e ninguém tinha percebido sua vitória.

Rownie viu Patch atirando suas facas de malabarismo através dos corpos de fantasma das máscaras, para convencê-las de que os corpos no fundo não existiam, e depois pegando cada máscara, quando iam caindo.

Viu Nonny disparar seu estilingue para o alto, tentando espantar as máscaras de pássaros sem quebrá-las.

Viu Essa enfrentar suas preferidas.

Ouviu Thomas vociferando no meio de seu próprio duelo.

Ouviu Semele manter algumas máscaras a uma distância segura, com palavras antigas e pesadas.

Com cuidado, Rownie pôs a máscara de gigante no chão, ergueu sua alabarda e foi ajudar Semele. Precisou abrir caminho se desviando de muitos corpos-fantasmas de máscaras para chegar perto dela.

Semele terminou de dizer seu feitiço, e dezenas de máscaras caíram com estrondo no chão formando uma roda larga.

— Estamos lutando com uma maldição de ótima qualidade — disse ela. — É uma maldição a ser elogiada e admirada. O vínculo entre a máscara e o ator foi distorcido, e agora elas querem representar aqueles que as representaram.

— Por que tantas delas estão atrás de *você*? — perguntou Rownie. As palavras saíram num chiado. A alabarda era difícil de manejar, e seus braços estavam começando a doer. — Você já representou todas elas?

— Não — disse Semele. — Eu escrevi todas elas, e muitas eu também esculpi.

Rownie ameaçou com a alabarda duas máscaras de nariz comprido que tinham obtido corpos por meio dessa maldição elogiável... e então se lembrou de como a maldição tinha sido feita e entregue. *É um presente de boas-vindas, de volta ao lar*, dissera Graba a Vass quando lhe passou a tarefa.

— Eu sei de quem é essa maldição — disse ele.

— Eu também sei, sim — disse Semele. Um pombo estava empoleirado acima deles, no mecanismo do relógio. Semele dirigiu a palavra a ele. — Estou vendo você aí — gritou ela. — Vejo você usando a ave, como usa as crianças imundas de sua casa.

O pombo bateu as asas e arrulhou.

Semele cruzou os braços e fungou. Parecia não estar preocupada.

— Ladra de crianças? Eu? Você não se importa muito com seus pupilos, enquanto eles estão com você... só se importa quando eles lhe são tirados, quando qualquer coisa lhe é tirada. E você poderia ter vindo pessoalmente, sim. Preferiu mandar emissários, escondendo-se dentro de aves e nos agredindo com nossas próprias máscaras. Você poderia ter vindo em pessoa para me enfrentar.

O pombo deu um berro muito pouco típico de um pombo e mergulhou para investir contra Semele.

— Não tenho tempo para você — disse Semele. — Não voltei para Zombay por sua causa. — Ela acenou com uma das mãos, dispensando a ave, que subiu voando, aos berros, e desapareceu em meio às mais altas peças engatadas dos mecanismos dos relógios.

Rownie não teve tempo para ficar impressionado. Os fantasmas mascarados amontoaram-se numa multidão silenciosa de cores vivas e formas grotescas, e juntos investiram contra Semele. Algumas máscaras eram articuladas na boca e nas pálpebras. Estas arregalaram os olhos e rangeram os dentes. Com fórmulas mágicas, Semele fez com que a maioria delas recuasse, e Rownie lutou com as demais. Ele fincou sua alabarda para cima, num rosto falso de espectro maléfico.

— Posso desfazer essa maldição — disse Rownie, assim que conseguiu parar e recuperar o fôlego. — Sei onde ela está. — Ele sabia onde Vass a tinha posto.

— Vá, então — disse Semele. — Eu os mantenho a distância, sim, enquanto você faz isso.

Rownie foi.

Terceiro Ato, Cena IV



NÃO ERA FÁCIL SE APRESSAR carregando uma alabarda. Rownie tropeçou e quase caiu. Deu-se conta de que poderia perder um braço, uma perna ou a cabeça se realmente caísse. O machado na ponta da vara era muito afiado. Ele largou a arma com um estrondo e a abandonou, muito embora muitas máscaras incorporadas estivessem no caminho até a escadaria. Eram tantas que ele não poderia lutar contra todas. Preferiu se desviar. Tentou não se deixar deslumbrar nem perturbar pelos súbitos movimentos de dança e luta, pelas cores vivas e formas turbilhonantes em todos os cantos de sua visão. Rumou para a escada, chegou a ela e desceu.

Estava escuro na estrebaria, com Horácio todo dobrado, escondendo o fulgor do carvão. Rownie foi apalpando a parede para seguir até a porta. Ele a encontrou e abriu a tranca. Saiu para o meio do nevoeiro. Passou pelo beco e subiu a escada de pedra até as portas da frente da Torre do Relógio. As portas estavam fechadas e trancadas. Muito tempo atrás, as correntes tinham ficado grudadas, enferrujadas, e seria impossível soltá-las.

Amarrada entre essas correntes grossas, cobertas com uma espessa camada de ferrugem, Rownie encontrou uma bolsinha de couro. Dela saía fumaça, de um tom mais escuro do que o do nevoeiro. Ele não queria tocar

nela. Desejou ter mantido consigo a alabarda para agora poder fisgar a bolsinha de longe, ou pelo menos levá-la dali na ponta de uma vara comprida. Mas ele não tinha uma alabarda. Só tinha as próprias mãos.

Rownie respirou fundo, pegou a bolsinha do feitiço com as duas mãos e a arrancou das portas da Torre do Relógio.

Imaginava que ela estaria quente a ponto de queimá-lo. Mas não estava. A bolsa do feitiço estava fria, e o *frio* o queimava.

Deu meia-volta e procurou pelo espaço mais próximo entre construções, por onde pudesse atirar a bolsinha lá embaixo nas águas do Rio — a água corrente era o melhor meio para acabar com uma maldição — e então ele parou.

A máscara de raposa estava em pé diante dele, bem à frente. Ela usava um belo terno, com luvas e botas de couro. A raposa cumprimentou-o em silêncio, com cortesia, o cumprimento de um cavalheiro.

Ela não o atacou. Ela não tirou do rosto a própria cara de raposa para mascarar Rownie. Ela não chegou mais perto. Em vez disso, a raposa postou-se de lado e fez um gesto com uma pata enluvada.

Rownie seguiu cauteloso naquela direção. Atravessou a rua, segurando a bolsinha do feitiço como se fosse um ovo ou um filhote de passarinho caído do ninho. O frio dela o machucava. Ele se infiltrava até os ossos dos seus dedos e lhe causava a impressão de que suas mãos já não eram suas.

A raposa o acompanhou. Juntos eles seguiram por um beco no lado da ponte voltado para a foz do Rio, mais longe da Torre do Relógio. Rownie estendeu a mão sobre a borda da mureta baixa de pedra e deixou cair a bolsinha do feitiço. Ela foi caindo pelo nevoeiro para dentro do Rio e sumiu. Rownie torceu para o Rio não se importar. Esfregou as mãos para espantar o frio, e elas começaram a dar a impressão de que pertenciam a ele de novo.

— Obrigado — disse ele para a raposa, mas a raposa não estava mais lá. A máscara vazia estava caída nas pedras ao lado, de cara para cima. Rownie a apanhou. Pendurou-a em volta do pescoço pelo barbante, sem vesti-la.



Dentro da Torre do Relógio, muitas máscaras estavam espalhadas no chão. Rownie olhou de relance para o mostrador do relógio voltado para a nascente do rio, e viu que a lua estava se pondo. A noite terminava. Logo amanheceria.

Encontrou o resto da trupe entre as estantes, onde eles tinham procurado refúgio.

— Muito bem, Rownie — disse Semele.

— É, muito bem mesmo — disse Thomas, dando, com sua bengala-espada, uma cutucada cautelosa numa máscara caída no chão. — Estou curioso por saber o que foi que você realmente fez, mas posso esperar.

Essa pôs de lado a alabarda e apanhou a máscara com as sobrancelhas perfeitas.

— Foi muito estranho — disse ela. — Sempre que uma das minhas máscaras se aproximava de mim, eu entrava um pouco no personagem, e isso fazia com que fosse muito difícil conseguir lutar quando se tratava de personagens do tipo chorão, que me davam vontade de desmaiar.

— Ao passo que eu me sinto repleto, até a aba de meu chapéu, de um fervor trágico — disse Thomas. — Peço sua licença. — O velho Goblin saiu dali para alguma outra parte da torre.

— Melhor não perturbá-lo por um bom tempo — disse Semele. — Nós devíamos guardar essas máscaras nos respectivos lugares e talvez prendê-las com correntes... mas essa tarefa pode esperar até amanhecer, sim. Ela vai exigir cuidado. Algumas só podem ser tocadas com a mão esquerda e, antes de qualquer outra coisa, precisamos reunir muitos pedaços de correntes curtas e fortes. É melhor esperar para ter certeza de fazer isso direito. Para a cama agora, sim.

A trupe seguiu aos tropeções na direção de alguns beliches pequenos perto das prateleiras da despensa. Rownie foi com eles. Encontrou uma cama para si. Tirou o casaco porque a cama já tinha cobertores. Tanto o casaco dobrado como a máscara de raposa, ele enfiou embaixo do beliche.

Rownie estava mais do que cansado, mas não dormiu. Não de início. Seus pensamentos giravam como o mecanismo no centro da Torre do Relógio — sempre em movimento, sempre girando, nunca parado.

Ficou se perguntando o que Graba poderia saber acerca de Rowan e seu paradeiro, que tipo de palpites e suspeitas ela poderia ter. Ficou pensando em como seria possível conseguir que ela lhe dissesse o que sabia. Graba não compartilhava, mas sabia *negociar*, e Rownie tinha cumprido muitas tarefas para ela na feira. Ele sabia barganhar. Para propor um negócio, precisava ter alguma coisa que Graba quisesse — e ele realmente tinha uma coisa que ela queria.

Rownie fez uma escolha, e depois disso conseguiu dormir.

Terceiro Ato, Cena V



A LUZ DA MANHÃ VEIO CHEGANDO devagar pelo lado do relógio voltado para a foz do Rio. Um sol de vitral subia tiquetaqueando a partir da própria borda de um horizonte de vidro.

Rownie acordou depois de apenas algumas horas de sono. O resto da trupe ainda parecia estar inconsciente. Ele ouviu roncos e viu amontoados de cobertores nos outros beliches. Não sabia dizer quem estava roncando. Poderia ser Essa.

Sentou-se na beira da cama. As máscaras ainda estavam no piso, onde tinham caído. Rownie vestiu o casaco, pegou a máscara de raposa e encontrou na despensa um café da manhã de frutas secas e pão frio. Achou estranho pegar os alimentos. Parecia que era roubo, mesmo que ele soubesse que não era, mesmo que Essa lhe tivesse dito que não havia problema algum em fazer um lanche com o que se encontrava nos armários da despensa. Na casa de Graba, era cada boca faminta por si.

Ele se sentou no chão, mascando os pedaços murchos de frutas, com a cara de raposa sobre o joelho, e se perguntou para onde Graba teria levado sua casa. Precisava encontrá-la — ou encontrar alguém que a encontrasse.

Ele tinha uma mensagem para Graba.

Rownie ficou em pé e enfiou a máscara de raposa por dentro do casaco. Isso também lhe pareceu ser um roubo, mas ele disse a si mesmo que era só um empréstimo, e torceu para ter a oportunidade de devolver a máscara. Além do mais, a raposa o tinha acompanhado na noite anterior, por sua própria vontade.

Ele respirou fundo e se encaminhou para a escadaria.

— Bom dia, Rownie — disse Semele, antes que ele tivesse se afastado muito. Rownie se sobressaltou.

— Bom dia — respondeu ele, nervoso e com sensação de culpa.

Parecia que Semele não tinha dormido. Ela apanhou do chão uma máscara caída e a examinou com tristeza.

— Totalmente rachada — disse ela. — Não é um bom sinal ver esta máscara quebrada. Nós a esculpimos de um bloco de amieiro, oferecido de boa vontade por uma árvore viva. O cipreste é melhor para a confecção de máscaras, mas o amieiro também é bom, além de ser uma madeira excelente para barcos e pontes. O Caminho das Rabecas tem ossos de madeira de amieiro, lá dentro em meio à pedra.

Rownie estendeu a mão para pegar a máscara quebrada. Semele a entregou a ele. O rosto parecia simples, à primeira vista, sem adornos e sem expressão, mas então ele viu um sorriso, quando a segurou num determinado ângulo, e um ar pensativo e severo, quando a segurou de outro jeito. Os olhos também mudavam, parecendo se fechar, com uma inclinação para baixo.

— É uma máscara de quê? — perguntou ele.

— Essa é a Criança não Transformada — disse Semele —, embora agora ela esteja transformada por ter sido quebrada. Por tradição, essa é a primeira máscara que um aprendiz tenta fazer, e também é o último rosto a ser dominado.

— Mas *você* não começou com essa — disse Rownie, se lembrando.

— Não — respondeu Semele. — Eu comecei com o Rio e trabalhei com pedra. Sou bem mais velha que a maioria das tradições.

Rownie devolveu-lhe a Criança não Transformada.

— Sinto muito que ela tenha se quebrado — disse ele.

— Não foi sua culpa — respondeu ela. — E estou falando sério, sim.

— Obrigado — disse Rownie —, mas ainda pode caber a mim consertar toda essa história. Acho que posso ajudar a encontrar meu irmão, ou no mínimo ter alguma notícia dele.

Semele fez que sim.

— Cuide muito bem da raposa. Essa aí é velha.

— Eu cuido — prometeu Rownie, envergonhado por ter escondido a raposa no casaco. — Me deseje boa sorte.

— Quebre a perna — disse Semele, com ar sincero e bondoso. — Isso quer dizer “boa sorte” — acrescentou ela. — Não me lembro direito de por que o significado é esse, mas é. — Ela lançou mais um olhar entristecido para o rosto quebrado em suas mãos.

— Ah — disse Rownie. — Está bem, então.



Lá fora, a chuva caía aos arrancos. O sol espiava por trás das nuvens, como se estivesse com vergonha. Depois, ele se escondia novamente, e mais uma vez chovia. Todos os que transitavam normalmente pelo Caminho das Rabecas mantinham a cabeça baixa. Animais e pessoas, tanto os mecânicos quanto os naturais, pareciam enxergar apenas os próprios pés à frente. Ninguém prestou atenção ao garoto que saiu de um beco e subiu a escada de pedra da Torre do Relógio.

Um único pombo estava empoleirado nas correntes enferrujadas. Rownie já calculava encontrar um ali. O pombo bicava as correntes com um barulhinho repetido. Parecia confuso. Dava a impressão de estar se perguntando onde a bolsinha do feitiço tinha ido parar.

— Fui eu quem a pegou — disse Rownie à ave. — Fui eu quem destruiu o feitiço. Conte a Graba, se tiver algum pedacinho de Graba em sua cabeça. Diga a ela que eu desfiz o feitiço, e aproveite para lhe dizer mais uma coisa.

A ave abriu as duas asas e começou a coçar por baixo de uma delas com o bico. Sua atitude era como se ela não percebesse Rownie, e como se não quisesse se dar ao trabalho de percebê-lo.

— Esse aí não tem nada de Graba — disse Vass, atrás dele. — Mas tem um pedacinho de mim.

Rownie deu meia-volta. Estava ali postado como um gigante, e ficou onde estava. Era favorecido pelo fato de estar alguns degraus acima de Vass, na escada. Isso permitia que um olhasse nos olhos do outro, no mesmo nível.

— Você destruiu o feitiço dela? — perguntou Vass, assombrada. — Ela vai fazer uma gaiola de passarinho com sua pele e seus ossos. Vai guardar dentro de você só os pássaros mais feios, e nunca vai limpar a gaiola. — Rownie não fez caso desse tom de superioridade de Vass.

— Tenho uma mensagem para Graba — disse ele. — Você pode transmiti-la em pessoa, com aves ou com qualquer criatura que use para enviar mensagens.

Vass quase riu dele.

— Diga-me sua mensagem, senhor — disse ela, bestificada e ainda com um ar superior.

Rownie estava em pé como um gigante. Estava postado como Rowan. Não sentiu nenhuma vergonha. Vass podia rir quanto tempo quisesse que não faria diferença para ele. Não muita diferença.

— Diga-lhe para ir se encontrar comigo na Estação Ferroviária do Lado Sul. — A estação podia ficar no Lado Sul, mas ela dava a impressão de ser do Lado Norte. Ela seguia regras diferentes. Na estação, Graba talvez estivesse fora de seu elemento: menos apavorante, menos forte.

Vass viu que Rownie falava sério, e pareceu menos bestificada.

— Quando? — perguntou ela.

— Agora — disse Rownie. — Estou indo agora. Me encontro com ela por lá. — Ele ainda não sabia para onde Graba tinha mudado sua casa, mas não precisava saber. Em vez disso, Graba poderia vir até ele.

Vass observava Rownie com atenção. Alguma coisa mudou por trás de seus olhos. Ela fez que sim e falou com um toque do que parecia ser só um pouquinho de respeito.

— Eu transmito sua mensagem — disse ela.

— Obrigado — disse Rownie. Ele deu meia-volta e desceu a escada. Vass ainda gritou para ele.

— Ela odeia perder qualquer coisa que ache que é dela. Você sabe disso. E não vai deixar você escapar dela mais uma vez.

— Ela pode tentar — disse Rownie, quase dando uma risada. Ele se lembrava de como tinha sido a sensação de lançar um feitiço de máscara lá no Mercado Flutuante. *Vocês não vão me pegar*, dissera ele aos Bichos, e tinha conseguido fazer disso uma realidade. Ainda trazia consigo a raposa. Ainda podia evitar ser apanhado.



Rownie atravessou a ponte. Passou pelo duelo de rabequistas, enquanto entrava no Lado Sul e sentia o cheiro da poeira de lá. Ele passou entre os rabequistas, através da música de seu duelo. Nenhum dos dois parecia estar vencendo.

Passou por membros da Guarda que iam marchando. Era estranho ver tantos deles no Lado Sul. Ali eles se movimentavam devagar, com muitas paradas e acertos de direção. Era de conhecimento geral que a Guarda detestava o Lado Sul — todo o Lado Sul —, com suas ruas curvas e sinuosas e seus ângulos incomuns. Eles gostavam muito mais da precisão das avenidas do Lado Norte, pelas quais sempre conseguiam se movimentar com rapidez.

Ao contrário da Guarda, Rownie entendia esse emaranhado de ruas. A sola de seus pés falava a língua delas. Ele sabia se deslocar com velocidade no Lado Sul.

Passou por pombos, muitos pombos. As aves o vigiavam de lado, e ele fazia um cumprimento de cabeça para cada uma delas.

— A estação ferroviária — dizia ele. — Digam a Graba para se encontrar comigo lá.

As aves arrulhavam e batiam as asas. Rownie achava que elas o ouviam e o entendiam, mas não podia ter certeza disso, de modo que repetia a mesma coisa para cada pombo diferente que via. *A estação ferroviária. Digam para ela. Digam a Graba.*

Rownie chegou ao portão da velha estação e entrou sorrateiro por entre as barras. Entrou como se soubesse aonde estava indo, como se tivesse todo o direito de assombrar aquele lugar, como se ele fosse alguma criatura que inspirasse medo. Quase acreditava que tudo isso era verdade.



A Estação Ferroviária do Lado Sul estava deserta, a não ser pelos pombos e por Rownie. A luz nublada e empoeirada do sol entrava pelas vidraças do teto. Ela deslizava pelo acabamento de latão de vagões abandonados e caía na ferrugem das curvas dos bancos de ferro batido. Pombos se lançavam dos relógios suspensos e passavam pela luz empoeirada, descrevendo círculos, em silêncio.

— Graba! — chamou Rownie para o vasto espaço empoeirado. — Tenho coisas para te dizer! Venha você mesma as ouvir!

Fala do meu irmão, disse só para si mesmo. Vem me contar qualquer coisa sobre Rowan em troca da oportunidade de me pegar. Vem me ajudar a encontrar Rowan.

De início, a resposta foi um silêncio total. A luz ficou mais fraca, e gotas de chuva tamborilaram na claraboia lá em cima. E então um ruído mecânico ecoou pela estação inteira, ricocheteando para lá e para cá entre colunas e pisos de pedra. Ele achou que o barulho fosse das pernas de Graba, dando seus largos passos por algum corredor da estação, mas não era.

Um único vagão veio pelo túnel na outra ponta da estação e parou nos trilhos a apenas alguns passos de onde Rownie estava. Era um vagão ferroviário de verdade, reluzente, em funcionamento. Cortinas pesadas cobriam por dentro longas janelas de vidro. O acabamento de latão espelhado tinha sido polido e escovado, de modo que praticamente não se via a menor mancha nele.

Rownie ficou olhando para o veículo esplêndido. Aproximou-se alguns passos. *Como teria chegado aqui?*, perguntou-se. *Eles devem ter bombeado a água do túnel inteiro.*

As portas do vagão se abriram. O Capitão da Guarda saltou para a plataforma. Vass vinha atrás dele. No rosto, ela não mostrava nenhuma

expressão.

— Rownie do Lado Sul — disse o Capitão —, o senhor Prefeito de toda a cidade de Zombay quer falar com você.

Terceiro Ato, Cena VI



ROWNIE NÃO ESTAVA PREPARADO para essa reviravolta. De queixo caído, ele olhava fixo para o Capitão da Guarda.

O Capitão avançou, marchando. Suas botas retiniam no piso de pedra polida. Suas íris tiquetaqueavam em círculos pequenos e perfeitos enquanto ele focalizava os olhos em Rownie e se lançava sobre ele. O Capitão segurou os braços de Rownie e o encaminhou na direção do vagão antes que Rownie conseguisse sequer pensar em vestir a máscara de raposa e se declarar inatingível.

— Você não está sendo detido — disse o Capitão. — Você é suspeito de ter desrespeitado posturas legítimas desta cidade, mas não está sendo detido. O senhor Prefeito quer falar com você.

— Ele está dizendo a verdade — disse Vass.

— Eu lhe dei uma mensagem para *Graba* — disse Rownie, com um olhar furioso. Vass concordou em silêncio.

— E teria sido muito pior para você, se fosse ela quem realmente estivesse aqui — disse Vass. Sua voz estava fria. Seu rosto estava frio. Tanto a voz como o rosto estavam sem nenhuma expressão, sem oferecer nada a que Rownie pudesse se agarrar.

Ela entrou de volta no vagão. O Capitão da Guarda empurrou Rownie atrás dela e fechou a porta depois de passar.

Lanternas de ouro ardiam ali dentro. Tecidos vermelhos forravam o chão, as janelas e a parede do fundo, como cortinas. Uma longa mesa de jantar ocupava a maior parte do espaço. Uma refeição suntuosa de ganso assado e frutas frescas cobria quase toda a mesa. Rownie sentia o aroma da pele crocante do ganso. Nunca tinha comido ganso na vida, mas naquele momento teve muita vontade de provar um pouco.

Chefs tinham posto as penas de volta na ave, colocando-a em pé. Suas asas estavam estendidas ao máximo, de um lado a outro da mesa. Tanto as asas como o pescoço tinham sido preenchidos com minúsculos filamentos mecânicos. As asas batiam lentamente. O bico se abria e emitia uma pequena melodia. Era bonitinha. Não tinha muito a ver com a voz de um ganso.

O senhor Prefeito de Zombay cortou um pouco de carne do peito dessa ave aparentemente viva e comeu uma garfada.

Rownie olhava assustado. O Prefeito sorriu para ele por trás de sua barba aparada e de seus queixos. Era só um pouquinho parecido com sua estátua. Não era um homem muito gordo, mas tinha, sim, algumas papadas a mais.

Vass sentou ao lado do senhor Prefeito, como se tivesse todo o direito de estar ali, ou em qualquer outro lugar que pudesse escolher.

— Seja bem-vindo, meu jovem — disse o Prefeito. Ele usava muitos anéis, que batiam uns nos outros quando mexia as mãos... e suas mãos estavam sempre se mexendo. — Gostaria de lhe oferecer um emprego em minha trupe particular de atores.

Enquanto ele falava, o vagão estremeceu e saiu do lugar. Rownie sentiu que o vagão deslizava pelos trilhos e seguia para dentro do túnel para passar por baixo do Rio, descendo por uma longa linha reta, rumo ao Lado Norte. O ganso assado bateu as asas e cantou outra melodia.



Rownie pensou nas palavras do Prefeito, se esforçando para que elas fizessem algum sentido.

— Sua própria *o quê?*

— Minha própria trupe particular — repetiu o Prefeito. — Trouxe alguns deles aqui comigo. — Ele bateu palmas. As cortinas vermelhas na ponta do vagão se abriram para revelar um pequeno palco. Três atores estavam ali em pé. Eles fizeram uma reverência e começaram a contar uma história em mímica. Todos os três estavam mascarados. Uma das máscaras tinha sido pintada com linhas retas e fortes, como a tatuagem de um mapa do Lado Norte, encimada com uma pequena coroa de pequenas torres — torres de Zombay, não como se apresentavam agora, mas como eram antigamente. A máscara tinha uma expressão severa e majestosa. As outras duas máscaras pareciam ser de peixes.

Rownie se esqueceu de como o ganso devia estar saboroso e quase se esqueceu de como era absurdo que Vass estivesse sentada ao lado do senhor Prefeito de Zombay.

— O senhor proibiu o teatro por lei! — gritou ele. Tentou manter a voz baixa, mas não conseguiu. — Como pode ter uma trupe particular e um palco particular quando acabou de proibir tudo isso?

A peça secreta continuou a se desenrolar. Os três atores pareciam não perceber que sua plateia estava conversando em vez de prestar a devida atenção, nem pareciam se incomodar com isso. Eles simplesmente continuavam a contar sua história muda, indiferentes a quem pudesse estar assistindo.

— É verdade — disse o Prefeito. Seus anéis bateram uns nos outros. — Eu realmente declarei o teatro ilegal. Mas só porque uma coisa não é boa para *todos* não significa que eu não deva apreciá-la, se puder. — Ele piscou um olho. — Coma uma amêndoa.

Ele jogou para Rownie uma pequena amêndoa temperada. Rownie a apanhou no ar. Estava fervendo por dentro, mas tentou reprimir a raiva. Era provável que gritar com o senhor Prefeito não fosse uma atitude inteligente, em especial diante da vigilância dos olhos frios e tiquetaqueantes do Capitão da Guarda, de modo que Rownie resolveu comer a amêndoa. Mastigou-a furioso até não restar nada.

O Prefeito continuou sua refeição, sem oferecer mais nada a Rownie. Vass chupou algumas uvas e também não ofereceu nada. O vagão seguia tranquilo pelos trilhos, em algum ponto por baixo do Rio.

— As enchentes estão chegando, sabia? — disse o Prefeito, dirigindo-se a Vass, não a Rownie.

— Sei que estão, senhor — disse Vass.

— Calcula-se que elas vão encher totalmente o leito e subir até cobrir o Lado Sul, que naturalmente é mais baixo e mais próximo do Rio. Os estragos serão gravíssimos. — O Prefeito abanou a cabeça (e os queixos) com a ideia da tragédia. — Estou fazendo o que posso para me preparar. Estou organizando fundos suficientes para a reconstrução depois que a inundação terminar. Devolveremos a cidade a seus dias de glória e ajudaremos o Lado Sul a se recuperar, transformando-o num lugar mais organizado.

— Muita bondade sua, senhor — disse Vass, chupando mais uma uva. Rownie considerou impossível saber se ela estava tentando agradar o Prefeito, concordando francamente ou talvez debochando dele. Sua voz e seu rosto ainda estavam totalmente sem expressão.

— Obrigado — disse o Prefeito. — Faço o que posso. Mas, enquanto isso, antes que a devastação comece, seria prudente ficar no Lado Norte. Nós deveríamos permanecer em terreno alto, fora do alcance das enchentes que vêm por aí. Principalmente porque disponho de atores mascarados para falar com o Rio, em nome do Norte. — Ele fez um gesto na direção do palco e dos atores, sem chegar a olhar para eles. — É claro que você compreende isso — disse ele a Vass. — Foi por isso que me procurou.

— Sim, senhor — disse Vass. — Foi por isso. — Ela olhou para Rownie com uma expressão nova no rosto. — Graba detesta concorrentes. Simplesmente odeia. Vou ter que abandonar o Lado Sul de qualquer maneira, um dia desses, assim que tiver aprendido feitiçaria suficiente com ela. Antes, havia montes de feiticeiros no Lado Sul, mas agora é só ela. Graba faz questão de que seja só ela mesma. — Aquela superfície totalmente inexpressiva de sua voz rachou-se. Ela falou como se quisesse que Rownie entendesse. — Preciso ter outro lugar para onde ir. Vou para o

Norte. O Prefeito já prometeu uma casa só para mim. Uma casa imponente. Não vou precisar dormir na palha. Nem entrar por janelas. Nem fazer serviços para Graba, nunca mais. E para isso só precisei falar ao Prefeito sobre você.

— Portanto — disse o Prefeito, voltando-se para falar direto com Rownie —, o melhor é evitar a metade sul da cidade até depois que as enchentes tenham passado. E é óbvio que a ponte não pode servir de refúgio nesse caso. Enquanto isso, eu lhe ofereço um emprego e um lugar como agregado na minha casa. É uma grande honra servir como membro da Trupe do senhor Prefeito. Meus atores têm o próprio palco na minha casa, sabe? E ele é muito mais imponente que aquele pequeno tablado de Goblins no qual você pisou recentemente. Está entendendo que honra isso representa?

Rownie começou a rir. Não conseguiu se conter. Até que tentou, mas o esforço detonou uma saraivada de soluços.

O sorriso do Prefeito amarelou um pouco. Ele comeu mais umas garfadas de ganso. Vass olhava espantada para Rownie, como se ele tivesse se transformado em algum tipo de peixe. Os três atores continuavam sua pantomima sem perceber mais nada.

— Entendi, sim — disse Rownie, entre um soluço e outro. — O Senhor *quer* que isso aconteça. *Quer* que o Lado Sul seja inundado para poder transformá-lo em algo parecido com o Lado Norte e simplesmente mais uma parte do Lado Norte. Mandou prender todo mundo que um dia usou uma máscara, até mesmo a mim, para se certificar de que o Lado Sul seja inundado.

O Prefeito bateu em Rownie com a mão coberta de anéis. O tapa doeu.

— Eu falo em nome desta cidade, menino — disse ele, com gelo na voz. — *Eu* falo. Ninguém vai usar um pedaço de gesso e fingir falar em nome de Zombay. Ninguém vai negociar em nome de Zombay, seja com exércitos, com diplomatas, seja com o próprio Rio, a menos que eu o tenha nomeado para isso. Essa é minha função. E eu a defenderei. E você demonstrará o devido respeito. Não finja ser o que não é.

— O que eu sou, então? — perguntou Rownie. Era uma pergunta legítima.

O Prefeito não respondeu, e Vass também não, porque alguma coisa bateu na lateral do vagão. O Prefeito afastou uma cortina vermelha de uma larga janela. A luz de lanternas no interior do vagão iluminou a parede curva de tijolos no túnel lá fora.

Aves voavam pelo túnel, alcançando-os, cercando-os. Asas de pombos colidiam com a vidraça da janela.

O Prefeito parecia irritado. Vass parecia apavorada. Seus olhos estavam arregalados, enormes.

— É ela — disse Vass. — Ela veio atrás de nós. Não vai nos deixar passar para o outro lado.

— São só aves — disse o Prefeito. Mas os pombos passavam às dezenas e em revoadas agora. O vagão estremecia quando eles se atiravam entre as rodas e os trilhos.

Rownie deveria ter sentido medo. Mas não sentiu. Ele parou de pensar nas aves, porque a máscara coroada do Lado Norte tinha escorregado do rosto do ator principal. Aquele rosto era mais conhecido de Rownie do que qualquer outro.

O vagão balançou e foi parando. Ali dentro as luzes bruxulearam e se apagaram.

— Rowan? — perguntou Rownie, no escuro.

Terceiro Ato, Cena VII



O PREFEITO GRITOU ALGUMA COISA. Rownie o ouviu, mas não prestou atenção e não percebeu o que tinha dito.

Vass entoou um feitiço. Uma única lanterna se acendeu na parede. Ela a apanhou dali. O Prefeito deu ordens ao Capitão da Guarda, que sacou a espada e a usou para estilhaçar uma janela. Rownie não fez caso de nenhum deles. Só olhava para Rowan. Rowan tinha o olhar fixo no vazio. A tira frouxa da máscara estava caída em torno de seu pescoço. A própria máscara estava vazia, acomodada no peito dele. A peça tinha sido interrompida, e agora nenhum dos três atores se mexia.

O Prefeito pôs uma cadeira abaixo da janela quebrada e ordenou ao Capitão que saísse por ali. O Capitão escalou a janela para poder sair, puxando Rownie junto.

Rownie lutou. E berrou. Pôs todas as forças que tinha, tudo que ele um dia tinha tido, no esforço de puxar no sentido contrário. Gritou o nome de seu irmão, que era seu próprio nome, só que crescido, mas Rowan continuou com o olhar fixo no vazio, de um jeito calmo e indiferente. Rownie continuou a lutar, mas não fazia diferença. A manga de seu casaco de cor de poeira rasgou quando o Capitão da Guarda o puxou para fora, para o túnel,

pelo espaço vazio onde antes ficava a janela. O chão debaixo de seus pés estava com uma grossa camada de aves mortas.

O Capitão da Guarda gritou para o Prefeito, dizendo que o túnel estava vazio e que as rodas do vagão estavam cobertas com tantos pedaços de aves que seria impossível fazê-las girar outra vez. O único jeito de voltar para o Lado Norte seria andando até lá.

O Prefeito saiu pela janela quebrada. Vass saiu com ele. Ela trazia a única lanterna com a qual tinha falado.

Pela luz dessa lanterna, Rownie viu Graba.



Graba estava empoleirada, com suas garras, no teto do vagão. Ela desceu dali com um longo passo, seguido de outro. Agigantava-se acima deles com as pernas estendidas, até dar a impressão de que todo o espaço do túnel era feito de Graba e só existia ela para atender a seus objetivos.

O Capitão da Guarda ergueu a espada. Graba falou com ele numa cantilena baixa.

— Seus mecanismos estão quebrados. Sua visão está acabada. Sua visão está cheia da imagem de como se quebrou. — Isso ela disse como se já fosse verdade, e as palavras se tornaram verdadeiras no instante em que ela as pronunciou. Molas saltaram do lugar e engrenagens se espatifaram nos mecanismos de vidro dos olhos dele. Tropeçando, o Capitão deu um grito e largou a espada.

Também largou o braço de Rownie, que voltou sorrateiro na direção do vagão enguiçado.

— Pronto, pronto — disse Graba, como se estivesse consolando o Capitão. Ela estendeu uma garra e o derrubou contra a parede do túnel. Ele foi escorregando, cobrindo com as mãos os olhos quebrados.

Graba voltou-se para Vass e para o Prefeito. Olhou para Vass como se estivesse decidindo se ela era comestível ou não.

— Olá, neta. Olá, pequena concorrente.

Vass estava muito empertigada.

— Olá, Graba — disse ela. Sua voz parecia embargada e frágil, mas também parecia valente. — Não sou sua neta. Nenhum de nós jamais foi.

— Mas você *é* — disse Graba. Ela estendeu uma das mãos até a cabeça de Vass para empurrar uma mecha de cabelo para trás da orelha, descobrindo o rosto. O cabelo voltou a cair para a frente. — O que mais você poderia ser? Eu acolhi você, acolhi todos vocês quando não tinham mais ninguém. Fiz um lar para vocês, quando seus responsáveis tinham morrido afogados, morrido de fome ou fugido sem levar vocês, quando todos vocês estavam abandonados. A quem mais vocês poderiam pertencer agora, se não sua Graba?

Vass manteve o queixo firme, para o alto.

— Obrigada por isso. Mesmo assim, eu não sou sua neta.

Graba deu-lhe um olhar longo, pensativo, e cruzou os braços.

— Estou achando que você talvez esteja com a razão nisso — disse ela, com a voz cheia de espanto e mágoa. — Pode ser que você já não seja minha. Vá então para o Lado Norte. Faça o Prefeito cumprir suas promessas, e faça-o sofrer se ele não lhe der aquela casa só para você. Foi essa a escolha que você fez. Trate de agarrar-se a ela. Nada de bom virá se você hesitar... não dele, e, é claro que não, de mim.

O Prefeito escolheu esse momento para se manifestar, com uma voz indignada e pomposa.

— Não se refira a mim como se eu não estivesse presente, feiticeira.

Graba sorriu. Estava encantada. Parecia que tinha quebrado entre os dentes o ovo mais saboroso que se pudesse imaginar.

— O Prefeito *não* está aqui — disse Graba a Vass. — Se ele estivesse aqui, eu o feriria, e então ele nunca poderia cumprir as belas promessas que lhe fez. Este é um presente meu para você, e será meu último. Para usufruir dele, você já deveria estar correndo. Este túnel inteiro vai ser inundado, e não vai demorar para isso acontecer. As enchentes estão chegando. Devem chegar hoje.

Graba inclinou-se para a frente e olhou bem para Vass, com aquele seu olhar perscrutador.

— Você deveria dizer a Sua Excelência que, mesmo que o Rio arrase com o Lado Sul, deixando-o limpo como uma pedra de sepultura sem inscrições, eu ainda assim me certificarei de que ele nunca, jamais consiga reconstruir o Lado Sul a seu gosto. O Lado Sul é meu. Transmita a ele o que eu disse, agora. Eu mesma lhe diria em pessoa, mas *ele não está aqui*. Eu o feriria gravemente se ele estivesse. Eu lançaria belas maldições contra ele.

O Prefeito estava explodindo de raiva. Vass pôs a lanterna acesa na mão dele.

— Por favor, comece a correr, senhor. O senhor não está aqui. Não deveria estar aqui.

Ele bufou mais um pouco. Então deu meia-volta e saiu correndo para o Norte, para dentro da escuridão do túnel.

Vass parou de falar e olhou para Rownie. Ele não soube direito o que ela queria dizer com aquele olhar. Vass então ajudou o Capitão da Guarda a se levantar, e os dois foram atrás do Prefeito. Os três desapareceram na garganta do túnel.

Rownie ficou no escuro com Graba. Ele tentou se lembrar de como se respirava.

Terceiro Ato, Cena VIII



GRABA COMEÇOU UMA CANTILENA em voz muito baixa. O tijolo e a pedra da parede do túnel começaram a emitir um clarão verde, como a cor de vaga-lumes jovens. Àquela luz verde, Graba olhou para Rownie como se estivesse examinando alguma fruta na feira, para ver se estava com sinais de podridão ou de fungos. Graba tinha um cheiro familiar, um cheiro de mofo e penas de aves.

— Você tem uma mensagem para mim, nanico? — perguntou ela. O ar entre os dois estava tenso e esticado como cordas de rabeca.

Rownie sentiu medo queimando na medula dos ossos. Não fugiu. Sabia que não havia como fugir de Graba, sem nenhum lugar para se esconder no túnel e com a facilidade com que aquelas pernas compridas dariam largos passos atrás dele. Rownie mostrou a Graba que não ia fugir, e disse sua mensagem.

— Eu queria pedir sua ajuda para encontrar Rowan, mas então o encontrei. Está dentro do vagão. Não se mexeu e não me reconheceu quando eu gritei. Simplesmente ficou ali, parado, com um ar vazio, e eu não sei qual é o problema. Por favor, ajude-o. Eu volto para sua casa. Eu volto a ser seu neto.

Ele procurava se postar como um gigante.

Graba se postava como Graba, e resmungou.

— Você ainda está com cheiro de lata e de roubo.

— Eu não me Transformei — disse Rownie. — Não sou um Goblin. Não sou uma criatura em Transformação. Eu volto para casa.

Graba estendeu uma garra para o alto, segurou o vagão e arrancou a parte da frente. O metal berrava enquanto ela o rasgava. Rownie se encolheu. Era um barulho que doía.

Os três atores não reagiram à visão nem ao som da chegada de Graba. Com o pé ela afastou os dois que usavam máscara de peixe e então olhou com atenção para o terceiro.

A máscara do Lado Norte ainda estava pendurada no pescoço de Rowan. Graba arrancou-a dali, deixou-a cair no chão do túnel e pisou nela. Rowan não pareceu perceber. Ele estava muito parado, com o olhar perdido.

— Qual é o problema com ele? — perguntou Rownie.

Graba abriu a frente da camisa de Rowan, rasgando o pano. Uma cicatriz vermelha, limpa e nítida, descia pelo seu peito. Rownie sabia o que aquilo significava. Fez um esforço enorme para não saber o que aquilo significava. O mundo mudou de forma em torno dele, e essa nova forma não era como deveria ser. Graba amarrou a cara e cuspiu.

— Um boneco — disse ela. — Sua Excelência achou que poderia conversar com enchentes através de bonecos. Ora, ele é mais tolo do que merecia ser.

— Você tem como ajudar? — perguntou Rownie. — Você pode devolver para ele o que tiraram?

— Não — disse Graba. — E também não quero você de volta. Até podia voltar a ser meu, mas já não preciso mais de você. Não tenho tempo agora para lhe ensinar o suficiente para ser útil, e Graba sabe que é melhor não brincar com marionetes. O Rio não se dispõe a dançar manipulado pelos cordéis de um titereiro, de modo que agora nenhuma enchente pode ser evitada.

Ela passou por cima do que restava do vagão.

— Ajuda meu irmão! — gritou Rownie para ela. Graba devia ter como ajudá-lo. Ela podia mudar a forma do mundo com suas palavras. Ela mesma era uma força da natureza. Ela era Graba.

— Fuja, nanico! — gritou ela para trás. — Volte correndo para Semele. Fuja do Rio. Eu vou levar minha casa para o terreno mais alto, agora, e vou arrebanhar a maior parte do Lado Sul comigo. — O rangido de suas pernas foi sumindo enquanto ela ia subindo de volta pelo túnel.



As paredes curvas de tijolos ainda refulgiam com o feitiço de Graba. Àquela luz, Rownie foi seguindo pelo vagão destroçado. Chegou ao lado do irmão, que não percebeu sua presença ali.

— Rowan?

Silêncio.

— Sou eu.

Mais silêncio encheu o espaço em torno deles. Rownie respirou para o fundo dos pulmões aquele silêncio gelado. Ficou ali em pé olhando fixo para o irmão, só olhando, ali no túnel, por baixo do Rio, por baixo do lugar onde eles sempre jogavam seixos. Procurava no rosto de Rowan algum mínimo sinal de reconhecimento ou de recepção. Mas não sabia dizer o que via ali. Não sabia dizer se o menor movimento dos olhos ou da boca tinha qualquer significado.

Para Rownie parecia que era o próprio peito que tinha sido escavado.

Começou a gotejar água entre os tijolos do teto em curva. Começou a pingar mais rápido. Uma gota atingiu a bochecha de Rownie. Ele se forçou a se mexer. Pegou a mão do irmão e o tirou do vagão destruído. Rowan o acompanhou facilmente, sem resistir, sem qualquer vontade própria.

Rownie voltou para os outros dois, que usavam máscaras de peixes. E os empurrou para o Norte.

— Vão — disse ele. — Comecem a correr. Só parem quando tiverem saído do túnel, e depois disso procurem alguma escada para subir. — Eles lhe deram ouvidos. Rownie torceu para eles serem mais rápidos que a enchente.

Rownie e Rowan seguiram para o Sul. Deram a volta pelo lado do vagão, passando por cima de aves mortas e vidro quebrado. O ar ressoava pela garganta do túnel com um gemido grave. Rownie não entendia que tipo de coisa ele dizia.

Eles passaram ao largo da circunferência de buracos e crateras, onde a terra tinha cedido ao lado dos trilhos. O ar ao redor tinha o cheiro de cachorros mortos molhados e peixe podre. Rownie ouviu o barulho de água em movimento na cratera maior. Ele não olhou por cima da borda, mas gritou para qualquer coisa que pudesse estar movimentando a água por lá.

— As enchentes estão chegando — disse ele para a cratera, para os espíritos maléficos e para os escavadores. — Tomem cuidado. As enchentes estão chegando. — Pode ser que o tivessem ouvido. Pode ser que cada assombração tivesse cavado para si um local seguro, fora do alcance do Rio, se é que existia algum lugar fora do alcance do Rio.

As gotas do teto caíam com maior frequência agora. A água também se infiltrava entre os tijolos. Pequenos riachos escorriam pela terra por baixo dos trilhos e iam se engrossando. A terra sumiu. Os trilhos sumiram. Havia apenas água, até os tornozelos deles e depois até os joelhos. A luz de vagalume do feitiço de Graba começou a se apagar.

Rownie e seu irmão avançavam com dificuldade pela água que ia subindo. Eles se movimentavam devagar. Rownie achava que não iam conseguir cobrir toda a distância de volta até o Lado Sul, antes que o túnel ficasse totalmente inundado. Não sabia o que fazer. Estava se sentindo inútil, indefeso e pequeno. Achou que precisava ser diferente de si mesmo. Por isso, pegou a máscara de raposa e a vestiu.

À luz que ia se apagando, cada vez mais fraca, Rownie viu o túnel ao redor deles através dos olhos da raposa.

Viu uma porta na parede do túnel. Lembrou-se do que Essa tinha lhe dito sobre a escada da Torre do Relógio: a escada descia direto pela pilastra central, seguindo cada vez mais para baixo.

— Sei meu caminho — disse ele a Rowan — e posso adivinhar o seu. — Ele ainda não conseguia se lembrar do resto daquela fala, mas sabia o que

precisava saber. Abriu caminho pelo túnel, movimentando-se como uma raposa e puxando seu irmão junto.

Eles chegaram à porta. Ela estava trancada, mas isso não tinha muita importância, porque a fechadura também estava toda enferrujada e quebrada. A madeira e o metal se queixaram quando Rownie os empurrou, mas mesmo assim a porta se abriu. No escuro por trás dela, Rownie encontrou uma escada de ferro. Pegou no corrimão e o sacudiu com força. Nada se quebrou nem se soltou. Parecia que não estava assim tão enferrujada.

Rownie e Rowan subiram sem parar pela escada de ferro. Passaram por aposentos que costumavam ser alojamentos militares e agora estavam vazios. Um pouquinho de sol nublado se infiltrava por janelas estreitas. A luz parecia forte e ofuscante depois da penumbra do túnel.

Agora Rownie estava com raiva. O impulso da raiva o empurrava adiante. Sua pele estava furiosa, seus ossos estavam furiosos e seu coração estava furioso com a cicatriz vertical no peito de Rowan, no lugar onde antes ficava o coração do irmão.

Subindo, passaram pelo nível do Caminho das Rabecas e seguiram pela Torre do Relógio acima. Rownie conduzia Rowan por entre as máscaras e as engrenagens e pêndulos do tamanho de árvores, por baixo dos mostradores de vitral do relógio.

Ele tirou a máscara de raposa e gritou por ajuda.

Terceiro Ato, Cena IX



SEMELE SAIU DO ESCONDERIJO por trás das estantes. Essa pulou de algum lugar lá no alto. Patch veio mancando da despensa com a ajuda de Nonny. Thomas aproximou-se com a ponta da bengala estalando no piso da torre.

— Você encontrou seu irmão! — disse o velho Goblin. Ele chicoteou o ar com a bengala, com um zunido de comemoração. — Magnífico! Como foi que você conseguiu essa façanha? Não importa, não importa, conte-nos a história quando estivermos lanchando. Seja bem-vindo de volta, jovem Rowan. Sua escolha do momento foi absolutamente impecável.

Rownie não disse nada. Rowan não disse nada. Semele foi a primeira a perceber os dois tipos diferentes de nada de cada um deles.

— Psiu — disse ela para Thomas. — Psiu. — Ela levantou um canto rasgado da camisa de Rowan e então voltou a pô-lo no lugar para cobrir a cicatriz.

— Ele não sabe quem eu sou — disse Rownie, sentindo sua fúria ir se esgotando. Não queria que ela acabasse. Lutou para mantê-la. A fúria o mantinha em atividade. Ela o mantinha aquecido. Mas agora palavras caíam

de sua boca como seixos gelados. — Ele só fica ali parado, com as costelas vazias, e não me reconhece.

Semele pegou a mão de Rownie e fez que não.

— Ele se lembra de você, sim — disse ela. — Perder o coração significa ter perdido a vontade, mas não a si mesmo. Ele ainda está ali. Ele ainda sabe tudo o que sabia. — Sua voz ficou mais baixa e mais cuidadosa. — Mas a intenção e a vontade foram tiradas. Ele não tem nenhum impulso a não ser o que os outros lhe dão.

— Podemos encontrar seu coração? — perguntou Rownie. Podemos pôr ele de volta no lugar?

Semele não disse que não. Não precisava dizer. Não disse mais nada.

Rownie fez que não. Não era verdade. Ele não deixaria que fosse verdade.

— Ele parece muito calmo — disse Essa, numa clara tentativa de ajudar, sem saber como. — A falta do coração não parece ser muito incômoda.

— Ele é um boneco — disse Thomas, triste e revoltado. — Que o Prefeito coma patê de fígado rançoso e tenha cólicas arrasadoras. As enchentes estão chegando, e a cidade não tem quem possa falar por ela.

— Na realidade, as enchentes estão chegando agora mesmo — disse Essa. — Eu teria avisado antes e estava descendo para cá para isso, mas quando cheguei pareceu uma grosseria interromper, porque arrancaram o coração do irmão de Rownie e lamento muito por tudo isso. Mas agora preciso lhes dizer que as enchentes já estão aqui. Da face do relógio voltada para a nascente do rio dá para ver a água subindo.

— Também dá para ouvir — disse Semele. — Escutem.

Um som como o de um trovão permanente e interminável enchia o espaço ao redor deles. Ele ia ficando mais alto. Vinha das águas por baixo da ponte e da máscara mais velha de todas. As tranças de algas de rio flutuavam em torno da máscara como uma crina.

Thomas bateu no piso duas vezes com a bengala.

— A seus lugares, todos! — disse ele, com a voz retumbante. — Essa, volte já para cima pela escada em caracol. Faça soar os sinos da torre, se aqueles trecos velhos ainda puderem soar. Qualquer um que ouça esse som, e se lembre do que significa, tratará de subir para os montes. Nonny, ajude-

me a jogar uns sacos de areia por trás das portas da torre. Trancas e correntes não vão impedir a entrada do Rio se ele chegar a esta altura. Patch, venha nos ajudar se seu ferimento permitir, ou então venha só nos fazer companhia. Rownie... — Thomas fez silêncio, e depois abanou a cabeça. — Rownie, cuide do seu irmão.

— E se a ponte inteira desabar? — perguntou Essa.

— Esta ponte está de pé há muito tempo — respondeu Thomas.

— Porque as pessoas não param de reconstruí-la — retrucou Essa. — Não, porque ela nunca desmorona! Às vezes, ela desaba mesmo!

Thomas bateu de novo no chão com a ponta da bengala, como que para demonstrar que ele era sólido.

— A seus lugares, todos! — rugiu ele, mais uma vez. E então aos sussurros para Semele. — Um feitiço ou um encantamento para ajudar a manter essas pedras unidas não seria inapropriado.

— Suponho que ajudasse, sim — disse Semele.

— Você inspira enorme confiança — disse Thomas. — Comporei minhas últimas palavras enquanto empilho sacos de areia.

Todos trataram de se mexer, menos Rownie e seu irmão sem coração. Rowan parecia perfeitamente satisfeito de ficar ali parado, com a ponte desabando ou não debaixo deles.

— Você está escutando? — perguntou-lhe Rownie. — Você ouve o que estamos dizendo? Sabe o que está acontecendo? — Ele cutucou o braço de Rowan, sem obter nenhuma reação. Deu um chute na canela do irmão, também sem ver nenhuma reação. E logo desejou sinceramente não ter dado o chute. Sentiu o próprio coração bater forte contra a caixa torácica, como se quisesse fugir para o lugar mais distante possível dali.

As pedras e os mecanismos de metal da Torre do Relógio gemiam. Rownie achou que também ouvia música no som, mas não podia ter certeza. Depois, o barulho da enchente aumentou. Ele roncava e ressoava na garganta invisível da máscara do Rio.

O ronco fez mudar alguma coisa dentro do peito de Rownie. Ocorreu-lhe uma ideia.

— Vamos — disse ele. — Pode ser que você não tenha nenhuma vontade nem impulso, mas acho que posso encontrar um pouco para você. — Pegou a mão do irmão e o levou até a primeiríssima máscara, a máscara que também era o Rio, a que nenhum ator jamais usava. A boca aberta da máscara retumbava. Rownie sentiu muito medo de afundar e se afogar naqueles olhos sem fundo.

Ele tirou a máscara da parede. Ela era feita de pedra e muito pesada. Cambaleou com o peso.

— Rownie? — gritou Thomas, do outro lado da torre. — Não importa o que você esteja fazendo, duvido muito que seja uma boa ideia!

— Provavelmente não é — respondeu Rownie, mas não devolveu a máscara a seu lugar. Ele olhou para o irmão. — Vou pôr esta máscara em você. Espero de verdade que você não se importe. Mas, se alguém tem como não se afogar debaixo dela, esse alguém é você. — Ele subiu num caixote e pôs a máscara sobre o rosto de Rowan.



A máscara do Rio fundiu-se com a pele de Rowan. As linhas riscadas e pintadas nela escorriam de um lado a outro de seu rosto. Rowan jogou a cabeça para trás, abriu a boca e deu um grito sem palavras, com uma voz imensa, capaz de abrir cânions. O som era uma ponte de água entre as montanhas e o mar.

Rownie pulou de cima do caixote.

— Rowan! — gritou ele, enfrentando a investida turbilhonante e impetuosa do barulho.

Rowan olhou para ele, com o cabelo se contorcendo como algas do rio levadas por correntezas fortes. Seus olhos tinham se tornado plenos e imensos.

— Oi — disse Rownie ao irmão, que também era o Rio. — Por favor, nada de inundações.

— Essa não é uma ideia muito boa! — gritou Thomas, enquanto se apressava para atravessar o piso da torre. — Onde está a máscara da cidade? Nonny, apanhe a máscara da cidade! Depressa, depressa, depressa. A origem

de toda a nossa arte parece estar em andamento, e ninguém ensaiou para isso!

Os Goblins se reuniram. Nonny apresentou a máscara de Zombay. Rownie pegou-a, mas não a vestiu e não desviou o olhar dos olhos insondáveis de seu irmão.

— Você se lembra de sua primeira fala? — perguntou-lhe Thomas, baixinho. Rownie fez que sim.

— Via mais antiga. Irmão mais velho. Ouça o que lhe digo. Por favor, nada de inundações.

— Bem parecido — disse Thomas. — Mas você deveria realmente usar aquela máscara, se quiser falar em nome da cidade.

— Não — disse Rownie, exibindo a máscara de Zombay, mas deixando o próprio rosto descoberto. — Ele precisa ver que sou eu. Precisa saber que sou eu.

As águas batiam com violência nas pilastras da ponte abaixo deles. Pedra rangia contra pedra. Os mecanismos do relógio se esforçavam uns contra os outros, com ruídos metálicos de alarme. Thomas fazia os próprios ruídos de exasperação.

— A linha seguinte é: “Eu falo em nome da cidade, e de toda a cidade, o Norte, o Sul e a ponte entre os dois lados.”

— Por favor, nada de inundações — disse Rownie. — Por mim e por todas as outras pessoas, por todos em Zombay.

O Rio, que também era Rowan, estendeu a mão e cutucou o nariz de Rownie.

— Bela máscara essa aí — disse ele, com todo o ronco do Rio na distância de sua voz.

Rownie fez uma cara amarrada, como a de um pirata.

— A sua é melhor — disse ele.

— Obrigado — disse Rowan, com as linhas da máscara do Rio ondulando sobre seu rosto. — Obrigado por me fazer entrar em movimento.

Rownie deu um abraço apertado no irmão, e o irmão o abraçou de volta.

— De nada. Por favor, nada de inundações.

— Ouvi na primeira vez que você falou — disse Rowan. — Mas vou precisar sair para resolver isso. — Ele falava baixinho, mas sua voz ainda trovejava.

Rownie quis discutir. Mas não o fez. Em vez disso, concordou em silêncio.

— E você vai voltar um dia?

— Você sabe como me encontrar — disse Rowan, com um sorriso.

Os dois irmãos se separaram. Rowan encostou as duas mãos na parede voltada para a nascente do rio. Escorria água da ponta dos seus dedos, e ela abria caminho entre as pedras, enfraquecendo a argamassa. Rowan empurrou. Algumas pedras foram deslocadas e caíram.

Pelo espaço aberto, Rownie viu a enchente. Ela já enchia a maior parte do barranco. Ondas arrancavam rochas e árvores das margens dos dois lados.

— Tchau — disse Rowan, com os olhos imensos, o cabelo ondulante como se o ar fosse água.

— Tchau — disse Rownie.

Seu irmão pulou por cima da borda. Atravessou o ar como um martim-pescador e mergulhou na superfície de si mesmo.

A trupe reuniu-se junto de Rownie. Todos ficaram olhando, enquanto as águas da enchente se acalmavam, perdiam velocidade, diminuía o volume e passavam abaixo de seus pés e da Ponte do Caminho das Rabecas.

Terceiro Ato, Cena X



ROWNIE DEIXOU A TORRE DO RELÓGIO naquela noite, com um seixo cinza esverdeado em seu único bolso. Passou por vários músicos no Caminho das Rabecas, mais músicos do que já tinha visto ou ouvido na ponte ao mesmo tempo, mas estava muito mergulhado nos próprios pensamentos para realmente ouvir o que eles tocavam.

Queria estar sozinho em seu lugar de atirar seixos, mas Vass estava esperando por ele. Estava sentada na mureta de pedra, brincando de cama de gato. Ela não olhou para ele. Rownie subiu na mureta e se sentou ao lado.

— O Prefeito deu uma casa só para você? — perguntou ele.

— Deu, sim — respondeu Vass. — Um lugar empoeirado e assombrado por espíritos maléficos bem aqui, no Caminho das Rabecas, e ele é todinho meu.

— Ele prometeu uma casa no Lado Norte — disse Rownie.

— Prometeu, sim — concordou Vass —, mas ele está menos satisfeito comigo agora do que estava antes, mesmo eu tendo conseguido fazê-lo atravessar o túnel em segurança. Mas, no fundo, não me importo. Não gosto

tanto assim do Lado Norte, e não é ruim morar num refúgio protegido. Ninguém pode ser preso na ponte.

Ela ficou com um dedo enrolado na cama de gato e tentou desenredá-lo. Rogou uma praga. A teia de barbante virou cinza e foi soprada dali. Ela praguejou mais uma vez, pegou mais barbante de uma bolsinha no cinto e começou de novo.

— Falando em refúgio protegido, eu não sairia do Caminho das Rabecas por um tempo. O senhor Prefeito está irritado com você. Vi alguns cartazes com seu rosto e seu nome.

— Não tenho nome — disse Rownie. — Só tenho o nome do meu irmão, no diminutivo. — Disse isso sem rancor, mas Vass se encolheu ao ouvir as próprias palavras, voltando-se contra ela.

— Acho que agora esse é seu nome — disse ela.

— Pode ser. — Rownie olhou para o Rio, que ainda estava mais alto do que de costume. — Vai ver que é mesmo meu nome. — Ele tornou estas palavras mais verdadeiras ao pronunciá-las em voz alta.

Vass ficou de novo com os dedos enredados no barbante. Ela reprimiu uma praga e começou a desemaranhar os dedos devagar. Parecia estar lutando com as palavras, tanto quanto lutava com o barbante.

— Me perdoa — disse ela finalmente. — Me perdoa por ter levado o Prefeito e o Capitão a atacar você. Sinto muito por Rowan. Eu não sabia o que tinham feito com ele. Não sabia mesmo. Achei que entregar você ao Prefeito não seria nem de longe tão horrível quanto o que Graba teria feito com você. Eu estava errada. Me perdoa.

Rownie olhou para ela, surpreso.

— Tudo bem — disse ele.

Vass o encarou e então olhou ao longe.

— Parece que Graba vai mesmo deixar você em paz. O Lado Sul não foi inundado. Ela deve estar feliz por isso, mais feliz do que nunca. E sabe que você teve alguma participação. De modo que pode ser que ela deixe você em paz.

— Ótimo — disse Rownie. — Fico feliz por não ter de me preocupar tanto com pombos.

Os dois ficaram olhando o Rio passar por baixo do Caminho das Rabecas. Vass desistiu então da cama de gato e desceu da mureta.

— Vou estar aqui se você precisar de algo enfeitado ou amaldiçoado — disse ela.

— Tchau, Vass — disse Rownie. — Boa sorte com os feitiços e maldições. — Ele quase disse *Quebre a perna* em vez de *Boa sorte*, mas achou que ela poderia entender mal.

Quando se viu sozinho, seus dedos procuraram o seixo no bolso do casaco. Ele o pôs na mureta e o girou algumas vezes, como um pião. Então atirou o seixo, só para dar um olá. Rownie ficou olhando seu irmão se esticar para agarrar o seixo.

Ele desceu da mureta e voltou para a Torre do Relógio, passando pelas portas da estrebaria que Semele o tinha convidado a ver. Voltou para aprender a arte das máscaras, da esgrima e todos os outros conhecimentos de sua nova profissão. Voltou para lanchar.

A torre cheirava a comida sendo preparada, um cheiro bom, amanteigado. Aquilo fez com que se lembrasse de que estava com fome; a fome o acompanhava sempre e vibrava por trás de tudo o que fazia. O cheiro fez com que se lembrasse de que aqui não valia o “cada um por si”. Tirou o velho casaco do irmão enquanto subia a escada e procurou um cabide de fantasias para pendurá-lo. Era estranha a sensação de estar sem ele.

Alguém — provavelmente Nonny — tinha posto um fogão a lenha do lado de fora da despensa e instalado um cano comprido de metal para servir de chaminé. A fumaça do fogão subia pelo cano e saía lá em cima entre os mecanismos da torre.

Junto do fogão, Thomas estava de pé, usando avental. Ele punha colheradas de massa numa frigideira chata de metal. Semele estava sentada ali perto, com um livro nas mãos e os pés num banquinho, com os dedos voltados para o fogão para aproveitar o calor. Nonny, Patch e Essa estavam todos atirados no chão jogando cartas. Thomas olhou para o garoto, resmungou e pegou um pão na chapa pronto, pondo-o num prato.

— Não vá queimar os dedos — disse o velho Goblin.

Rownie pegou o prato e se sentou com os outros membros da trupe. Sentia um tremor nos dedos e estava com água na boca, mas esperou que o lanche esfriasse.

Agradecimentos

TODO UM ELENCO DE PALCO E BASTIDORES criou este livro, e sou profundamente grato pelo apoio profissional, estético e emocional que recebi ao longo do caminho.

Obrigado a Karen Wojtyla e Emily Fabre pela orientação editorial extraordinária e rigorosa. Obrigado a Beth Fleischer, Joe Monti e Barry Goldblatt por seu agenciamento hábil e experiente. Obrigado a Holly Black, Kelly Link e Catherynne M. Valente por cultivarem os escritos iniciais ambientados em Zombay. Obrigado a Barth Anderson, Haddayr Copley-Woods, David Schwartz e Stacy Thiesen pelo incentivo e pelas críticas implacáveis. Obrigado aos professores Phyllis Gorfain, Paul Moser, Roger Copeland, Michael Faletra, Andrew Barnaby e Richard Parent por seu conhecimento e disposição a compartilhá-lo. Obrigado ao Minnesota State Arts Board, à Minneapolis College of Art and Design e à Rain Taxi por tudo o que fazem para apoiar as belas-artes e a literatura da região.

Obrigado aos mestres da confecção de máscaras Bidou Yamaguchi e Jeff Semmerling. Os dois compartilharam comigo informações essenciais sobre sua arte; e os dois têm máscaras com seu nome neste livro. Obrigado aos muitos artistas assombrosos que criaram novas máscaras inspirados em minhas máscaras simbólicas. Experimente dar uma passada por goblinsecrets.com e se maravilhar com a obra deles, e usá-la você mesmo.

Obrigado a *mis sobrinos* Isaac, Navarro, Kyla e Suzannah por me fazerem lembrar de tantas coisas de que eu já tinha me esquecido da infância. Obrigado a Melon Wedick, Jon Stockdale, Ivan e Rachel Bialostosky, Nathan Clough, Ahna Brulag, Felicia Batzloff, Will Adams, Matthew Aronoff, Bradford Darling e a Bethany, Kel, Kay e Guillermo Alexander. Todos eles perambularam por Zombay e me disseram coisas sobre o lugar que eu não sabia antes.

Muitos milhares de obrigados a Alice Dodge por cultivar este livro em todas as etapas — e também por se casar comigo.

Título original

GOBLIN SECRETS

Este livro é uma obra de ficção. Qualquer referência a fatos históricos, pessoas reais ou localidades foi usada de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright do texto © 2012 *by* William Alexander

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Primeira publicação por Margaret K. McElderry Books, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division – 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S. L. Todos os direitos.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais

JOANA DE CONTI DOREA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: agosto, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A43s

Alexander, William

O segredo dos Goblins [recurso eletrônico] / William Alexander; tradução Waldéa Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.
recurso digital

Tradução de: Goblin secrets

ISBN 978-85-7980-378-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Barcellos, Waldéa. II. Título.

17-41403

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

0 Autor

William Alexander é um premiado autor best-seller de fantasia e ficção científica para crianças. Ele é da segunda geração de cubano-americanos que imigraram para os Estados Unidos. Estudou teatro e folclore na Oberlin College, inglês na University of Vermont e escrita criativa na Clarion. Ele ensina no departamento de Fine Arts da Vermont College, no programa de escrita para crianças e jovens.